

Aline Pauli Mallmann

Imigrantes brasileiras e o contexto associativista do Concelho do Porto: vivências, discriminação, imagens, estratégias de socialização e (re)construção de identidades



Universidade Fernando Pessoa

Porto

2010

Nome da Aluna: Aline Pauli Mallmann

Título do Trabalho: Imigrantes brasileiras e o contexto associativista do Concelho do Porto:
vivências, discriminação, imagens, estratégias de socialização e
(re)construção de identidades

Orientador(a): Profa. Doutora Alcinda Cabral

Parecer do Orientador(a): _____

Aline Pauli Mallmann

Dissertação apresentada à Universidade Fernando
Pessoa como parte dos requisitos para a obtenção do
grau de Mestre em Cidadania e Responsabilidade
Social.

SUMÁRIO

As mulheres oriundas do Brasil representam a maior comunidade imigrante em Portugal, e o Porto é uma das regiões em que são maioria, assim como há também duas associações de brasileiros: a Associação de Apoio a Cidadania Lusófona e a Associação Mais Brasil. Percebendo a importância destes espaços na integração/adaptação destas em sociedade portuguesa, entrevistou-se 30 brasileiras - 13 da AMB, 13 da AACILUS e 4 de ambas as instituições - com os objetivos de identificar suas características, assim como às das suas vivências quanto imigrante, e compreender como ocorrem as suas relações com estes espaços. Na população de análise, a faixa etária predominante é a dos 36 aos 45 anos de idade. A maioria das entrevistadas são das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil. As suas formações são bastante fragmentadas entre Ensino Médio, Técnico e Superior. Nenhuma possuindo apenas o Ensino Fundamental. Grande parte está empregada ou realiza serviços prestados, e 12 são casadas ou possuem “uniões de fato” com cidadãos portugueses. A imensa maioria migrou como turista e realizou a sua viagem sozinha, mas possuía alguém à sua espera. Muitas delas, pelo motivo de insatisfação geral com as suas situações em sociedade de origem, viram Portugal como um lugar para novas perspectivas. Porém, ao chegarem, depararam-se com um quadro de dificuldades: dificuldade inicial com a comunicação e sociabilidade com os portugueses, a inserção no mercado de trabalho pela não correspondência às suas qualificações profissionais, excesso de carga horária de trabalho, adaptação dos filhos, além dos entraves relacionados à imagem da mulher brasileira que, desde longa data, existe no imaginário português, e que vêm a transpassar diferentes espaços cotidianos, fazendo, dessa forma, com que criem estratégias de socialização, como modificar a fala, alterar a forma habitual de se vestir e de estar. No caso das imigrantes que são casadas ou que possuem “uniões de fato” com portugueses, a família do cônjuge vem a ser, em muitos casos, a promotora principal de situações de discriminação e constrangimento. Contudo, a qualidade de vida vem a ser superior a que tinham antes no Brasil, em específico com relação à saúde, ao transporte, à segurança, e à educação, principalmente, na opinião das que possuem filhos, fixando, com isso, a decisão de permanência em terras portuguesas. Por conseguinte, acabam indo à procura de associações por diferentes motivos, mas, no geral, por querer uma aproximação com a cultura de origem, ou, até mesmo, por garantia de apoio. Nas entrevistas, identificou-se determinados aspectos que se diferem ou que se assemelham quanto às satisfações e insatisfações acerca do desempenho das associações. Se por um lado, a primeira

não corresponde às exigências sobre os eventos de convívio, por outro, a segunda vem dando conta deste quesito, porém, a reclamação se faz na limitação de pessoal e de propostas temáticas, que, segundo as entrevistadas, acabam sendo repetitivos. No entanto, ambas não atenderam as expectativas com relação aos programas de esclarecimento, cursos, orientação na busca por trabalho, sobretudo no que concerne o universo feminino brasileiro.

SUMMARY

The originated women from Brazil represent the major community immigrant in Portugal, and the region of Porto is one of that they are majority, as well there are two associations of Brazilians: the Association of Support to the Lusophone Citizenship and the Association Mais Brasil. Realizing the importance of this places in the integration/adaptation of their in the Portuguese society, were interviewed 30 Brazilian women – 13 from AMB, 13 from AACILUS and 4 of both institutions – with the aims of identify their characteristics, as well their experiences as immigrants, and to understand how happened their relations with such places. In the population of analyze, the predominant age group it's from 36 to 45 years old. Most of the interviewed women are from the Southeast and the Northeast regions of Brazil. Their backgrounds are quite fragmented among high school, technical and higher education. Anyone posses just the elementary school. A large part is employed or performs provided services, and 12 are married or have a “common-law marriage” with Portuguese citizens. The vast majority had migrated as tourist and realized her trip alone, but there us somebody waiting for. Many of them, motivated by the situation in the society of origin, saw Portugal as a place for new perspectives. However, to arrive, encountered with a difficult situations: initial difficulty with the communication and sociability with the Portuguese people, the insertion in the work market due to the not correspondence to the professional qualifications, excessive workload, adaptation of the children, beyond the barriers associated to the image of the Brazilian woman that, since long time, exists in the Portuguese imaginary, and that overcame different spaces daily, doing, thus, that they create socializing strategies, as modify the speak, change the habitual form of dress and be. In the case of immigrants that are married or in a “common-law marriage” with Portuguese, the family of the spouses has to come, in many cases, the main promoter of situations of discrimination and embarrassment. However, the life's quality has to come superior then that one that they had before in Brazil, in specific with relation to the health, to the transport, to the security, and the education, mainly, in the opinion of their children, setting, with that, the decision of remains in Portuguese lands. Therefore, end going search for associations for different reasons, but, in general, to want an approach with the culture of origin, or, even, to ensure support. In the interviews, were identified certain aspects that differ itself or that resemble as satisfactions about the performance of the associations. If for one side, the first one don't corresponds to the demand about the events of living, in the other hand, the second one comes handle of this matter, however, the complaint is made in the limited staff and thematic proposals, that, according to

the interviewed, end being repetitive. Though, both hadn't attended the expectations in relation to the programs of clarification, courses, orientation in the search for job, especially regarding the Brazilian female universe.

Ao Roberto Silva de Souza, o Seu Roberto.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo e de todos, agradeço ao meu sogro Roberto Silva de Souza, o Seu Roberto, homem de grandes ensinamentos e aprendizagem, o qual, através da sua confiança e disposição únicas, tornou possível a minha participação neste curso e a realização deste trabalho. Nesse sentido, agarro-me à frase de Monteiro Lobato, que diz: - “Um país é feito de homens e de livros”, e que certa vez foi complementada pela palavra “oportunidades”. E é a isso que agradeço, às oportunidades que os integrantes da Família Souza vêm dando-me ao longo dos anos em que estamos juntos.

Agradeço à Gisele e ao Jones, pelas suas atenções e pelo seus carinhos espontâneos. Agradeço aos pequenos, Tiago e Mariana, pelas suas tão genuínas presenças. E, de forma especial, agradeço ao meu marido Robson, simplesmente, pelo fato de existir em minha vida.

Agradeço à minha mãe Madalena, por ter apresentado-me a vida através de diferentes olhares, pensamentos, sentimentos, atitudes e lugares. Certamente, sem a sua abordagem, sem a sua forma de viver bastante peculiar, eu seria alguém completamente diferente de quem sou hoje. Ao meu pai Antônio, por ter mostrado-me a vida através dos princípios de dedicação ao trabalho e da persistência para conseguir o que se quer ter e onde se quer chegar.

Às mulheres brasileiras entrevistadas, que confiaram a mim as suas vivências e trajetórias de migração, em especial, à Rosilda Portas.

Gostaria de agradecer à Prof. Doutora Alcinda Cabral, pela sua disposição em orientar o presente trabalho.

Agradeço à Prof. Doutora Teresa Toldy, pela sua dedicação em coordenar o presente curso.

Agradeço, imensamente, a todos os que sempre me valorizaram. Sem eles, nenhum projeto ou sonho teria sido realizado.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	15
-------------------------	----

PARTE I

METODOLOGIA	20
--------------------------	----

1. Técnica para a obtenção dos dados	20
--	----

1.1 A Entrevista semi-estruturada	20
---	----

1.2 Estrutura da entrevista	22
-----------------------------------	----

1.2.a Perfil da Entrevistada	22
------------------------------------	----

1.2.b Percurso Migratório	22
---------------------------------	----

2. Processo de seleção das informantes e aplicação das entrevistas	25
--	----

3. Revisão e justificativa conceitual	26
---	----

3.1 Emigração, emigrante, imigração, imigrante, sociedade emissora e sociedade receptor	26
--	----

3.2 Preconceito, estereótipo e discriminação	28
--	----

3.3 Estereótipo, imagem e estigma	29
---	----

3.4 “Raça”, “Racismo”, “Racista” e a definição jurídica europeia de “discriminação racial	31
--	----

4. Contextualização	37
---------------------------	----

4.1 As mulheres nos processos migratórios	37
---	----

4.2 Mulheres imigrantes brasileiras em Portugal	41
---	----

4.2.a Contexto quantitativo	41
-----------------------------------	----

4.2.b Contexto qualitativo	44
----------------------------------	----

5. Perfil geral das entrevistadas	47
---	----

PARTE II

1. A imagem da mulher brasileira: da colonização portuguesa à imigração em Portugal	54
--	----

1.1 Discriminação: trajetórias percorridas na busca por um espaço no mercado de trabalho	61
1.2 Imagens-recíprocas, estratégias de socialização e (re)composição de identidades	70
1.2.1 Imagens: o que “nós” pensamos d”“eles” e o que pensamos que “eles” pensam de “nós”	77
1.2.2 Estratégias de socialização e (re)composição de identidades: o que mudou e o que não mudou?	82
2. A prostituição e a mulher brasileira: algumas considerações realizadas pelas imigrantes do contexto associativista do Porto	85
3. O Português Brasileiro e o Português de Portugal: que língua falar?	89
4. Os filhos das imigrantes e suas integrações/adaptações em sociedade portuguesa: o espaço escolar e a família	93
5. As relações de intimidade das imigrantes com os portugueses: as diferenças culturais nos casamentos, “uniões de fato” e namoros	98
6. A Igreja Evangélica como espaço de fé e sociabilidade	102
7. Os outros brasileiros? Aliados ou inimigos?	107
8. Qualidade de vida e regresso: sonhos e planos para o futuro?	111
PARTE III	
1. Contexto associativista brasileiro em Portugal	118
1.1 Associações brasileiras no Concelho do Porto	121
1.1.a Associação Mais Brasil/AMB	121
1.1.b Associação de Apoio a Cidadania Lusófona/AACILUS	121
2. As imigrantes brasileiras e as associações no Concelho do Porto	122
2.1 Dados quantitativos	123
2.2 Dados qualitativos	128
2.2.a Discursos produzidos pelas entrevistadas da AACILUS	129
2.2.b Discursos produzidos pelas entrevistadas da Associação Mais Brasil	133
2.2.c Discursos produzidos pelas entrevistadas de ambas associações	135

CONCLUSÃO	138
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	145
ANEXO	159
Anexo 1 – Guião de Entrevista	160

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Comunidades imigrantes de maior representatividade no país no ano de 2008 por sexo	42
Tabela 2 – Número de brasileiros em Portugal nos últimos dez anos por sexo	43
Tabela 3 – Comunidades imigrantes de maior representatividade no Distrito do Porto no ano de 2008 por sexo	44
Tabela 4 – Número de brasileiras entrevistadas	47
Tabela 5 – Faixa etária	47
Tabela 6 – Naturalidade	47
Tabela 7 – Grau de escolaridade	48
Tabela 8 – Situação profissional	48
Tabela 9 – Situação civil/nacionalidade do cônjuge	49
Tabela 10 – Região de morada Concelho do Porto	49
Tabela 11 – Religião	49
Tabela 12 – Cor de pele	50
Tabela 13 – Entrada no país	50
Tabela 14 – Situação no país	51
Tabela 15 – Motivos da vinda para Portugal	51
Tabela 16 – A viagem de vinda a Portugal	51
Tabela 17 – Alguém à espera	52
Tabela 18 – Dificuldade de estabelecimento na sociedade portuguesa	52
Tabela 19 – Discriminação	57
Tabela 20 – Havia garantia de emprego ou atividade remunerada	63
Tabela 21 – Trabalho original	68

Tabela 22 – Utilização de comportamento fora do habitual por temer discriminação/constrangimento	82
Tabela 23 – Dificuldade na comunicação com os portugueses	90
Tabela 24 – Filhos	95
Tabela 25 – Situação civil/ nacionalidade do cônjuge	99
Tabela 26 – Inexistência de registros de indicadores religiosos não-católicos em Portugal no último século/CENSOS	103
Tabela 27 – Existência de registros de indicadores religiosos não-católicos em Portugal nas últimas décadas	103
Tabela 28 – Religião	104
Tabela 29 – Regresso	111

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Comunidades imigrantes de maior representatividade no país no ano de 2008	42
Gráfico 2 – Crescimento do número de brasileiros em Portugal nos últimos dez anos por sexo	43

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Motivo para a procura pela(s) associação(ões)	124
Quadro 2 – Informação sobre a existência da(s) associação(ões)	125
Quadro 3 – Grau de satisfação com o desempenho da(s) associação(ões)	126
Quadro 4 – Influência da(s) associação(ões) na estadia em Portugal	126
Quadro 5 – Recebimento de cópia de estatuto	127
Quadro 6 – Necessidade de programas voltados à integração de mulheres brasileiras ...	127
Quadro 7 – Participação, e frequência, em evento promovido pela(s) associação(ões) ...	128

GLOSSÁRIO

AACILUS – Associação de Apoio a Cidadania Lusófona

a.C. – Antes de Cristo

ACIDI – Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural

ACIME – Alto Comissariado para Imigração e Minorias Étnicas

AMB – Associação Mais Brasil

AP – Autorização de Permanência

AR – Autorização de Residência

CENSOS – Recenseamentos da População e Habitação

COCAI – Conselho Consultivo para os Assuntos de Imigração

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IED – Instituto de Estudos para o Desenvolvimento

IRS – Imposto sobre o Rendimento de pessoas Singulares

SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

UNESCO – United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization

INTRODUÇÃO

Desde a última década, em Portugal, o registro do crescimento do número de imigrantes vem despertando a atenção de diferentes setores – Poder Público e Privado e Instituições Acadêmicas e Sociais – que estão preocupados em compreender e atender a este fenômeno sob peculiares perspectivas. Não obstante, o número de imigrantes brasileiros, em especial o de brasileiras, que acabam por caracterizar a maior população estrangeira residente no país, quer no seu todo, quer no que respeita ao sexo feminino, também ganha relevância.

De acordo com *Dados Estatísticos do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF)*, sobre a *População Estrangeira em Território Nacional*, no ano de 2008, registrou-se o total de 440.277 estrangeiros. Número este que vem aumentando em grandes proporções, pois, em 1999, o registro era o de 191.143. Concomitante, ocorre de forma significativa o de imigrantes oriundos do Brasil, que, neste mesmo ano, foi de 20.851; e, já, em 2008, 106.961, ou seja, em dez anos, houve um acréscimo de aproximadamente 513%.

Entretanto, cabe aqui ressaltar, o fato de que, no ano de 2007, foi aprovada a Lei n.º 23/2007 – *Lei de Imigração em Portugal* – que criou maiores possibilidades de regularizar a situação de estrangeiros que estavam ilegalizados, e, além disso, garantiu uma maior estabilidade através de *Acordos Internacionais*, como no caso do *Acordo Lula*, onde propiciou aos brasileiros, os quais fizeram pedidos de regularização e que obtiveram *Visto de Trabalho*, as suas *Autorizações de Residência*. Outro aspecto importante, neste momento de alterações da Lei, diz respeito às Associações de Imigrantes, que ganharam espaço no Conselho Consultivo para os Assuntos de Imigração (COCAI), podendo assim realizarem programas de divulgação de ofertas de empregos e prestar apoio aos imigrantes, auxiliando-os nas suas legalizações.

No caso dos estrangeiros de nacionalidade brasileira, percebe-se que, de um ano para outro (2007/2008), foi apresentada uma grande elevação em comparação aos anos anteriores, pois de 66.354 imigrantes, constatou-se 106.961, significando um aumento de aproximadamente 62%. Além disso, verificou-se o crescimento no número de mulheres brasileiras, que, desde o ano de 2003, vem ultrapassando ao de homens. No ano de 2008, as mulheres imigrantes brasileiras já representavam 53,8% com relação ao total de brasileiros.

Os distritos que caracterizam os cinco maiores índices predominantemente femininos brasileiros, são, respectivamente, Lisboa (24.329), Setúbal (6.666), Faro (6.104), Porto (4.749) e Santarém (3.800).

Observa-se que a atenção a este fenômeno é atual, porque historicamente o percurso migratório possuía marcas fortemente definidas pelo universo masculino. Na época dos descobrimentos, com as navegações marítimas, fixou-se a ideia de que os homens é que saíam de seus países de origem para realizarem suas buscas em território internacional, e assim ficou durante muito tempo.

Nos estudos de Ravenstein, pioneiro nas teorias migratórias, no século XIX, onde é desenvolvido um conjunto de leis explicativas, salientou-se que as migrações de mulheres eram caracterizadas por serem de curta distância. Já em meados da década de 70, do século passado, pode-se destacar que a imigração feminina era estudada dentro do quadro das migrações familiares e não como fenômeno autônomo. E, nos finais da década de 70 e início da de 80, é que se percebe a introdução de análises sobre a posição das mulheres na estrutura social e das relações de gênero, com os estudos de perspectivas feministas (Albuquerque, 2005).

Hoje, as causas do processo migratório feminino já são explicadas sob a luz de esquemas teóricos das Ciências Sociais, que, além de ilustrarem sobre sua qualidade mais autônoma, argumentam que “as sociedades estão organizadas em torno de relações hierárquicas de poder”, onde “cada pessoa possui um estatuto de maior ou menor privilégio”, e que, por isso, este fenômeno necessita ser analisado através de uma visão multidimensional, em que as questões de gênero, de classe e de pertença étnica sejam vistas como variáveis que podem influenciar umas às outras (Albuquerque, 2005, p. 39).

Em Portugal, no que diz respeito às mulheres brasileiras, muito se destaca dos fatores de sexualização, de exotização e de mercado de trabalho, sendo possível detectar atribuição de graus de privilégio a partir das questões de gênero, de classe, de cor de pele e de pertença étnica. Questões como imagens e estereótipos associadas às brasileiras são debatidas no âmbito acadêmico, que se utiliza, especialmente, do meio midiático como campo de observação, em que há “uma grande associação entre gênero e nacionalidade nas

representações da mulher brasileira” (Pontes, 2004, p. 232), e que, conseqüentemente, vem a influenciar nas relações desenvolvidas entre estas imigrantes e portuguesas.

No ano de 2005, a SOS RACISMO publicou um livro onde foram reunidos 21 artigos sobre o fenômeno da imigração feminina em Portugal. Os estudos versam sobre variadas frentes de análises, quantitativas e qualitativas, e buscam atingir às diferentes populações de imigrantes residentes no país, assim como suas respectivas especificidades de conflitos em sociedade de acolhimento.

O início da publicação dá-se pela temática “o conhecimento que as Câmaras Municipais possuem sobre as comunidades estrangeiras”, expondo-se que o “poder local tem um papel predominante na inserção social e na definição de políticas de cidadania inclusiva” (Azevedo et al., 2005, p. 11). Porém, o confirmado foi que os resultados gerais obtidos, através de inquéritos enviados às Câmaras Municipais, deixaram a desejar em relação ao conhecimento sobre as populações imigrantes residentes nos Concelhos, e desenvolvimentos de políticas de integração em prol destas. Além da carência de dados acerca da realidade qualitativa dessa população, a apresentação estatística mostrava-se aquém da quantificação já levantada por outras Entidades (Cruz, 2005).

Com base nisto, para a realização do referido estudo, foram levados em consideração os dados do SEF, pois, de acordo com as argumentações apresentadas pelos pesquisadores, os registros estatísticos fornecidos, por esta organização, sobre estrangeiros residentes no país, desde os anos 90, apresentaram-se maiores, e, também, porque são apresentados em relatórios anuais.

Embora se verifique que o poder local possui pouca efetividade no que tange às populações imigrantes femininas, tem-se o conhecimento de que as Associações, apoiadas pelo Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), desempenham papel essencial nesse domínio e noutros, servindo de mediadoras entre o Estado e as comunidades imigrantes, e de compensadoras no que toca às questões deficitárias de acesso aos direitos de cidadania. As associações são espaços de encontros, de apoio e de partilha dos imigrantes com seus compatriotas. São necessidades primárias dos imigrantes na tentativa de refazer o grupo de pertença (Albuquerque e al., 2000; Cabral, 2007).

Diante das constatações acerca do crescimento do número de imigrantes oriundas do Brasil, e dos dilemas prováveis que são vivenciados por estas mulheres, questiona-se sobre o papel das Associações na integração destas. A pergunta faz-se diretamente com relação à sociedade portuense, já que o Porto é um dos espaços que abrigam um grande número de brasileiras e também possui dois espaços de associativismo voltados para esta comunidade.

Que mulheres brasileiras são atendidas pelas Associações existentes no Concelho do Porto, e a que tipo de auxílios recorrem? Como ocorrem suas vivências na sociedade de acolhimento? Como ocorrem as relações entre as imigrantes brasileiras e estes espaços? Eles estão dando conta dos pedidos demandados por estas imigrantes?

Logo, o presente estudo buscará analisar as vivências de brasileiras em sociedade de acolhimento, bem como suas relações com as associações. Além disso, buscar-se-á identificar tipos de atendimento existentes que contemplem especificidades voltadas para as mesmas, verificar-se-á os graus de eficácia conseguidos nestes atendimentos, e, conferir-se-á se há dimensões que ainda não foram contempladas, e as causas respectivas.

PARTE I

METODOLOGIA

1. Técnica para a obtenção dos dados

Este estudo tem como característica metodológica a análise qualitativa dos dados, os quais foram levantados através de aplicação de entrevistas semi-estruturadas realizadas com mulheres brasileiras que fazem parte do contexto associativista imigrante do Concelho do Porto, Portugal, durante o primeiro semestre do ano de 2010. O universo aqui estudado, portanto, possui particularidades concretas, tempo e espaço (Flick, 2005).

1.1 A Entrevista semi-estruturada

Como técnica para a obtenção dos dados, será utilizada a entrevista semi-estruturada com perguntas abertas e desenvolvida a partir de um modelo único a ser aplicado. A escolha partiu do princípio de que há a possibilidade de se obter informações específicas e com maior profundidade a respeito das experiências vivenciadas pelas imigrantes brasileiras em sociedade de acolhimento.

Com o uso da técnica, torna-se capaz descrever fenômenos sociais, assim como explicá-los através da compreensão da sua totalidade, com “a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações” (Triviños, 1987, p. 152). Além disso, dá espaço para que o agente da pesquisa, assim que perceba a relevância sobre determinado ponto a ser respondido, possa elaborar de maneira espontânea uma outra pergunta secundária, que virá a complementar a temática estudada (Manzini, 1990).

Optou-se pela entrevista, ao invés do questionário, pelo fato de que esta última técnica poderia não ser suficiente na recolha de informações, comprometendo assim a qualidade dos dados fornecidos. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa baseada em narrações, opiniões, vivências, a entrevista mostrou ser a técnica adequada.

De acordo com Gil (1989, p. 114), a entrevista possui algumas vantagens com relação ao questionário:

- a) não exige que a pessoa entrevistada saiba ler e escrever;
- b) possibilita a obtenção de maior número de respostas, posto que é mais fácil deixar de responder a um questionário do que negar-se a ser entrevistado;
- c) oferece flexibilidade muito maior, posto que o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista;
- d) possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e a ênfase nas respostas.

O autor afirma que “a entrevista é seguramente a mais flexível de todas as técnicas de coleta de dados de que dispõem as ciências sociais” (1989, p. 115), possuindo vantagens no tratamento dos dados, que podem ser trabalhados tanto qualitativamente quanto de forma quantitativa através de uma análise sistemática.

Para Barata (2002), a entrevista contém um caráter mais extenso e metódico quanto à atenção dada ao informante. Ela também pode ser fundamental na obtenção de dados que não seriam conseguidos de outra forma. Nela há espaço para os informantes narrarem e opinarem, e para os entrevistadores observarem com acuidade o comportamento destes enquanto respondem ao inquérito.

Sobre o desenvolvimento da entrevista Quivy & Campenhoudt (2008, p. 192) elucidam:

Instaura-se, assim, em princípio, uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor do investigador exprime as suas percepções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações ou as suas experiências, ao passo que, através das suas perguntas abertas e das suas reacções, o investigador facilita essa expressão, evita que ela se afaste dos objectivos da investigação e permite que o interlocutor aceda ao grau máximo de autenticidade e de profundidade.

E chamam a atenção:

Se a entrevista é, antes de mais, primeiro um método de recolha de informações, no sentido mais rico da expressão, o espírito teórico do investigador deve, no entanto, permanecer continuamente atento, de modo que as suas intervenções tragam elementos de análise tão fecundos quanto possível.

Portanto, percebe-se a técnica de entrevista estruturada, seguida num plano ordenado de perguntas pré-estabelecidas de forma dirigida, como a técnica a ser utilizada para a realização deste estudo. Ela possibilitará que as entrevistadas respondam às questões de forma espontânea através de relatos, opiniões, apontamentos, qualificando, assim, o grau dos dados

obtidos, e, além disso, permitirá ao investigador realizar apontamentos sobre as expressões dos informantes à medida que desenvolvem suas respostas.

1.2 Estrutura da entrevista¹

A entrevista para esta pesquisa foi elaborada possuindo três momentos, o primeiro é uma ficha que tem como objetivo captar o *perfil da entrevistada*; o segundo é onde se pretende obter informações que especifiquem detalhes do *percurso migratório* das mesmas; e, o terceiro diz respeito às imigrantes e suas relações com o espaço do associativismo.

1.2.a Perfil da Entrevistada

Para obter o perfil de cada entrevistada, foi elaborada uma ficha que contempla questões acerca da idade, do grau de escolaridade, da naturalidade, da profissão, da situação profissional, da situação civil/ou de fato, se possui filho(s), sobre como cada entrevistada se define com relação a sua cor de pele, da religião, da região de morada, das associação(ões) que possui ligação.

Com relação à questão da cor da pele, percebeu-se a necessidade de evidenciar a forma como a entrevistada vê-se para que, assim na seção de perguntas do bloco “*relação com a sociedade portuense*”, seja possível verificar através do discurso de cada uma se há/houve ou não a ocorrência de discriminação por causa de fatores relacionados, não só à questão étnica, mas, também, ou, à cor da pele.

1.2.b Percurso Migratório

No segundo momento da entrevista, o modelo *Percurso Migratório* de Rocha-Trindade será utilizado como fio de condução que dará ordem às questões elaboradas para a entrevista, e, à medida que se avança, serão utilizadas referências teóricas que servirão de ferramentas fundamentais na construção de um modelo específico de investigação para este estudo.

¹ O *Guião de Entrevista* encontra-se no Anexo 1 deste trabalho.

Rocha-Trindade (1995, p. 37) define *Percurso Migratório*:

O conjunto de passos, acções ou situações, dados ou experimentados por um indivíduo migrante, com relevância para o processo em que se encontra envolvido; o conceito tem uma natureza sequencial cronológica, mais do que propriamente espacial, e encontra interesse e aplicação sobretudo em situações de migração internacional.

Logo, este percurso é dotado de etapas, as quais possuem especificidades de acordo com cada momento do processo. As fases são: intenção de partir, preparativos de partida, viagem, primeira instalação, inserção, fixação, regresso e reinserção.

As etapas consideradas para este estudo são as sete primeiras, já que ao que diz respeito à *reinserção* não interessa para o recorte realizado com a população a ser estudada, pois serão levadas em consideração as imigrantes que ainda não realizaram o retorno ao país de origem.

A fase *Intenção de Partir* caracteriza o início do percurso. Dá-se em país de origem, e engloba uma série de procedimentos: informações acerca do país para onde irá migrar, fatores de descontentamento com relação a sua vida atual, e formulação de questões a respeito da vida futura, que irão ser fundamentais para a tomada de decisão. Logo, este primeiro bloco do segundo momento da entrevista contém apenas uma pergunta geral, o(s) motivo(s) que trouxeram a entrevistada para Portugal.

O segundo bloco, *Preparativos de Partida*, é a fase que segue a intenção de partir. Neste momento, a intenção passa a se concretizar, e ocorre a busca pelos materiais burocráticos necessários para a viagem e últimas necessidades a serem verificadas, podendo envolver familiares e, portanto, fatores da sensibilidade humana. Neste sentido, na entrevista, há questões que dizem respeito à obtenção de visto e questões para saber o que foi mais difícil nesta fase para as imigrantes.

A fase da *Viagem* marca a transição da situação de vida anterior para uma situação nova e, portanto, desconhecida. De Brasil a Portugal, a viagem ocorre por um período de horas duradouro. Desta forma, a pessoa ou grupo migrado poderá realizar determinadas tarefas de reflexão e prospecção a respeito de seu percurso. No bloco de perguntas, pretende-se obter informações referentes ao momento da viagem e o momento da chegada.

A quarta parte da entrevista, a fase de *primeira instalação*, diz respeito, principalmente, ao (re)estabelecimento de moradia, busca por emprego, (re)construção de rotinas diárias, espaços de convívio e sociabilidade. A entrevista possui um conteúdo mais substancial, desenvolvendo-se com perguntas, as quais versam acerca dos primeiros momentos em Portugal: formação de redes sociais, estabilidade de moradia e emprego, os primeiros contatos com os portugueses, a dificuldade com o idioma e as primeiras impressões.

A *inserção* é caracterizada pela estabilização dos pontos suscitados no momento de instalação (moradia, emprego, sociabilidade, etc.). Conforme Rocha-Trindade (1995), é o momento principal da estada no país receptor, podendo ocorrer o reagrupamento familiar, a multiplicação de gerações, formação de grupos de imigrados, etc.

A fase de *fixação* caracteriza a ação de concretizar a permanência em país de destino com o ato formal de naturalização. Este momento é marcado pela realização de um balanço sobre a vida em país de origem e em país de destino. Este bloco é composto por dois momentos do percurso migratório, sendo desenvolvido por três outros blocos, o primeiro possui perguntas com relação às expectativas de vida aqui em comparação ao Brasil, o segundo objetiva obter informações referentes ao relacionamento das entrevistadas com a sociedade portuguesa-portuense, e o terceiro pretende obter dados sobre a relação das entrevistadas com a(s) associação(ões).

O sexto bloco, o *regresso*, marca o momento em que o migrante decide voltar ao país de origem. A decisão poderá ocorrer por motivos variados, tais como: objetivos concretizados, mudanças nas possibilidades de trabalho e moradia em espaço estrangeiro, insucesso, e fatores de sensibilidade humana ligados a pessoas que estão em território de origem, sendo o fator familiar uma influência de decisão. Este bloco desenvolve-se em questões que pretendem captar a situação atual da entrevistada na sociedade de acolhimento e suas expectativas quanto a retornar à sociedade de origem. Buscar-se-á saber como está a situação com a *Autorização de Residência* e visto da entrevistada em Portugal, se pretende voltar para o Brasil, o que influencia na tomada de decisão, e, para encerrar a entrevista, os planos que possui para o futuro.

2. Processo de seleção das informantes e aplicação das entrevistas

A seleção do grupo de informantes ocorreu por três caminhos diferentes. O primeiro caminho foi através das Associações de Imigrantes Brasileiras existentes no Concelho do Porto (Associação Mais Brasil e Associação de Apoio a Cidadania Lusófona), as quais forneceram os contatos, ou até mesmo serviram de intermediadoras diretas. O outro, pelo fato de muitos dos registros das associações não existirem mais, foi através de uma imigrante brasileira que reside no Porto há trinta anos. Esta imigrante também serviu de referência, pois a imensa maioria das informantes acabava por se sentir segura em colaborar depois que a mesma explicava a importância da pesquisa. O terceiro caminho foi, ao término de cada entrevista, perguntar se a entrevistada conhecia alguma outra brasileira associada, e se poderia fornecer o seu contato.

Houve dificuldade em obter os contatos na Associação Mais Brasil, pois a instituição há pouco tempo havia passado por uma mudança no corpo diretivo, e com isso, a resposta de colaboração com a pesquisa muitas vezes não ocorria de maneira uniforme. Além disso, fato que se passou em ambas as associações foi identificar que não havia um sistema de cadastro atualizado com um número real de associados. Grande parte dos imigrantes não tinha seus endereços de *e-mail* e/ou telefone atualizados, e até mesmo não residia mais no país.

As entrevistas ocorreram em diferentes espaços: em locais públicos, nas próprias residências das entrevistadas, em locais de trabalho, nas casas das intermediadoras, e, em apenas um caso, no espaço religioso em que a entrevistada frequentava, e, em outro, no espaço da associação. Pelo fato de a maioria estar em atividades laborais diariamente, a marcação de local, data e horário da realização da entrevista ficava a cargo das entrevistadas, deixando-se assim em aberto também os horários de almoço, o turno da noite e finais de semana. O período de aplicação de entrevista foi do mês de Março ao mês de Junho, sendo que em Fevereiro realizaram-se os pré-testes.

3. Revisão e justificativa conceitual

Para o desenvolvimento deste estudo, serão utilizados conceitos, assim como também serão destacados termos que, em forma de discurso comum, que foram elaborados pelas entrevistadas, servirão como uma “chave mestra” para que venha ser possível compreender suas percepções acerca das suas próprias vivências em Portugal.

3.1 Emigração, emigrante, imigração, imigrante, sociedade emissora e sociedade receptora

Nos estudos das migrações, o questionamento que se faz é o de que como é possível identificar com precisão um fenômeno migratório e determinar suas variantes.

Sobre os conceitos imigração e emigração, Giddens (2009, p. 260) conceitua:

A **imigração**, o movimento de pessoas para um país onde se estabelecem, e a **emigração**, o processo pelo qual as pessoas deixam o país para se estabelecer noutro, combinam-se para produzir padrões globais de migração que ligam entre si os países de origem e os países de destino.

Em outros termos, Valderrama (1993, p. 17) também elucida sobre os termos imigrante e emigrante:

Inmigración: consiste en el proceso de asentamiento de población foránea en el seno de una comunidad dada. Toda persona que es emigrante con respecto a su comunidad de origen, es, por definición, inmigrante con respecto a la sociedad receptora.

Contudo, ao longo do desenvolvimento das teorias das migrações contemporâneas, este processo para ser levado em consideração como tal passou a ser posto em evidência a específicos fatores.

Para Valderrama (1993, p. 14), não existe uma forma sistemática de saber qual fenômeno pertence ou não a estes movimentos. Todavia aponta controvérsias existentes em algumas definições, como por exemplo, a definição da UNESCO em que ilustra: “La UNESCO, por ejemplo, define las migraciones como los desplazamientos de la población de

una delimitación geográfica a outra por un espacio de tiempo considerable o indefinido”, que, segundo a autora, vem a ser insuficiente, já que não leva em conta distinguir que delimitação geográfica a percorrer e que duração de tempo são necessárias para que seja considerado um processo migratório. Explica:

En primer lugar, la falta de concreción terminológica por parte del mundo científico y, por lo tanto, la imposibilidad de difusión de términos precisos que describan los fenómenos sociales al conjunto de la sociedad, deja vía libre al lenguaje común para elaborar sus propias categorías y términos en función, muchas veces, de la circulación y difusión de estereotipos y prejuicios dominantes. (...) En segundo lugar, la ausencia de definiciones claras junto con la dificultad que presenta la medición de los desplazamientos (en parte por causas intrínsecas, pero también como consecuencia de la ambigüedad terminológica) y la diversidad de categorías migratorias utilizadas, configuran un panorama de gran confusión en donde se hace verdaderamente difícil elaborar un claro diagnóstico migratorio que nos permita conocer la realidad de cada momento y lugar. (1993, pp. 15-16)

De acordo com Valderrama (1993), é de suma importância que se ponha a atenção nestes aspectos conceituais e teóricos dos fenômenos migratórios para que assim seja possível oferecer, não só ao mundo acadêmico e científico, mas também à sociedade em geral, mecanismos clarificados que permitam o conhecimento mais apurado desta realidade.

Citando ainda o princípio do modelo de Jackson (1986), afirma que para que uma migração ocorra são necessárias três circunstâncias bases:

- *Espacial*: el movimiento há de producirse entre dos delimitaciones geográficas significativas (como son los municipios, las provincias, las regiones o los países).
- *Temporal*: el desplazamiento há de ser duradero, no esporádico.
- *Social*: el traslado debe suponer un cambio significativo de entorno, tanto físico como social (Valderrama, 1993, p. 16).

Segundo Valderrama (1993), os processos para serem considerados migratórios devem supor aos sujeitos uma mudança acerca dos aspectos político-administrativos, sociais e/ou culturais relativamente duradouros, não sendo considerados migrações os movimentos turísticos, viagens para negócios ou de estudos, e mudanças de moradia dentro de um mesmo município, pois, neste último caso, os aspectos políticos-administrativos serão mantidos e, em geral, pelo motivo de que não são necessários projetos de reorganização de vida no seu todo.

Logo, o princípio do movimento migratório ocorre em sociedade de origem com a emigração ou, nos termos de Blanco (1993), na comunidade emissora. Esta primeira situação

é realizada por uma pessoa (ou grupo de pessoas), isto é, o emigrante, requerendo-se sua ausência por tempo duradouro ou indeterminado com relação ao território de onde partiu. Quando chegado no outro lado do movimento, com a imigração, este torna-se imigrante, e passa a residir em sociedade de destino ou, conforme a autora aqui referida, comunidade receptora. Neste processo, o indivíduo ou grupo passarão por grandes mudanças muito além do espaço físico, dando início a uma nova perspectiva, a qual englobará aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos, e assim por diante.

3.2 Preconceito, estereótipo e discriminação

Faz-se importante destacar as diferenças existentes entre os termos preconceito, estereótipo e discriminação, bem como a relação entre um termo e outro. De acordo com Giddens (2009), o preconceito está no princípio da correlação entre os três, podendo estar presente mas sem que, necessariamente, atinja o último. Já, com relação ao estereótipo, a influência sobre o preconceito é imprescindível.

O autor define:

Por **preconceito** entendem-se as opiniões ou atitudes partilhadas por membros de um grupo acerca de outro. As ideias preconceituosas de uma pessoa são, muitas vezes, mais baseadas em rumores do que em provas directas; são ainda resistentes à mudança mesmo face a novas informações. As pessoas podem ter preconceitos favoráveis relativamente a grupos com que se identificam e preconceitos negativos face a outros. Alguém que tenha preconceitos contra determinado grupo recusará atender ou escutar imparcialmente os seus membros (2009, p. 252).

E, explicando a relação entre estereótipo e preconceito, continua:

Os preconceitos assentam frequentemente em **estereótipos**, categorizações fixas e inflexíveis de um grupo de pessoas. Os estereótipos são muitas vezes aplicados a grupos étnicos minoritários na sua totalidade, como sucede com a noção de que todos os homens negros são naturalmente atléticos ou que todos os asiáticos são estudantes trabalhadores e aplicados (2009, p. 252).

Já, conforme Giddens (2009, p.253), “se o preconceito descreve atitudes e opiniões, a **discriminação** diz respeito ao comportamento tido em relação a indivíduos ou grupos”. Portanto, “embora o preconceito esteja frequentemente na base da discriminação, os dois podem existir separadamente”.

3.3 Estereótipo, imagem e estigma

Maisonneuve (1997, p. 114) faz referência às primeiras definições do termo estereótipo, com Lippman, no livro *Public Opinion*, onde conceitua como imagens representativas que são recortadas da realidade e que se estabelecem no imaginário. E, conforme destaca, Ortiz (1998), Katz & Braly (1933) foram os primeiros a realizarem estudos de campo levando em consideração a perspectiva dos estereótipos.

Paganotti (2007, p. 4), em seu artigo sobre *Imagens e estereótipos do Brasil em reportagens de correspondentes internacionais*, citando Maisonneuve (1977), elucida:

(...) os estereótipos são criados para agregar, simplificar e categorizar o mundo. Seu mecanismo é inerente à própria compreensão humana, que procura diferenciar, generalizar e esquematizar para conseguir absorver informações. De forma mais ampla, podemos definir como “pacote cognitivo” a somatória de conceitos, visões, impressões, pressupostos e estereótipos que membros de um mesmo público compartilham e são capazes de, em menor ou maior grau, identificar ou reproduzir, o que é essencial para a existência da comunicação. Os estereótipos diferenciam-se do resto do “pacote cognitivo” pela utilização de *processos de seleção e acentuação de características* para representar conceitos, grupos ou práticas que estão relacionados socialmente com o coletivo que os criou ou sustenta.

Na Psicologia Social, um outro termo é utilizado para fazer referência a formas de associações e classificações: “pensamento categórico”. Moskowitz (2006) afirma que este termo serve para significar um mecanismo de pensamento em agrupar pessoas de acordo com as suas características. Pereira (2008, p. 285) explica a relação entre pensamento categórico e estereótipo:

Se tudo isso é aceitável, pode-se dizer que o pensamento categórico exerce uma influência muito grande sobre a percepção social. Essa influência se manifesta por duas vias distintas. Por um lado, é possível afirmar que o processamento da informação, característico de toda a percepção social, é guiado pela estrutura de conhecimento a respeito da categoria ativada. Por outro lado, pode-se supor que uma vez ativada, a estrutura do conhecimento permite a elaboração de uma série de inferências, especialmente aquelas que envolvem o julgamento, a formação de impressões ou mesmo a realização de avaliações sobre o membro da categoria ativada. Muitas destas inferências podem até ser apropriadas, embora em uma parcela significativa das vezes elas se assentem em julgamentos estereotipados.

Na Sociologia, Erving Goffman (1963, p. 5) contribui com o conceito de estigma. Para ele:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas.

O teórico explica que o termo foi recebendo componentes diferentes ao longo de sua existência conforme a cultura e época histórica em que foi feito significativo, destarte, “os estudiosos (...) não fizeram muito esforço para descrever as precondições estruturais do estigma” (1963, p.5), assim como com relação a sua definição conceitual. Se para os gregos a sua representação estava contida na forma de sinalização corporal física a cerca de uma atribuição negativa a um indivíduo com o intuito de colocá-lo em determinado grau de espaço social, na Era Cristã as marcas físicas já ganham dois caminhos, o primeiro adquirindo um sentido mais que positivo, como as marcas corporais consideradas divinas, e, o segundo, uma visão médica sobre este último correlacionando-o a distúrbios físicos. Contemporaneamente, o termo estabilizou-se mais na própria situação de desgraça do que na sinalização física (Goffman, 1963).

Goffman (1963, p. 6) explica sobre a dimensão do termo:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real.

Estigma é, portanto, “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (Goffman, 1963, pp. 6-7), e manifesta-se em diferentes formas:

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo - as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família.

Para tanto, outro ponto analisado neste estudo diz respeito às características atribuídas às mulheres imigrantes brasileiras. Que imagens possuem na sociedade portuguesa? Há estereótipos? Há uma certa estigmatização? Estas imagens até que ponto influenciam nas suas vivências? Utilizam-se de mecanismos estratégicos de comportamento ao se relacionarem com a sociedade portuguesa? As respostas para estas questões serão delimitadas às percepções das entrevistadas deste estudo, com o objetivo de compreender como elas se veem na perspectiva do outro, neste caso, dos portugueses.

3.4 “Raça”, “Racismo”, “Racista” e a definição jurídica europeia de “discriminação racial”

Através dos discursos, que foram desenvolvidos pelas imigrantes entrevistadas, percebeu-se a ocorrência das expressões “raça”, “racismo” e “racista” quando a questão pautada versava sobre situações de discriminação sofrida na sociedade de chegada ou impressões sobre portugueses.

No âmbito das Ciências Sociais, o termo “raça” é tratado com acuidade, e é até mesmo não mais considerado por alguns teóricos, por ser polissêmico e por carregar consigo um substancial pejorativo em função de sua origem de tratamento, e, consecutivamente, pelas consequências que trouxe para a história da humanidade, e que ainda hoje fazem-se presentes. Porém, no senso comum, ainda vem a ser utilizado quando faz referência à nacionalidade e também à cor de pele.

Este termo teve relevância, primeiramente, nas Ciências Biológicas, e, em seguida, veio a ser agregado aos Estudos Sociais no desenvolvimento de “teorias da raça”. Na Biologia, o termo foi conceituado através das áreas da Zoologia e da Botânica, no século XVIII, para classificar as espécies animais e vegetais.

Sobre isto, Munanga (2003, p. 1) afirma:

Etimologicamente, o conceito de raça veio do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie. Na história das ciências naturais, o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. Foi neste sentido que o naturalista sueco, Carl Von Linné conhecido em Português como Lineu (1707-1778), o usou para classificar as plantas em 24 raças ou classes, classificação hoje inteiramente abandonada.

No final deste mesmo século e início do século XIX, com as indagações europeias a respeito dos “outros” povos, o termo passou a ser utilizado como mecanismo de classificação humana. Giddens (2009, pp. 247-248) cita, como exemplo, a “teoria da raça” de Conde Joseph Arthur de Gobineau, o qual construiu um modelo onde evidenciava a existência de três *raças*, que determinariam tipos de personalidades, superiores e inferiores, às pessoas que pertenceriam a elas.

O Conde Joseph Arthur de Gobineau (1816-1882), designado por vezes como pai do racismo moderno, propôs a existência de três raças: *branca* (Caucasiana), *negra* (Negróide) e *amarela* (Mongolóide). De acordo com Gobineau, a raça branca possui moralidade, vontade e inteligência superiores; são estas as qualidades hereditárias que estão na origem da disseminação da influência ocidental por todo o mundo. Os negros, por contraste, são menos capazes, marcados por uma natureza animal, pela falta de moralidade e pela instabilidade emocional.

Para o autor, o desenvolvimento destas teorias serviu para “justificar uma ordem social emergente à medida em que a Inglaterra e outras nações europeias se tornavam potências imperiais, governando territórios e populações subjugadas” (2009, p.247).

Giddens (2009, p.248) destaca três momentos contemporâneos que foram influenciados por esta corrente de pensamento sobre a classificação humana em raças superiores e inferiores: na Alemanha, com a manifestação do Partido Nazi de Adolf Hitler; nos Estados Unidos, com o grupo Ku-Klux-Klan; e, na África do Sul, com o *apartheid*.

Todos estes três momentos foram caracterizados por um ideal superior de “raça humana”. Na Alemanha Nazista, o conceito de “raça ariana” ganhou força nos séculos XIX e XX, culminando no que depois da II Guerra Mundial veio a ser referenciado como *Holocausto*, o que corresponde ao extermínio de milhões de pessoas que eram classificadas como não pertencentes a esta então dita “raça pura ariana”. Atualmente, há grupos que se auto-intitulam “neo-nazis”, que buscam promover a continuidade desta ideologia. Também, nos Estados Unidos, no ano de 1865, é possível identificar o início da organização Klu-Klux-Klan.

Sobre a ideologia compartilhada por estes dois grupos, Cashmore (2000, pp. 292-293) aponta:

Assim como nas organizações nazistas, a filosofia da KKK baseia-se na visão de que a raça branca (usando os seus termos) deve reinar soberana. Ao longo dos seus duzentos anos de história, os Estados Unidos abrigaram a maioria dos protestantes de descendência inglesa, anglosaxões. De acordo com a filosofia da Klu Klux Klan, era indiscutível que Deus olhava por eles, protegendo-os e designando os brancos como o grupo soberano dominante. Isso poderia ser comprovado pelo seu bem-estar material comparado às condições de vida dos outros dois grupos principais: (1) os índios americanos, selvagens subumanos que só serviam para ser exterminados; (2) os negros, menos que humanos, que deveriam ser usados como propriedade para poupar os brancos dos trabalhos mais pesados.

Na África do Sul, com o *apartheid*, mais uma manifestação da ideologia da superioridade da “raça branca” pode ser citada. Cashmore (2000, pp. 69-70) elucida:

O apartheid tem suas raízes nas relações senhor/escravo negro do colonialismo do século XVI. Os holandeses desenvolveram uma pequena colônia de escravos na Cidade do Cabo (na costa atlântica), nos idos de 1650, que começou a fornecer produtos frescos para os navios que seguiam da Europa para a Ásia. Nos séculos XVIII e XIX, os colonizadores holandeses, conhecidos como bôeres (fazendeiros), mudaram-se para as regiões do interior da África do Sul. As incursões dos bôeres geraram graves conflitos com as populações nativas (...). As populações negras nativas foram sufocadas na década de 1870, e os bôeres construíram uma série de repúblicas exclusivamente de brancos no Estado Livre de Orange e em Transvaal.

Nos anos que se sucederam, a divisão entre negros e brancos ganhou legitimidade à medida em que a organização política dos europeus consolidava-se. O século XX foi marcado por uma onda de movimentos que tinham por objetivo retirar cada vez mais os direitos sociais e políticos dos negros. Em contrapartida, nas décadas de 60 e 70, do século XX, duas organizações negras forçaram tentativas de golpe que, no entanto, foram marcadas por grandes derramamentos de sangue (Cashmore, 2000).

Para Cashmore (2000, pp. 72-73), em teoria, a fragmentação deste sistema começou na década de 90 com a libertação de Nelson Mandela e o anúncio de um novo sistema político “liberal, multiétnico e democrático”, mas muitos de seus princípios ainda continuam a fazer parte desta sociedade.

Diante de todos estes eventos que decorreram da formulação de uma “ciência da raça”, o termo, portanto, passou a ser constantemente desacreditado, em especial, no universo acadêmico. Porém, conforme Giddens (2009, p. 248), ainda vem a ser corrente no senso comum como uma forma de categorizar uma pessoa, ou um grupo de pessoas, dentro de um esquema, conforme a sua cor de pele, ou nacionalidade. Segundo ele, este equívoco é comum ainda hoje em função da intensidade em que o conceito se manifestou ao longo destes últimos séculos. Todavia, o autor explica:

Em termos biológicos não existem raças definidas, apenas uma gama de variações físicas nos seres humanos. As diferenças de tipo físico entre grupos de seres humanos resultam da procriação da população, a qual varia de acordo com o grau de contacto entre diferentes grupos sociais e culturais. Os grupos da população humana são um *continuum*. A diversidade genética no seio de populações que partilham traços físicos visíveis é tão grande quanto à própria diversidade existente entre as mesmas.

Atualmente, nos estudos sociais, a palavra raça, quando utilizada, vem a ser acompanhada pelas aspas, pois ao invés de ocultarem a sua significância negativa, optam por pô-la em evidência, buscando explicar a pretensão de seu uso (Giddens, 2009).

Segundo Cashmore (2000, p. 451), o termo “significa diferentes coisas para diferentes pessoas em diferentes lugares na história”, e que a ênfase dada não está restrita à questão biológica ou da associação à diversidade cultural, mas sim no seu “uso popular”.

Sobre o conceito “raça”, Giddens (2009, p. 248) afirma:

A **raça** pode ser entendida como um conjunto de relações sociais que permite que os indivíduos e grupos sejam localizados, e lhes sejam atribuídos vários atributos ou competências, com base em características de natureza biológica. As distinções raciais são mais do que formas de descrever as diferenças humanas – são também factores importantes da reprodução de padrões de poder e de desigualdade na sociedade.

Já o termo racismo, é definido pelo autor como “(...) um preconceito baseado em distinções físicas com significado social”. E, racista como “(...) alguém que acredita que alguns indivíduos são inferiores ou superiores a outros como resultado dessas diferenças racializadas” (2009, p. 253).

Santos (2003, p. 28) ressalta a *definição jurídica europeia*² para “discriminação racial”:

(...) a expressão “discriminação racial” visa qualquer distinção, exclusão, restrição, ou preferência fundada na raça, cor, ascendência na origem nacional ou étnica que tenha como objectivo ou como efeito destruir ou comprometer o reconhecimento, o gozo ou exercício, em condições de igualdade, dos direitos do homem e das liberdades fundamentais nos domínios político, económico, social e cultural ou em qualquer outro domínio da vida pública.

No estudo de Vala (1999, p. 1), *Novos Racismos – Perspectivas Comparativas* (1999), em que analisa as formas pelas quais se desenvolve o racismo em Portugal, evidencia-se dois tipos de racismo, o *racismo flagrante* e *racismo subtil*. Este estudo foi elaborado após a observação de um episódio que ocorrera no ano de 1995 no país, quando um grupo, após reunir-se em um restaurante e realizar a saudação nazi, foi até a uma determinada localidade com a intenção de agredir “pretos”. “Desta incursão resultaram ferimentos em doze pessoas e a morte de uma delas (...) um cidadão português, cuja família tinha origem em Cabo Verde”.

² O conceito consta na *Convenção Internacional sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial* (Aprovada por Portugal, para a adesão a União Europeia, através da lei nº 7/82, de 29 de Abril.

De acordo com Vala (1999, p. 1), neste episódio, percebe-se o tipo mais brutal de racismo, por estar manifestado em forma de agressão física associada a uma forma de pensamento ideológico que, contudo, no país “não tem nenhuma expressão pública elevada”.

O autor chama a atenção para dois tipos de sondagens realizadas sobre os europeus, uma que ocorrera no ano de 1997 e a outra que ocorrera no ano de 1993. A primeira salientada foi apresentada pelo Eurobarómetro e afirmava que “quando interrogados em que medida se consideravam racistas, os Portugueses foram, de entre os inquiridos europeus, aqueles que se consideraram menos racistas” (1999, p.2). E, a segunda era a de um estudo realizado pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED) que apresentava “os portugueses (...) como mais etnocêntricos do que o conjunto dos outros europeus” (1999, p.2).

Frente a isso, o autor segue explicando que foi percebida a importância de se porem em causa estes dados, e o que foi verificado foi que os dados da primeira sondagem não correspondiam aos termos apresentados pela mídia portuguesa. Explica:

Refira-se em primeiro lugar que, em média, os Europeus se autoconsideravam claramente como não racistas; em segundo lugar, a resposta média dos Portugueses é exactamente igual à resposta média dos restantes países europeus; em terceiro lugar, a resposta média dos Portugueses não difere estatisticamente das respostas obtidas em Espanha, na Suécia, na Alemanha e na Áustria. (Vala, 1999, pp. 2-3)

Todavia, para Vala, a questão de os Portugueses serem ou não serem racistas não se faz legítima, mas sim a questão de se “identificar, numa perspectiva processual, os factores que podem facilitar a ocorrência de comportamentos racistas”, que assim se faz. Para o autor, o relevante não é estudar o indivíduo em si, mas analisar as variáveis cognitivas e motivacionais, “intergrupais e normativa cuja articulação contextual torna provável a organização de crenças e de atitudes racistas e a manifestação de comportamentos racistas” (1999, p.3).

O autor ainda ressalta:

(...) estudar hoje o racismo, em sociedades formalmente anti-racistas, implica saber descortinar as manifestações mais civilizadas deste fenómeno, aquelas que não questionam a auto-imagem anti-racista que as maiorias e as elites construíram sobre si próprias. (1999, p.3)

No estudo, afirma-se que, para tanto, é possível verificar, através de uma escala composta por determinadas variáveis, como estes comportamentos se manifestam. As variáveis utilizadas em uma escala de discriminação são sete: *conservadorismo político, amizades intergrupais, privação relativa intergrupar, interesse pela política, orgulho nacional, escolaridade e idade*. Apresentando-se ainda duas formas de manifestação de discriminação por racismo: o racismo subtil e o racismo flagrante. Sobre o racismo subtil o autor conceitua como “(...) frio, distante e indirecto”, já o racismo flagrante (...) como quente, próximo e directo (1999, p.11).

Conforme o estudo, a subtilidade expressa-se (...) com “a negação de atributos negativos a exogrupos”. Mesmo que a atribuição de estereótipos negativos ao exogrupo não se manifeste claramente, os traços positivos atribuídos ao endogrupo é que ganham evidência. O grupo exterior não é expressado como pior do que o endogrupo, mas o que acontece é que o endogrupo vê-se como melhor do que este (1999, p.13-14). Logo, ressalta-se que “o traço mais comum a todos os itens da escala de racismo subtil é o “encobrimento”, ou seja, o seu carácter ostensivamente não racista” (1999, p.14). Já o racismo flagrante “(...) combina sentimentos de ameaça com a rejeição exogrupal, tanto ao nível formal como da intimidade” (1999, p.13).

Trazendo ao presente estudo, com o levantamento destas referências teóricas, que tratam de discriminação em forma de racismo, e da problematização do uso do termo “raça”, percebeu-se que o termo e suas variantes necessitam de ser acompanhados por uma justificativa conforme a sua finalidade, já que em determinados momentos foram suscitados pelas entrevistadas. Buscar-se-á, portanto, quando estes termos surgirem, destacar suas falas tais como foram apresentadas.

4. Contextualização

4.1 As mulheres nos processos migratórios

A expressão feminina nos processos migratórios tem ganhado visibilidade nos estudos sociais nas últimas décadas devido, não só ao registro de crescimento do número de migrantes, mas também pelas dinâmicas que foram se desenvolvendo em função de um caráter mais autônomo adquirido por elas. Embora a grande maioria dos trabalhos já realizados trate da problemática da feminização, hoje muitos estudiosos preocupam-se em tratar desta questão sob a temática de *gênero*, levando-a em consideração junto das questões de *classe* e de *pertença étnica*.

Padilla (2007, p. 113) chama a atenção para o fato de que os estudos que abordam esta problemática já não sejam mais novidade, no entanto, o que ainda vem se desenrolando são os diferentes recortes realizados nos estudos da feminização, que buscam ressaltar as peculiaridades e as experiências cotidianas nas sociedades de destino.

De acordo com a autora, “os imigrantes têm gênero, pertencem a uma etnia, a uma classe social e inserem-se numa sociedade de acolhimento complexa (...)” (2007, p. 113), onde estes fatores, em especial o do sexo, vão determinar suas trajetórias e experiências. Ela explica como atualmente se dá a condição da mulher na sua relação direta com o mercado de trabalho:

Quando se emigra, muitas são as circunstâncias e situações que mudam, especialmente para a mulher. A mulher nem sempre emigra seguindo o marido, e mesmo que assim aconteça, no contexto da imigração, ela deve trabalhar ou imigra para trabalhar. A inserção da mulher no novo mercado de trabalho, em geral, traz mudanças, não só no seu plano laboral, mas também noutras esferas. (2007, p. 114)

Miranda (2009) faz referência aos movimentos feministas, nas últimas décadas, na luta pela expansão espacial das mulheres, sendo assim, estes cruciais para as suas transposições, do universo doméstico e familiar para os espaços públicos, fazendo com que ganhassem uma dinâmica própria de circulação nos processos migratórios.

Albuquerque (2005) salienta que, na Europa ocidental, a expansão econômica com a globalização e as novas formas do sistema empregatício influenciam altamente na atração de mão-de-obra feminina de países desfavorecidos economicamente.

Marokvasic (1984) explica que a feminização não era levada em consideração há algum tempo pelo fato de que o modelo patriarcal de família condicionava as mulheres como dependentes dos homens e com isso suas dinâmicas eram abafadas.

Também, Assis (2007), em seu estudo sobre a inserção das mulheres nos fluxos migratórios no passado e no presente, revela que as mulheres há muito tempo são protagonistas nos processos migratórios, só que tiveram suas imagens invisibilizadas em função da informação que se destacava do homem como o principal personagem dos deslocamentos humanos.

Para elucidar este fenômeno, a autora cita o exemplo do Museu de Ellis Island onde é possível verificar, através de fotos, que pertenceram aos serviços de imigração do final do século XIX, a representação da imagem de homens e de mulheres que migravam para os Estados Unidos, cujas legendas destacavam as “diferentes expectativas e representações em relação aos imigrantes” (2007, p. 748), de acordo com os seus sexos:

Nas fotos que se encontram no Museu e que representam a chegada dos homens, há uma legenda com a seguinte pergunta: “Você tem trabalho?”. Já nas fotos em que aparecem mulheres e crianças, consta na legenda explicativa a pergunta: “Você é casada?”.

Para a autora, a ideia de que o homem sai de seu país em busca de trabalho e que a mulher vai para acompanhá-lo, para tomar conta da família, foi fortemente frisada durante tempos. Assis ainda cita outra situação que vem a caracterizar a invisibilidade das mulheres, que é o fato de os seus salários, que eram registrados como parte do fundo familiar, não serem considerados como resultado do seu próprio empenho no mercado de trabalho. Dessa forma, o próprio termo “migrante” acabou por ser englobado num sentido fortemente masculino.

Além disso, as experiências destas mulheres não eram adotadas nos estudos sobre as migrações, porque eram os homens que “representavam a maioria nos fluxos internacionais e,

mesmo quando havia predominância de mulheres (...), essas não tiveram suas experiências tratadas como objeto de análise” (2007, p. 749).

Conforme Houstoun, Kramer & Barret (1984), desde 1930, houve uma virada no registro do número de imigrantes nos Estados Unidos, já que antes o número de imigrantes do sexo masculino era predominante com relação ao do sexo feminino. Por causa de alterações na política migratória do país, e também pelo fato de que antes havia distinções em função do sexo nos direitos de legalização dos imigrantes, e, com a igualdade estabelecida, as mulheres imigrantes puderam registrar-se em função de seus casamentos com cidadãos norte-americanos.

Assis (2007, p. 750) explica o crescimento do número feminino nos anos 70, do século XX, no fluxo migratório internacional:

Os migrantes contemporâneos, diferentemente de seus antecessores, contam com um sistema de comunicações e transporte mais barato e eficiente, o que diminuiu as distâncias e tornou mais frequentes os contatos entre a sociedade de origem e a sociedade de destino.

Desde então, as mulheres são sujeitos ativos na formação de redes e nas suas circulações constantes abrindo caminhos a outras mulheres.

Atualmente, mulheres de diferentes nações percorrem caminhos e objetivam destinos distintos, mesmo que ainda possuam pontos em comum com relação ao passado:

As mulheres imigrantes hoje não seriam simplesmente cópias das imigrantes do passado em uma vestimenta moderna. Elas chegam com diferentes capitais humanos - muitas delas com melhor nível educacional e maior qualificação que as mulheres que chegaram no final do século XIX e início do século XX. As imigrantes contemporâneas beneficiam-se da expansão das oportunidades educacionais e de emprego, além de uma legislação liberalizante no que se refere ao divórcio e às discriminações de gênero. Embora essas diferenças sejam significativas, haveria mais similaridades que diferenças entre a vida dessas mulheres migrantes de diferentes origens nacionais. O que há de ponto em comum é que, tal como as mulheres que chegaram há cem anos, as imigrantes contemporâneas encontram um mercado segmentado por gênero e, apesar de uma melhor escolarização e qualificação, ainda se dirigem para certas ocupações tradicionalmente femininas, fazendo, por exemplo, com que uma área como o emprego doméstico, que havia diminuído nos Estados Unidos e na Europa, volte a crescer no final do século XX. (2007, p. 750)

Anthias (2000) afirma que as imigrantes são acolhidas diferentemente pelas sociedades de destino de acordo com suas origens nacionais e padrões raciais. Ela explica que, por exemplo, as mulheres do Sri Lanka podem ser recebidas como vítimas, enquanto que

as mulheres filipinas podem ser desejadas por uma imagem de submissão que é atribuída a elas. Já uma brasileira, em Estados Unidos, de acordo com as suas categorizações positivas, poderá ser bem recebida, e, na Europa, a atribuição relacionada com a sensualidade da cor morena poderá ser associada diretamente à prostituição, acarretando-lhes numa receptividade discriminatória.

As motivações relacionadas às migrações femininas diferem-se em grande parte das motivações masculinas. Essa diferença apresenta-se, principalmente, nos fatores de razão econômica, aonde o homem é que toma maior parte, já as mulheres levam em consideração outros fatores, como a insatisfação com sua vida na sociedade de origem em função da ausência de oportunidades, insucesso no casamento, situações de violência contra a mulher, discriminações, etc. (Anthias, 2000).

Marokvasic (1984) chama a atenção para a segregação do trabalho em função do sexo. As mulheres seguem para os setores domésticos e de limpeza, enquanto que os homens para os serviços de construção civil e restaurantes. Já Assis (2007, p. 752) destaca a diferença na formação das redes sociais, sendo os homens os que mais recorrem aos amigos do mesmo sexo para pedir ajuda, e as mulheres às famílias, também dando ênfase à articulação entre as demais redes de parentesco, o que permite manter os laços identitários com a cultura de origem.

Sobre o associativismo imigrante, Albuquerque (2005, p. 105) afirma que as mulheres imigrantes, frente aos dilemas e dificuldades de caráter discriminatório, muitas vezes, em sociedade de acolhimento, “desenvolvem variadas formas de resistência”, sendo uma delas a do associativismo.

Como foi visto, os estudos referentes à mulher, nos processos migratórios, olhando para diferentes espaços, já dão conta de diversas perspectivas de análise. Questões como discriminação, trabalho, família, redes sociais, associativismo, entre tantas outras, têm sido desenvolvidas a partir de ferramentas teóricas de gênero e de perspectivas feministas, ao longo destas últimas décadas.

4.2 Mulheres imigrantes brasileiras em Portugal

A população feminina brasileira vem caracterizando a comunidade imigrante com maior registro estatístico no *Serviço de Estrangeiros e Fronteiras*, em Portugal, desde o ano de 2003, e tem sido objeto de análise em diversos estudos da comunidade acadêmica, que visam perceber suas dinâmicas em sociedade portuguesa. Os espaços de observação vão desde suas vidas ainda em país de origem às vivências em país de destino, no que respeita à família, ao trabalho, às redes sociais, ao associativismo, à religião, às imagens reproduzidas pela mídia portuguesa, à prostituição e ilegalidade, à discriminação, à integração, e assim por diante.

4.2.a Contexto quantitativo

Antes de apresentar os dados numéricos e estatísticos para a contextualização da população brasileira, em especial a feminina brasileira, é importante que se deixe clara a situação dos registros quantitativos sobre os fluxos migratórios. Em Portugal, a sistematização detalhada é recente, sem contar que, parte da população imigrante existente no país, não é incluída neste processo, pelo fato de não possuir documentação que possibilite os seus registros.

Logo, os dados que aqui são referenciados são originários do *Serviço de Estrangeiros e Fronteiras* (SEF), órgão que anualmente vem apresentando relatórios detalhados sobre o fluxo migratório, e por isso, também, faz-se relevante destacar que os dados presentes neste estudo são referentes à Autorização de Residência (AR) e Permanência (AP). Assim, não sendo sistematizada a situação das brasileiras que se encontram em situação “ilegal”, o valor real sobre as mulheres brasileiras em Portugal vem a ser desconhecido, resultando apenas de uma aproximação.

De acordo com o *Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo* do SEF do ano de 2008, a comunidade brasileira representa 24% do total das comunidades existentes no país. Em segundo lugar, estão as comunidades da Ucrânia e de Cabo Verde representando igualmente 12% cada uma. E, em terceiro, as comunidades da Romênia, de Angola e de Guiné Bissau, com a equivalência de 6% cada uma. Veja-se na ilustração:

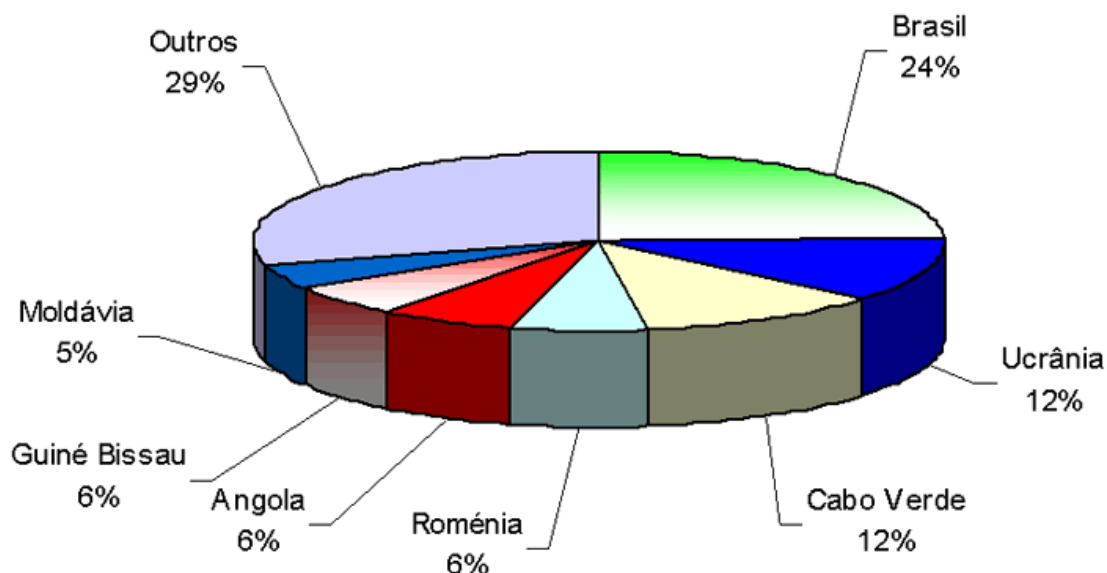


Gráfico 1 - Comunidades imigrantes de maior representatividade no país no ano de 2008
Fonte: SEF-Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo, 2008.

Com relação às três comunidades mais expressivas, a sistematização por sexo apresenta-se da seguinte forma:

PAÍS	SEXO	Subtotal	Total
BRASIL	H	49.467	106.961
	M	57.494	
UCRÂNIA	H	30.070	52.494
	M	22.424	
CABO VERDE	H	24.618	51.352
	M	26.734	

Tabela 1 – Comunidades imigrantes de maior representatividade no país no ano de 2008 por sexo
Produção Própria/Fonte de dados (SEF-Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo, 2008)

É possível observar que a comunidade brasileira feminina configura a primeira posição, com o total de 57.494 mulheres, já a comunidade caboverdiana aparece na segunda posição, com o total de 26.734 mulheres, e, em terceiro, a comunidade ucraniana, com o total de 22.424 mulheres. No entanto, apenas Brasil e Cabo Verde possuem o total do número de mulheres maior do que o de homens.

Os registos do SEF apontam para o número de 106.961 imigrantes oriundos do Brasil, sendo que 53,8% representa o grupo de mulheres. Veja-se, na tabela a seguir, o número de brasileiros, em Portugal, por sexo, nos últimos dez anos:

	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
HM	20.851	22.202	23.422	24.762	26.508	28.730	31.500	68.013	66.354	106.961
H	11.121	11.641	12.077	12.485	13.021	13.696	14.602	33.189	31.834	49.467
M	9.730	10.561	11.345	12.277	13.487	15.034	16.898	34.824	34.520	57.494

Tabela 2 – Número de brasileiros em Portugal nos últimos dez anos por sexo
Produção Própria/Fonte de Dados (Estatísticas Anuais do SEF)

Pode-se perceber, na tabela acima, que, em dez anos, houve um crescimento significativo do número de brasileiros, e, além disso, uma ultrapassagem do número de mulheres com relação ao de homens no ano de 2003. Veja-se esta situação no próximo gráfico:

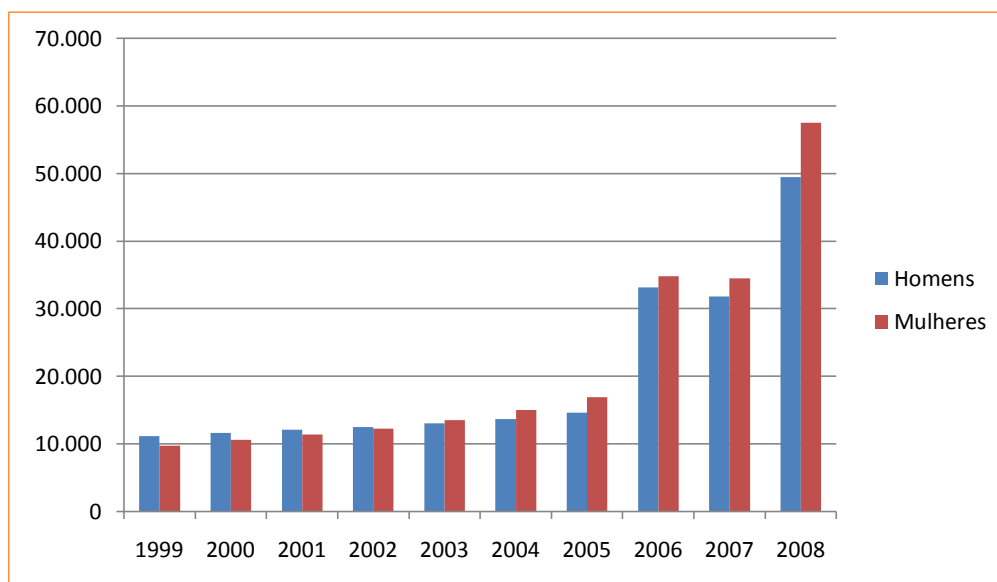


Gráfico 2 – Crescimento do número de brasileiros em Portugal nos últimos dez anos por sexo
Produção Própria/Fonte de Dados (Estatísticas Anuais do SEF)

No Distrito do Porto, a disposição das comunidades de maior representatividade ganha outro componente, aparecendo em terceira posição a China, mas mantendo Brasil em primeiro e Ucrânia em segundo, como no quadro geral do país. Além disso, a comunidade feminina brasileira continua sendo a de maior representatividade. Veja-se no quadro a seguir:

PAÍS	SEXO	Subtotal	Total
BRASIL	H	3.527	8.276
	M	4.749	
UCRÂNIA	H	2.273	3.854
	M	1.581	
CHINA	H	928	1.740
	M	812	

Tabela 3 – Comunidades imigrantes de maior representatividade no Distrito do Porto no ano de 2008 por sexo
Produção Própria/Fonte de Dados (SEF, 2008)

Contudo, o número de brasileiras residentes no distrito, por município, não é apresentado pelo SEF, dessa forma não sendo conhecido o número real desta população no Concelho do Porto e Grande Porto.

4.2.b Contexto qualitativo

Como já foi dito anteriormente, os estudos acadêmicos têm dado conta de diversos espaços de análises a respeito da comunidade brasileira, em especial feminina brasileira, em Portugal. Com isso, será possível construir um breve panorama qualitativo da população de interesse para este estudo.

Padilla (2007, p. 115) diz que as brasileiras quando vêm a Portugal têm a tendência de virem “sozinhas ou que fazem parte duma estratégia de migração familiar, nem sempre liderada pelo marido ou pai”, ou seja, mesmo quando migram acompanhadas, elas é que são “as “responsáveis” pela decisão de emigrar”.

Com relação ao mercado laboral, o fluxo brasileiro chegado no início dos anos 90 era caracterizado por uma vaga de imigração “mais qualificada e bem inserida no mercado de trabalho”, e “no caso da vaga mais recente (...), o perfil do Brasileiro mudou e o fluxo proletariou-se” (2007, p. 117). Explica-se:

(...) o Brasileiro recém-chegado (segunda vaga) pertence a uma classe social média-baixa e mesmo que relativamente bem instruído em relação à média portuguesa, a sua inserção laboral ocorre, frequentemente, nos segmentos menos qualificados do mercado de trabalho (2007, p.117-118).

King e Zotini (2000) afirmam que há dois segmentos laborais na imigração feminina, os serviços domésticos e de limpeza e a prostituição. Padilla (2007, p. 118) evidencia que no caso de Portugal, além dos setores de limpeza e doméstico, são comuns os serviços em lares de residentes doentes e idosos. Segue destacando:

Também se identificam outros nichos em sectores como a restauração e a hotelaria, onde Brasileiros e Brasileiras ocupam um lugar destacado, existindo dentro deste nicho uma segmentação por sexo (a limpeza dos hotéis é feita por mulheres, assim como as refeições; o atendimento é unisexo, etc.). Por último, aparece o denominado comércio do sexo (*sex trade*) ou prostituição, no qual as Brasileiras parecem dominar o mercado, segundo as notícias dos jornais e as detenções que a GNR e o SEF realizam e são referenciadas nos órgãos de informação.

A autora ainda faz um paralelo com o estudo de Assis (2007), sobre a imigração feminina brasileira nos Estados Unidos, onde há um processo de seletividade maior para os vistos de entrada. Em Portugal, a imensa maioria das imigrantes brasileiras entra no país como turista, dessa forma, não necessitando de visto. De acordo com Padilla, este é um dos fatores que dão origem na decisão de destino das imigrantes, e, além disso, o idioma português, que é comum entre as duas nações.

Contudo, ela explica sobre outros fatores que dão origem à preferência por Portugal como destino do projeto migratório:

(...) vão desde a longa história de emigração portuguesa para o Brasil, que origina a emigração de retorno dos lusos-descendentes, até às vagas de exilados políticos durante as ditaduras no Brasil e de profissionais brasileiros (informáticos, dentistas, publicitários) que migraram para Portugal na transição portuguesa para a União Europeia. Cada vaga originou uma maior conectividade entre ambos os extremos e, desde os anos de 1990, esta não pára de aumentar (2007, pp. 119-120).

As razões que levam as brasileiras a migrarem são diversas, porém a busca pelo trabalho é questão central. Padilla (2007) põe em causa a situação da mulher ainda em

sociedade de origem, quando esta não vendo grandes possibilidades de mercado de trabalho migra em busca de uma melhoria, não só para ela mesma, mas para a família que muitas das vezes não pode acompanhá-la fisicamente nesta jornada.

Quando recém-chegadas, em sociedade de destino, as mulheres brasileiras veem as redes sociais como uma segurança, e através delas é possível conseguir trabalho, moradia, sociabilidade, etc. Todavia, há uma diferença entre os caminhos que os homens e as mulheres realizam, conforme destaca Assis (2003), pois os homens tendem a utilizarem-se menos destas redes, e quando isso ocorre, eles têm preferência pelas redes de amizades masculinas, enquanto que as mulheres dão preferência às redes familiares.

Outro aspecto primordial é sobre a imagem da mulher brasileira, que é frisada, ainda mais na mídia, por ser associada a estereótipos e à prostituição. Esta imagem associada à mulher brasileira também ocorre em outros países da Europa, como por exemplo na Itália, e o que marca a diferença em Portugal é que o número de mulheres oriundas do Brasil é significativamente expressivo, além do que, a mídia e as telenovelas encarregaram-se de corroborar fortemente com a imagem da sensualidade e exotização, principalmente, com relação às mulheres de cor de pele morena (Padilla, 2007, p. 125).

Por outro lado, as mulheres brasileiras não são consideradas sujeitos passivos frente a estes dilemas. Procuram meios de se fazerem ouvidas, utilizando-se dos espaços de associativismo, e inclusivamente assumindo papéis diretivos (Morokvasic, 1993; Albuquerque, 2005).

5. Perfil Geral das Entrevistadas

Para esta pesquisa, foram entrevistadas 30 mulheres imigrantes de nacionalidade brasileira, que fazem parte do universo associativista do Concelho do Porto: 13 mulheres da Associação Mais Brasil (AMB), 13 mulheres da Associação de Apoio a Cidadania Lusófona (AACILUS), e 4 que estavam inscritas em ambas as instituições.

NÚMERO DE BRASILEIRAS ENTREVISTADAS		
MAIS BRASIL	AACILUS	AMBAS
13	13	4

Tabela 4 – Número de brasileiras entrevistadas

A faixa etária das informantes vai dos 25 anos até os 55 anos de idade. O grupo com maior concentração é o que fica entre os 36 e 45 anos.

FAIXA ETÁRIA		
25-35	36-45	46-55
7	19	4

Tabela 5 – Faixa etária

A maioria das entrevistadas é natural das regiões do Sudeste, principalmente do Estado de São Paulo, e do Nordeste, principalmente do Estado da Bahia, e nenhuma sendo da região Centro-Oeste.

NATURALIDADE				
SUL	SUDESTE	CENTRO-OESTE	NORDESTE	NORTE
5	12	0	10	3

Tabela 6 – Naturalidade

Quanto ao grau de escolaridade, as entrevistadas, em sua maioria, possuíam o Ensino Superior, e nenhuma possuía apenas o Ensino Fundamental.

GRAU DE ESCOLARIDADE	
ENSINO FUNDAMENTAL	0
ENSINO MÉDIO	9
ENSINO TÉCNICO	8
ENSINO SUPERIOR	13

Tabela 7 – Grau de escolaridade

A maioria das entrevistas possuía emprego ou exercia atividade remunerada por prestação de serviços, 4 responderam estar desempregadas e 4 disseram que não estavam trabalhando naquele momento e que cuidavam dos serviços de suas casas.

SITUAÇÃO PROFISSIONAL	
EMPREGADA/PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS	22
DESEMPREGADA	4
DESEMPREGADA/ DOMÉSTICA	4

Tabela 8 – Situação profissional

Das 30 brasileiras, 19 possuem união de fato ou são casadas, sendo 12 com cidadãos portugueses.

SITUAÇÃO CIVIL		
CASADA		14
UNIÃO DE FATO		5
SOLTEIRA		8
DIVORCIADA		3
VIÚVA		0
<u>NACIONALIDADE DO CÔNJUGE/COMPANHEIRO</u>		
BRASILEIRA	PORTUGUESA	OUTRA
7	12	0

Tabela 9 – Situação civil

Sobre a região de moradia, apenas 6 residiam no Concelho do Porto, a maioria possuía moradia em municípios vizinhos, principalmente o de Vila Nova de Gaia.

REGIÃO DE MORADA CONCELHO DO PORTO			
6			
<u>REGIÃO DE MORADA FORA DO CONCELHO DO PORTO</u>			
MATOSINHOS	VILA NOVA DE GAIA	MAIA	RIO TINTO
5	11	6	2

Tabela 10 – Região de morada Concelho do Porto

A religião maioritária foi a Evangélica, e, depois, a Católica.

RELIGIÃO				
SEM RELIGIÃO	EVANGÉLICA	CATÓLICA	ESPÍRITA	MÓRMON
2	16	9	2	1

Tabela 11 – Religião

A maioria das entrevistadas respondeu que sua cor de pele é branca³.

COR DE PELE				
NÃO SABE	MORENA	BRANCA	NEGRA	PARDA
1	6	17	4	2

Tabela 12 – Cor de pele

A imensa maioria das entrevistadas afirmou ter entrado no país como turista (como elas mesmas diziam, “visto de turista”), e em apenas 4 casos foi dito que a entrada deu-se já com o visto de trabalho.

ENTRADA NO PAÍS	
COM VISTO	SEM VISTO
4	26

Tabela 13 – Entrada no país

Também, a imensa maioria afirmou estar “legal” no país, tendo suas autorizações de residência.

³ De acordo como as entrevistadas se auto-perceberam, a designação brasileira “morena” significa “mulata”, e “parda” indica uma cor de pele intermediária, entre “branca” e “mulata”.

O termo **pardo** é um termo oficial brasileiro formalmente utilizado para descrever alguém de origem mestiça. Noutros países em que se utiliza a língua portuguesa, usam-se com o mesmo significado os termos *misto* ou *mestiço*. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o grupo pardo é um dos cinco grupos de “Cor ou Raça” que compõem a população brasileira, junto com brancos, pretos, amarelos e indígenas. De acordo com o IBGE, oitenta e quatro milhões de brasileiros se auto-declararam pardos em 2009, fazendo dos pardos a segunda maior raça/cor que compõe o povo brasileiro, atrás apenas dos brancos. E o percentual de pardos é o que mais cresce na população brasileira. Em 2000, os brasileiros que se auto-declaravam pardos representavam 38,5% da população; em 2006 passaram a ser 42,6% e em 2009 passaram a ser 44,2%. Existem terminologias tradicionais usadas no Brasil para vários tipos de pardos, essas terminologias são as seguintes: **mulatos** para descendentes de brancos e pretos; **caboclos** e **mamelucos** para descendentes de brancos e indígenas; **cafuzos** para descendentes de pretos e indígenas; curiosamente, parece não haver uma terminologia além de **pardo** para definir alguém que seja descendente de brancos, índios e pretos simultaneamente. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pardos>)

SITUAÇÃO NO PAÍS			
LEGALIZADA/DUPLA-CIDADANIA	ILEGALIZADA	EM PROCESSO	SEM RESPOSTA
21	4	5	0

Tabela 14 – Situação no País

Os motivos que as trouxeram a Portugal são variados: 6 vieram porque se casaram com cidadãos portugueses, apenas 3 por reagrupamento familiar, 6 por trabalho, 4 indicaram trabalho e estudo, e 11 não utilizaram apenas um destes fatores, e sim definiram um quadro de insatisfação geral no Brasil, vendo Portugal como uma oportunidade para novas perspectivas de vida (Boyd & Grieco, 2003). Veja-se no quadro abaixo:

MOTIVOS DA VINDA PARA PORTUGAL	
CASAMENTO COM PORTUGUÊS	6
REAGRUPAMENTO FAMILIAR	3
TRABALHO	6
TRABALHO E ESTUDO	4
INSATISFAÇÃO EM GERAL COM A VIDA NO BRASIL E BUSCA POR NOVAS PERSPECTIVAS	11

Tabela 15 – Motivos da vinda para Portugal

O que chama a atenção é o fato de a imensa maioria ter realizado sozinha a viagem para Portugal:

A VIAGEM DE VINDA A PORTUGAL	
SOZINHA	ACOMPANHADA
19	11

Tabela 16 – A viagem de vinda a Portugal

Contudo, apenas uma entrevistada falou que viajara sozinha, e que, quando chegou, não possuía lugar para ficar ou morar:

ALGUÉM À ESPERA			
FAMÍLIA	AMIGO	EMPREGADOR	NINGUÉM
18	6	5	1
<u>LUGAR PARA FICAR</u>			
SIM		NÃO	
29		1	

Tabela 17 – Alguém à espera

Das entrevistadas, 24 responderam que sentiram dificuldade em se estabelecer na sociedade portuguesa, e apenas 6 que não, sendo, neste último grupo, a presença da família relevante na fase inicial de adaptação.

DIFICULDADE DE ESTABELECIMENTO NA SOCIEDADE PORTUGUESA	
SIM	NÃO
24	6

Tabela 18 – Dificuldade de estabelecimento na sociedade portuguesa

Os fatores mais destacados foram:

1. Dificuldade no estabelecimento de novos vínculos sociais;
2. Saudade da família;
3. Dificuldade inicial na comunicação com os portugueses;
4. Dificuldade no espaço laboral e procura por emprego na área de formação;
5. Discriminação/constrangimento por ser brasileira.

PARTE II

1. A imagem da mulher brasileira: da colonização portuguesa à imigração em Portugal

Na década de 30 do século XX, as referências sobre a imagem da mulher brasileira e sua relação com a cultura portuguesa já são possíveis de serem encontradas nas obras de Gilberto Freyre, sobretudo em *Casa Grande & Senzala*, onde ressalta-se a presença feminina em diferentes cenários - a senzala, a cozinha da Casa Grande e a própria Casa Grande.

Freyre destaca as relações hierárquicas que eram estabelecidas, dentro destes espaços, entre os gêneros masculino e feminino e entre os indivíduos de diferentes cores de pele e descendência étnica - o branco português, o negro africano e o indígena brasileiro, incluindo o mulato como fruto da miscigenação ocorrida entre o branco e o negro.

O que cabe aqui discorrer é sobre tais relações hierárquicas e como podem ser relacionadas à imagem popular que se aborda contemporaneamente da mulher brasileira em Portugal. Em várias passagens, há menções que trazem à tona os princípios desta construção imaginária, utilizando-se, como pano de fundo, os cenários patriarcais, onde se exprime que a mulher branca (de descendência portuguesa) “criatura reprimida sexual e socialmente dentro da sombra do pai ou do marido” (2003, p. 60), exercia seu poder sobre a mulher negra da Cozinha, mas que possuía uma relação estreita com a mulata da Senzala com quem dividia o Senhor, seu marido, da Casa Grande. A mulher, portanto, sendo ela a senhora da Casa Grande, ou sendo ela escrava negra ou mulata, via-se sob circunstâncias de dominação do homem branco.

Segundo Freyre (2003, p. 191), a imagem sexualizada da mulher brasileira tem seu início com a chegada do português em terras tropicais, quando o mesmo “independente da falta ou da escassez de mulher branca (...) sempre pendeu para o contato voluptuoso com a mulher exótica”.

Uma frase, que se tornou, não só, conhecida entre os estudiosos das Ciências Sociais, mas também entre ditos populares, diz: “Branca pra casar, mulata para f..., negra para trabalhar” (2003, p. 104). Logo, em Casa Grande e Senzala, as posições da mulher brasileira, fosse ela branca, negra e ou mulata, ficam bastante frisadas.

Hoje, nos Estudos Sociais, chama-se a atenção para o caráter sensual e exótico em que se apoiam estas reproduções. Em *Mulheres brasileiras na mídia portuguesa*, de Luciana Pontes (2004), salienta-se as influências históricas do imperialismo e colonialismo e os processos atuais da globalização nesta veiculação.

A intensificação do fluxo migratório brasileiro, em Portugal, nas últimas décadas, sobretudo de mulheres, tem vindo a dar ênfase aos “processos identitários mútuos, num quadro em que são criadas e/ou reforçadas velhas representações sobre a mulher brasileira” (Pontes, 2004, p. 236).

Em Portugal, a música com as danças erotizadas, as novelas, os produtos comercializados, o turismo, que são apresentados na mídia, tratam de essencializar a imagem feminina brasileira a sentidos da “exotização, tropicalização e sexualização e consequente inferiorização (...)” (2004, p. 231).

Contudo, de acordo com Machado (2003, p. 3), em seu estudo sobre o processo de exotização entre imigrantes brasileiros de classe baixa no Porto, esta exotização “é induzida, mas também é produzida altivamente pelos brasileiros, já que com isso passam a usufruir de determinados benefícios”.

Para o autor, os processos de exotização são “os movimentos de exarcebação, solidificação e essencialização de estereótipos sobre o Brasil e os brasileiros” (2003, p. 20).

Ele ainda afirma que “esses movimentos são vistos claramente na forma como os imigrantes no Porto buscam um lugar no mercado de trabalho” (2003, p. 20), onde há a introjeção dos estereótipos positivos, como, por exemplo, a alegria dos brasileiros e a sensualidade feminina, no auxílio a esta procura.

Conforme Machado (2003, p. 20), o Estado brasileiro e a sociedade portuguesa formam uma forte dupla na propagação desses estereótipos, já que, o primeiro preocupa-se “em vender a imagem do tropical exótico e da nação mestiça – para fins de turismo e solidificação da identidade nacional”, e a segunda “tem, desde o período colonial, constantemente reelaborado imagens sobre o Brasil”.

Atualmente, é possível de se perceber que, em função disto, situações constrangedoras e dilemas passam a ser comuns no cotidiano das imigrantes oriundas do Brasil em Portugal, com a ocorrência de insultos, e até mesmo assédios sexuais, que acabam por culminar numa dificuldade de socialização, a tal ponto que, conforme Diniz (2005, pp. 201-202) afirma, “existe uma reclamação generalizada quanto à maneira como são vistas e tratadas na sociedade receptora”.

A imagem da facilidade sexual e da prostituição associadas à mulher brasileira ganhou destaque no jornalismo televisivo português com *Mães de Bragança*, no ano de 2003, gerando uma onda de reportagens, que apresentavam “uma série de rusgas a casas de alterne” (Filho, 2008, p. 19). E, como consequência, “marcou a experiência de diversas imigrantes, com o exemplo típico da generalização do estereótipo de prostituta para todas as brasileiras” (Machado, 2007, p. 7).

Para Maria Xavier (2007, p. 117), a estigmatização “atravessa género e pertença nacional”, compondo-se de estereótipos negativos à imagem da mulher brasileira, “mulher fácil, prostituta, que faz programa, a fim de ganhar uma grana, atrás de português rico”, de acordo com o que é ilustrado em sua pesquisa.

Logo, tais imagens acabaram por ser uma espécie de “prisão” para as imigrantes brasileiras, as quais levam as ideias do que elas pensam que os portugueses pensam delas para as suas vidas cotidianas (Machado, 2003).

A exotização criada em torno do Brasil tem muitas consequências ambivalentes para estas mulheres, pois, por um lado, referem que a imagem negativa associada à sensualidade é moralmente marcada, afetando-as tanto no nível social quanto emocional, mas por outro lado, como referido anteriormente por Machado (2003, p. 20), também se beneficiam desses estereótipos positivamente, como se pode verificar na amostra do presente trabalho, em que das 19 brasileiras casadas ou vivendo em união de fato, a maior parte (12) partilha a sua vida com homens portugueses.

Analisando os discursos que foram desenvolvidos pelas imigrantes entrevistadas, identificou-se os espaços onde esta questão das imagens, neste caso discriminativas, fez-se

presente de forma constante, bem como veio a influenciar as suas vivências na sociedade portuguesa.

Do universo total de entrevistadas (30), 21 mulheres responderam que já passaram por situações de discriminação e 9 responderam negativamente, mas que, mesmo não tendo passado por isto, já se sentiram desconfortáveis em determinados momentos cotidianos, quando em contato com os portugueses.

DISCRIMINAÇÃO	
SIM	NÃO
21	9

Tabela 19 – Discriminação

Os espaços de discriminação/constrangimento foram:

- a) Os espaços públicos;
- b) O espaço familiar;
- c) O espaço de busca por trabalho e meio laboral (este último será analisado separadamente no momento a seguir).

a) Em espaços públicos: Os cafés e as lojas foram os mais utilizados como exemplos.

Aqui se destaca, respectivamente, os casos de *Elis Regina*⁴, *Rachel de Queiroz* e *Cora Coralina*, que responderam:

- “É aquilo que lhe falei, a primeira impressão logo que eles têm é de que as brasileiras são prostitutas, e, por causa disso, eu já sofri isso, sim, várias vezes. Um dia eu tava num café, sentada a uma mesa sozinha, e fiz um pedido, e logo chegou um português, e foi sentando na mesa do meu lado, e começou a passar a mão nos meus cabelos. Eu dei um pulo, e xinguei ele.”

⁴ Foram utilizados nomes de personalidades femininas, que marcaram na História do Brasil, para referenciar as imigrantes brasileiras deste estudo.

- “Simplesmente pelo fato de ser mulher brasileira, os primeiros olhares não são nada simpáticos, especialmente, vindo de outras mulheres, ah... e quando eu vou numa loja...”

- “Ah... de eu entrar em certo ambiente e falar o meu sotaque, que jamais vou mudar, e as pessoas olharem, ou fazerem que não me entendem quando peço alguma coisa.”

Os espaços de serviços públicos também foram trazidos pelas imigrantes, como contou *Marília Pera*:

- “Teve uma vez na garagem do autocarro, onde fui pedir a declaração pro IRS, aí o senhor que tava lá atendendo ficou fazendo pouco caso, e falando ao ar “ah, essas brasileiradas”... coisas assim.”

No momento de procura por moradia, as brasileiras lembraram das restrições que eram feitas pelos arrendatários, como lembrou *Chica da Silva*:

- “Eu tava procurando uma casa e ligava para as imobiliárias, e numa vez eu selecionei uma casa e fui ver como era, e havia um aviso na parede que dizia “não aceitamos mulheres brasileiras”.”

b) No espaço familiar: As famílias dos cônjuges de nacionalidade portuguesa aparecem como principais agentes de discriminação.

A história aqui sublinhada é a de *Maria da Penha*, a qual acabou por recorrer à Associação Mais Brasil para pedir apoio:

- “Começou logo que cheguei... fui morar na casa da família do meu marido que é português. O problema foi esse... a mãe dele me expulsou da casa enquanto meu marido estava viajando. Ela esperava a gente ficar sozinha pra me dizer um monte de coisas, dizia que não gostava de brasileira, que a brasileira só pensa em casar com português por interesse, e que só vem pra cá pra tirar os maridos das portuguesas. Ela maltratava a minha filha que não é neta dela. Fiquei na rua, e não conseguia contato com ele. Até que fui na Mais Brasil e lá me encaminharam pro Centro⁵, e lá conseguiram falar com ele.”

As entrevistadas que responderam negativamente sobre a pergunta da discriminação, levantaram suas percepções a respeito de situações que aconteceram, embora não sabendo

⁵ Centro Comunitário São Cirilo – Acolhimento de pessoas de comunidades imigrantes e minorias étnicas.

muito bem definir se foi ou não uma discriminação, mas que acabaram por causar constrangimento para elas.

Ellen Gracie comentou:

- “(...) já cheguei à sensação de algo de acharem que eu fosse daquelas mulheres. Uma vez eu tava almoçando com uma colega e fui pagar, e falei com o sotaque nosso, e depois um português me seguiu um pouco e ficou falando coisas, eu não sei se foi porque ele achou que, eu por ser brasileira, era uma dessas...”

E, *Leila Diniz* narrou:

- “Discriminação negativa eu não sei... teve uma vez que eu tava entrando com o carro numa rua, e um cara tava saindo e deu uma marcha ré, e encostou no meu para-choque e ele ficou brabo e saiu do carro me xingando e, quando eu falei, ele viu que eu era brasileira, ele parou de me xingar e começou a me pedir desculpas sendo todo atencioso e querido, entrei no carro, deixei assim, e fui no mercado, quando eu olho tá o cara me seguindo.”

Para *Leila Diniz* ainda, ser brasileira em Portugal é um grande problema para o seu casamento. Ela continuou:

- “E aconteceram várias coisas assim. Eu não podia usar uma bermuda que já ficavam loucos, e meu marido mais ainda. Mas a coisa tava não na roupa em si, mas no fato de eu tá com a roupa e abrir a boca. Meu marido já dizia que era pra eu não falar muito. No trabalho, ele um dia se cansou de ficar escutando coisa sobre as brasileiras. Tinha um cara que sempre dava pra falar nas brasileiras, e ele sabia que o meu marido era brasileiro... casado com uma brasileira... que “as brasileiras são isso, que as brasileiras são aquilo, que são boas na cama pra isso e pra aquilo. Que são tudo mulher de programa”. E, meu marido, um dia, se encheu com tanta vulgaridade que o cara lá, português, tava falando, e disse “olha aqui, minha mãe é brasileira, minha irmã é brasileira, minha esposa é brasileira, então tu não fala que toda a mulher brasileira é puta porque não é”. E o assunto se encerrou.”

Algumas entrevistadas contaram que, quando uma brasileira conhecida sua está para vir ao país, elas avisam como as brasileiras aqui são vistas e fazem recomendações de como se vestir, falar e estar, para quando se encontrarem na presença dos portugueses, como foi com *Carmen Miranda*, que falou à sua irmã:

- “A minha irmã tava pra vir pra cá, e eu já fui avisando como era... ela achou que eu tava exagerando, mas depois viu que era assim mesmo... eu disse “nem vem com essas calças apertada que ficam com a barriga aparecendo que vão achar que tu é puta.”

Percebe-se que, mesmo não sabendo definir se foi ou não discriminação, as imigrantes expressaram o constrangimento presente em momentos cotidianos, o que acabou por gerar consequências negativas às suas vidas públicas e pessoais, como foi descrito acima, em que o marido acabara por também sentir os reflexos deste processo de preconceitos e discriminação sobre as mulheres brasileiras em Portugal. Além disso, verifica-se que estas imigrantes vêm a tornarem-se transmissoras da ideia “o que os portugueses vão pensar”, confirmando o que já diz Machado (2003), que as brasileiras acabam por serem aprisionadas por estes pensamentos, levando isto até para os seus dia a dias.

1.1 Discriminação: trajetórias percorridas na busca por um espaço no mercado de trabalho

A feminização, no processo migratório, é um dos fenômenos que vem se desenvolvendo desde a década de 80, e uma de suas características é a autonomia da mulher emigrante, em função de um sistema econômico globalizado. Países da Europa, Austrália e Estados Unidos da América são os que mais possuem o fluxo de atração por trabalho (Rubio, 2003).

As mulheres têm saído de suas sociedades de origem e migrado para uma outra, na tentativa de conseguirem atender às suas expectativas financeiras. Contudo, o problema encontra-se na quantidade de barreiras que acabam por se deparar, como diz Rubio “las mujeres tienen mayor cantidad de barreras a la inmigración que los hombres y se elaboran sobre ellas estereotipos más desvalorizadores” (Rubio, 2003, p. 107).

Neste ponto, fatores como a cor da pele, a nacionalidade, o sexo e a classe social vão influenciar em seus percursos laborais. Com isso, nos estudos da migração, no que tange o universo laboral, é necessário que sejam levadas em consideração três variáveis – “gênero, classe social e etnicidade” (Rubio, 2003).

A trajetória na busca por trabalho pode começar mesmo antes da chegada em sociedade de acolhimento, quando já se tem uma garantia de emprego, e mesmo quando isso não ocorre, desde então, a perspectiva de um espaço começa a ganhar formas. E, é neste momento que serão percebidos os caminhos a percorrer, as facilidades e as dificuldades por que se passará.

No caso das imigrantes brasileiras, nos países europeus, em específico Portugal, há uma segmentação laboral bastante clara – o trabalho doméstico: cuidados da casa, crianças e idosos; enfermagem: cuidados de idosos em estabelecimentos clínicos; restauração e hotelaria (Wal, Nunes & Matias, 2008).

Sobre os serviços domésticos, Rubio (2003, p. 139) explica que, com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, o que acontece é que as autóctonas com grau de

qualificação superior assumem posições dentro de suas sociedades, que vão além da esfera doméstica, e as imigrantes, então, passam a substituí-las nesse domínio. Para as imigrantes, que também possuem um grau de qualificação elevado, a dificuldade encontra-se em obter a equivalência do mesmo em sociedade receptora. E, até que isso aconteça, elas acabam por exercer atividades que não têm a ver com as suas formações de origem, dessa forma, ocupando “las tareas “femeninas” más bajas en la escala social”.

Em Portugal, a imagem que se tem da mulher brasileira é um fator que vem a influenciar de forma significativa no seu percurso de trabalho. Pode ser relevante, tanto positivamente, assim como, negativamente. A sensualidade atribuída pode ser utilizada como elemento chave na composição de um cenário de trabalho em casas noturnas principalmente, mas pode ser elemento de desclassificação na concorrência por uma vaga em postos administrativos e de chefia (Machado, 2003). Nesse sentido, de acordo com Wall et al. (2005), a discriminação sobre as imigrantes brasileiras tem base na nacionalidade.

Outro fato que acabou por trazer complemento negativo à imagem da mulher brasileira, e por consequência à segmentação laboral da mesma, já citado anteriormente, foi “mães de Bragança”, no ano de 2003. Sua repercussão, na mídia, acabou por reforçar a ideia de sexualização e de prostituição sobre a brasileira, principalmente, sobre a mulher morena (Padilla, 2006; Pontes, 2006).

Trazendo à pesquisa, viu-se que as imigrantes do contexto associativista enfatizaram os seus percursos laborais e suas dificuldades. A maioria respondeu ter vindo sem garantias de trabalho, apenas uma respondeu ter vindo sem se preocupar em trabalhar. Das 22, que vieram sem garantias de trabalho, 16 responderam ter tido dificuldades na procura.

HAVIA GARANTIA DE EMPREGO OU ATIVIDADE REMUNERADA	
SIM	NÃO
8	22

<u>DIFICULDADES NA PROCURA POR EMPREGO OU ATIVIDADE REMUNERADA</u>	
SIM	NÃO
16	6

Tabela 20 – Havia garantia de emprego ou atividade remunerada

Cabe aqui ressaltar que, segundo as entrevistadas, as dificuldades existem no momento de busca, mas que conseguir uma atividade laboral não é difícil, principalmente nos setores de limpeza e restauração. Além disso, mesmo as mulheres que já tinham emprego, ou atividade remunerativa garantida, e as que não tiveram dificuldades em conseguir um trabalho, também vieram a apontar seus dilemas diários neste âmbito em função da: a) Dificuldade inicial com a língua; b) Nacionalidade brasileira discriminação/constrangimento; c) Desadequação entre as suas formações e as atividades que acabavam por realizar.

As dificuldades iniciais com a língua, nos trabalhos de atendimento ao público, nos setores de restauração, hotelaria e *tele-marketing* foram inúmeras vezes citadas, principalmente, na hora de anotar os pedidos no Café e em ter que se comunicar através de telefone para venda de produtos e pedidos de doações às instituições de caridade, no caso do *tele-marketing*.

Os dilemas com a questão da nacionalidade brasileira discriminação/ constrangimento foram os mais levantados, tanto na procura por emprego, quanto nos seus espaços de trabalho.

No momento de procura, pode-se destacar os casos de *Fernanda Montenegro* (1), *Anita Garibaldi* (2) e *Pagú* (3):

1. - “Houve uma vez que me marcou muito, eu estava procurando emprego, e vi desses para fazer inquéritos. Mas quando eu liguei falaram que não estavam interessados porque não estavam contratando brasileiras.”

2. - “Eu tentei um emprego, numa cosmética, para trabalhar no atendimento, e fui rejeitada por ser brasileira. A gerente é portuguesa, e ela me tratou muito mal. Na entrevista logo foi me dizendo “fique sabendo que eu não gosto de brasileira”. Aqui no salão também com clientes que faziam umas deixas⁶. Uma vez uma senhora que eu estava atendendo aproveitou quando ficamos sozinha para me maltratar, não tinha ninguém e ela começou a pisar nos meus pés, intimidando, dizia que a gente veio pra cá só para roubar e não pra trabalhar. Ela falava que eu não era “raça pura”, e ela dizia “nós somos raça pura”. Ela olhava e apontava pra aliança dela e dizia “nosso ouro é diferente”, ela dizia que o nosso ouro não era o mesmo que o dela. E eu continuava fazendo o meu trabalho, eu vi que ela tava implicando pra me tirar do sério pra depois reclamar.”

3. - “Um sujeito negou-me um emprego porque eu era uma brasileira. Era um *part-time* num café, pra atender mesas, eu respondi a um anúncio pela *internet*, e ele respondeu-me, marcou a entrevista, e eu fui lá. Quando eu fui lá ter com o patrão, e logo que eu abri a boca e ele percebeu o sotaque, ele rapidamente me dispensou. Ele me perguntava constantemente o que eu fazia no Brasil, e dava a entender que eu tinha vindo pra cá... pra ou me prostituir ou porque eu queria casar com um português. Ele dava a entender que eu não tinha boas intenções em entrar em Portugal.”

Os espaços de trabalho também são cenários de desconforto e discriminação. *Zilda Arns* (1) e *Olga Benário* (2) falaram sobre as restrições que foram feitas por patrões portugueses para trabalharem em seus cafés e restaurantes:

1. - “Meu patrão não queria que eu tivesse muito contato com os clientes, e ali enchia de homem porque tem muito escritório, banco, ía muito executivo, e ele achava que uma brasileira não podia dá muita confiança pros clientes. Ele falava isso porque os clientes íam muito lá quando era uma brasileira que atendia, e se a funcionária desse muita confiança num dia, e no outro não, eles já achavam que ela não tava mais dando bola e perdia-se o cliente. Então, ele dizia pra não conversar muito, não rir muito, era assim que ele falava pra mim. E ele dizia que os portugueses não podia ver uma brasileira. E, quando eu cheguei aqui, eu nem tinha ideia disso, eu falei “Meu Deus do céu, que país é esse? Que mundo louco!”... Ah... e quando chegava mercadoria, era nós que tinha que pegar, os outros funcionários que eram portugueses não queriam pegar, ficavam se fazendo, aí só as mulheres que eram brasileiras que eram mandadas fazer alguns tipos de serviços lá.”

2. - “Eu tive uma situação que me impactou muito. Fui cumprimentar um amigo português que me chamou para trabalhar aqui no restaurante, e cumprimentei e ía dar-lhe um beijo de cumprimento, e ele se distanciou, me distanciou, e em seguida me chamou a atenção: “Nunca mais você faça isso!”. E eu “Como? Porquê?”. Não tava entendendo. E ele “aqui não se cumprimenta desta forma, principalmente brasileiras, porque vocês têm uma reputação muito abaixo”, ainda disse “outra coisa, não ponha saias e nem batões”. Imagina, eu lá do Nordeste, eu adoro meu batonzinho. Ele disse que tava fazendo isso pro meu bem, pra eu não ser confundida, pra não passar a imagem que as brasileiras quando chegam aqui passam.”

⁶ “A dar o entender”, fazer implicâncias.

Maria Quitéria apontou a discriminação por parte de colegas de trabalho e por parte da comunidade onde prestara serviços de saúde:

- “Quando eu cheguei, já sabiam que eu era profissional, houve uma boa receptividade... depois que começaram a me ver sozinha e começaram a ter malícias, me decepcionei muito. Abriu a boca e é brasileira, já te olham. Já me confundiram tanto como se eu fosse prostituta. A maior discriminação foi numa escola onde trabalhei, uma discriminação que porque eu tive sorte de conseguir a minha equivalência, mas, hoje, nos congressos, elas me olham com ódio, porque elas me conhecem, sempre me criticam a minha fala porque eu não falo como deveria, elas falam do meu sotaque. Elas sempre querem passar por cima, mas eu não dou importância. Nas escolas, as mães não gostam de mim, sou solteira. E elas não gostavam de eu trabalhar com os filhos delas, como se eu tivesse um rótulo SOLTEIRA igual à...”

Assim como a entrevistada acima, *Princesa Isabel* falou das suas relações com os colegas de trabalho:

- “Sempre tem algum *tititi*... sobre eu ser brasileira. Não é todos, mas sempre um grupinho de duas três que ficam falando... sempre dão a entender que a gente é prostituta.”

Cecília Meireles destacou dois momentos que mais marcaram a sua trajetória no local onde trabalha desde que chegou:

- “No trabalho, logo que cheguei, havia um rapaz que fazia menção que ia passar a mão em mim. Quando eu passava por ele, eu tinha que desviar. Um dia já tava chato, e, quando só estávamos os dois, ele veio e eu desviei e disse assim pra ele “que esta seja a última vez, porque da próxima vez eu deixo você passar a mão, mas ao mesmo tempo você vai levar uma porrada no meio da cara, e vamos os dois procurar nossos direitos e lá vou dizer porque fiz isso”. A partir daí nunca mais fez isso. Esse caso não levei à direção, mas houve um caso mais recente que havia uma senhora que ela não gostava de mim, e ela queria saber de tudo sobre a minha vida, e eu sou uma pessoa muito reservada, uma vez ela me chamou de puta, que as brasileiras são putas e eu não devia ser diferente, e outras coisas, por ser brasileira. Depois fomos aos nossos chefes, falei o que se passava, ela foi ouvida também. Depois não deram razão nem a mim nem a ela, falaram que não queriam mais aquilo se passando dentro do trabalho. Não queriam confusão dentro da fábrica. Ficamos assim. Não trabalhamos mais no mesmo ambiente. Lá, sempre tenho que me impor, senão...”

Maria Ester Bueno também teve lembranças de um fato mais atual e de outro que ocorrera no trabalho anterior:

- “A primeira interpretação que o português tem é julgar-te como as outras até você provar o contrário. Nesta loja, que eu estou a auxiliar, dando este curso, tem lá uma senhora que me olha de cima a baixo e nem bom dia e nem boa tarde. A outra patroa já me falou que é porque eu sou brasileira e ela teve um marido que trocou-a por uma brasileira. (...) quando eu tava trabalhando em umas obras porque faltava trabalho, (...) teve um colega que chegava e passava a mão no meu braço e dizia “a menina brasileira trabalha porque quer, porque nem precisava”, depois saía e não falava mais nada, e eu entendia o que ele tava querendo dizer, “ah fica comigo, deita comigo, faz comigo que eu dou-te o dinheiro”. Nunca me sujeitei. Trabalhava em obra e não via problema nenhum. Eu dizia “trabalho porque quero porque gosto”. Nunca me sujeitei, nem lá no Brasil, muito menos aqui.”

Sobre os comportamentos inadequados dos contratantes, *Chica da Silva* (1) e *Olga Benário* (2) narraram:

1. - “Não posso abrir a boca, mas a cara já entrega também, o corpo⁷. E isso infelizmente é visto como negativo. Já me senti muito mal aqui por ser brasileira. Num restaurante onde eu trabalhava, tinha lá um patrão português, e, na altura, não sei se porque ele já queria me demitir, ele disse-me que me viu com o outro patrão num local onde é uma casa de teatro lá em Lisboa. Eu disse que não era eu, mas ele insistiu tanto que eu liguei para o meu marido, na época, para ele ir lá e dizer que eu estava em casa com ele. Ele me acusava de andar com o patrão. Ele disse que iria me demitir, mas disse-lhe que ele teria que provar, falei dos meus direitos.”

2. - “Teve um caso assim, eu tava antes trabalhando numa empresa entregando materiais da telefonia, e a portuguesa que é a gerente disse assim pra mim um dia “você tem muita sorte de estar aqui, se fosse em outro lugar, você estaria da porta pra fora”. Eu me senti mal, e não fiquei mais lá. Sabe, o jeito que ela falou foi ruim.”

Relativamente ao público cliente/paciente, *Margaret Mee* (1) e *Elis Regina* (2) discorreram sobre suas insatisfações:

1. - “No emprego é complicado... antes tava no *tele-marketing*... pedindo doação pra uma instituição... porque não é fácil uma brasileira pedir doação em dinheiro do outro lado. Ouve-se muita coisa ruim, eles duvidam... tem que convidar eles pra visitar a instituição pra mostrar que é verdade.”

⁷ A entrevistada quis dizer que, além do sotaque, o seu rosto e o seu corpo são tipicamente brasileiros, e que, desta forma, torna-se fácil a sua identificação com relação à nacionalidade brasileira.

2. - “O tratamento das pessoas que eu cuido e a família delas. Nós da área da saúde somos funcionários no Brasil, e as pessoas que a gente cuida nos veem com respeito, aqui não, aqui eles querem é mandar na gente. Não olham você nos olhos, é de cima pra baixo. Isso já te dá uma certa insegurança no cuidar do próprio paciente. E o que acontece é que a família acha que a gente tem que chegar na casa e começar a fazer tarefas de doméstica. E, quando é portuguesa, que tá fazendo os cuidados, elas já logo dizem “desculpa lá, mas eu não vou fazer tal coisa...”, e eles aceitam, mas se é brasileira é diferente, eles ligam pra empresa a reclamar.”

E, por último, a dificuldade de se adaptar com a desadequação entre as formações de origem e as atividades remunerativas realizadas em sociedade portuguesa também foi destacada entre os discursos acerca do universo laboral, como bem expressaram *Ellen Gracie* (1) e *Rachel de Queiroz* (2):

1. - “Eu quero muito uma coisa que eu esteja acostumada a trabalhar, e ficar trabalhando nestes trabalhos que eu estou não é pra mim. Eu sou uma pessoa qualificada.”

2. - “O que vem sendo mais difícil é a questão do emprego... trabalhar em algo que não tem nada a ver comigo.”

Para tanto, comparou-se a profissão original com a situação laboral que se encontravam estas mulheres, e percebeu-se que a imensa maioria não exercia sua profissão original, assim, não realizando atividade laboral que condiz com a sua qualificação acadêmica ou técnica (Peixoto, et al., 2006)⁸. Veja-se na tabela a seguir:

⁸ Atualmente, no mercado de trabalho, a maior parte dos candidatos, quer seja de estrangeiros, quer seja de nacionais, tem formação mais elevada do que a que se demanda. No entanto, os estrangeiros sentem essa situação como discriminante.

Trabalho Original	Atividade Atual
Ensino Superior	
Bacharelado em Línguas e Literatura Alemã/Professora	Faxina em domicílios
Licenciatura em Letras/Professora	Desempregada
Formação em Educação	Prestação de serviços
Professora Escolar	Prestação de serviços domésticos
Formação em Psicologia	Bolsista Dout./prestação de serviços
Fonoaudióloga/Terapeuta da Fala	Desempregada
Formação na área da saúde	Bolsista Dout./ prestação de serviços
Advogada/Funcionária Pública	Aplicação de inquéritos para Pesquisa
Contabilista	Supervisora de agência de câmbio
Formação em Direito	Desempregada
Formação em Sociologia	Prestação de serviços
Enfermagem	Auxiliar de Geriatria/Cuidados a idosos
Letras/Funcionária Pública	Desempregada/ do lar
Ensino Técnico	
Formação em T. Enfermagem	Cuidado de Idosos
Técnica em Processos Gerenciais	Manicure/pedicure
Técnico Escrevente/Tabelionato	Desempregada/ do lar
Técnico em Estética	Esteticista/Autônoma
Cabeleireira	Empresária no ramo de beleza e estética
Técnico em Cuidados Idosos	Serviços domésticos/idosos
T.Contabilista	Desempregada
Técnico em Culinária	Setor de Restauração/cozinha
Ensino Médio	
Empresária no comércio	Setor de Limpeza Doméstica
Desempregada	Setor Hotelaria/Cozinha
Empresária	Desempregada/ do lar
Desempregada	Expedição em fábrica de carnes
Comerciária	Desempregada/do lar
Funcionária pública	Cuidados a idosos
Estudante Nível Superior	Prestadora de Serviços Turísticos
Empresária no setor de restauração	Aux. cozinha no setor de restauração
Gerente no setor de restauração	Aux. cozinha no setor de restauração

Tabela 21 – Trabalho original

Observa-se que, no grupo das mulheres que possuem nível de ensino superior, a maioria está em desadequação com as suas qualificações profissionais. No segundo grupo, o do nível técnico, tem-se duas imigrantes desempregadas e apenas uma em desadequação. E, no terceiro, o do nível médio de ensino escolar, há também duas em desemprego, e cinco em desadequação.

Portanto, no percurso laboral de uma imigrante, é possível identificar diferentes tipos de percalços. Para estas mulheres, a dificuldade na comunicação com os portugueses foi significativa apenas no momento de inserção. A problemática da discriminação e constrangimento pela nacionalidade brasileira e sexo feminino é encontrada em diferentes momentos do percurso. E, a desadequação entre as suas formações e as atividades que acabam por realizar tem grande peso, principalmente, para aquelas que possuem qualificação superior acadêmica.

1.2 Imagens-recíprocas, estratégias de socialização e (re)composição de identidades

A questão da identidade é abordada em vários estudos das Ciências Humanas e Sociais. No percurso migratório, em cada etapa, é evidenciada por diferentes fatores que acabam por influenciar no seu processo de (re)composição (Albuquerque, 1996; Saint-Maurice, 1997).

Segundo Pimentel (2006, p. 41), na fase de adaptação do imigrante em sociedade de acolhimento, a identidade é marcada pela “troca de símbolos culturais” e pelo “impacto de situações vividas de adversidade”, “o indivíduo confronta-se com um contexto culturalmente diverso onde terá que interagir, interpretando comportamentos e práticas e revelando-se com os seus, próprios de sua cultura”.

Para Cucho (1999, p. 80), a cultura é capaz de influenciar no comportamento humano, sendo assim, “um sistema de valores, de representações e de comportamentos que permitem a cada grupo identificar-se, orientar-se e agir no espaço social ambiente”. Além disso, nas palavras de Geertz (1989), o “tornar-se humano” é conseguido por meio cultural, um meio dotado de simbolismos para o comportamento humano. Laraia (1986, p. 70) também afirma que “o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural”. E, Pimentel (2006, p. 43) conclui que “a cultura não só molda o pensamento e a acção do indivíduo como também vai sendo construída e reconstruída por ele na relação que vai estabelecendo com os demais”.

Bourdieu (1979, p. 190) utiliza o conceito de *Habitus* para explicar a dinâmica existente na realidade social e suas práticas:

O *Habitus* é ao mesmo tempo princípio gerador de práticas objectivamente classificáveis e sistema de classificação dessas práticas. É na relação entre as duas capacidades que definem o *Habitus*, capacidade de produzir práticas e de as classificar, capacidade de diferenciar e de apreciar estas práticas e os seus produtos, que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço dos estilos de vida.

Conforme o teórico, as práticas sociais ocorridas em diferentes espaços, campos simbólicos, são reguladas pelo *Habitus*, através de uma dinâmica dialética estrutural que é por

consequente movida pelos indivíduos, agentes sociais, e suas interações, que por sua vez são condicionados a um capital social (Bourdieu, 1992).

Sobre o *Habitus*, Pimentel (2006, p. 49) discorre:

O *Habitus* entendido como matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem as suas escolhas, constitui-se como um instrumento para compreender o processo de constituição e reconstituição das identidades no mundo contemporâneo.

Para a autora, “a identidade assume, então, uma posição transversal a todo o processo de imigração, rotineiramente criada e sustentada através das actividades reflexivas do agente” (Pimentel, 2006, p.9).

Sabe-se que o termo “identidade” possui uma vasta gama conceitual advinda de distintas perspectivas das áreas do conhecimento (Antropologia, Filosofia, Sociologia e Psicologia). Conforme Cuche (1999, p. 124), “para a Psicologia Social, a identidade é uma ferramenta que permite pensar a articulação do psicológico e do social num indivíduo”.

Para tanto, levanta-se a questão da existência de uma dicotomia entre identidade pessoal e identidade social (Jacques, 1998). E, para Cuche (1999), a primeira diz respeito ao indivíduo e sua intimidade, já a segunda diz respeito às suas pertenças no sistema social (assim, entrando também a identidade cultural).

Pimentel (2006, p. 65) ainda afirma que “o contexto social fornece as condições para os mais variados modos e alternativas de identidade, logo, a identidade pode ser entendida como uma forma sócio-histórica de individualidade”. Morin (1987) e Maalouf (1989) afirmam que o indivíduo é composto por um somatório de identidades não divisíveis.

Conforme Cuche (1999, p. 133) orienta, “se a identidade é tão difícil de definir, é precisamente devido ao seu carácter dinâmico”. E, com isso, assim como aponta Pimentel (2006, p. 65), “a identidade constitui-se de uma multiplicidade de papeis, que formam uma totalidade e não é um produto acabado, mas vai sendo construída na relação com o outro”.

Conclui-se, portanto, que “não há identidade em si, nem sequer unicamente para si. A identidade é sempre uma relação com o outro. Por outras palavras, identidade e alteridade articulam-se uma na outra e mantêm uma relação dialéctica” (Cuche, 1999, p. 128).

Nesse sentido, no contexto migratório, é possível acompanhar o processo de (re)construção de identidade de um imigrante quando em sociedade de acolhimento, perceber de que forma o mesmo se observa, observa o “outro”, e observa-se em evidência a este. E também perceber de que forma esta questão de identificações influencia no seu comportamento diário e vice-e-versa.

As imagens sobre o “outro”, que vão sendo desenhadas na medida em que vão ocorrendo as relações em sociedade, as impressões primeiras que se obtêm deste “outro” e a questão acerca do que este poderá perceber do “eu” ou do “nós” (como grupo) fazem parte de uma problemática académica já há algum tempo e que possui peculiares perspectivas. Contudo, conforme Lages et al. (2006, p. 34), não restam dúvidas de que “as interações entre os actores sociais estão condicionadas pelas impressões que cada qual tem acerca dos outros”.

Na psicologia social, Goffman (1975) trata da representação teatral do indivíduo, o qual vem a desempenhar um papel social condicionado às impressões que possui a respeito dos outros e às impressões que o outro poderá ter a seu respeito. Na sociologia, Durkheim (1951) contribuiu com as explicações sobre as “representações coletivas”. Nas teorias contemporâneas, Baudrillard (1990; 1991) tem a ideia de que “a realidade implodiu na imagem e esta constitui uma hiperrealidade mais real do que a própria realidade” (Lages et al., 2006, p. 34).

Para Lages (1997), na definição da realidade pós-moderna, há uma emergência da estética, e a imagem ganha papel crucial, principalmente, entre as classe afluentes. Dessa forma, constata-se que “o homem pós-moderno vive mais de aparências do que de realidades, estando a comunicação social cada vez mais ao serviço desta hiperrealidade” (Lages et al., 2006, p. 35).

Como consequência disto, o autor ainda ressalta o caráter fluido e impreciso acerca da auto-apresentação condicionada à ideia do “outro”. Lages et al. (2006, p. 36) explica o problema dos estudos das imagens:

[as] imagens assim recolhidas subjazem representações colectivas que são filtradas por indiossincrasias pessoais: em qualquer opinião, atitude ou comportamento imiscuem-se, com efeito, ideias veiculadas culturalmente e preconceitos dominantes nos grupos sociais que definem as referências valorativas dos inquiridos. Na verdade, o preconceito não é mais que o fundo de pré-determinação cultural das imagens que o respondente incorporou na sua personalidade e exprime em gestos e palavras; e os estereótipos resultam dos mecanismos quase automáticos de repetição que os actores sociais menos reflexivos subscrevem de forma quase automática, de acordo com os hábitos que a socialização neles foi inculcando.

Com base nestas definições, pontua-se o cenário das imigrações, sendo assim, “o estudo dos estereótipos é um tema central na investigação sobre as relações entre maioria e minorias em geral entre os receptores de imigrantes e os imigrantes em particular” (Lages et al., 2006, p. 237).

É importante ressaltar que o estereótipo é muito mais do que um processo cognitivo, como afirma Lages et al. (2006, p. 237), “envolve escolhas, conhecimentos, socialização, consciência de normas, nos quais se observam factores culturais e pessoais de criação do estereótipo interessantes do ponto de vista da intervenção política e social”

Sobre os estereótipos associados aos brasileiros em Portugal, no estudo de Lages et al. (2006), “*Os imigrantes e a população portuguesa. Imagens recíprocas. Análise de duas sondagens*”, constatou-se que, no que diz respeito à população imigrante e os tipos de desvios sociais, o ítem “prostituição” teve 69,6% de referência aos brasileiros, ocupando assim o primeiro lugar na tabela. Além disto, ao comparar as duas sondagens (1^a-2002; 2^a-2004) realizadas como material de análise para o referido acima, com relação a este mesmo tópico, percebeu-se que, na segunda, teve uma maior incidência referente aos brasileiros e à prostituição, considerando-se *Mães de Bragança*, que ocorrera no ano de 2003, sob muita repercussão midiática, fator de grande influência no imaginário português.

Para tanto, nesta pesquisa, no decorrer da aplicação das entrevistas, evidenciou-se a ocorrência constante de afirmações acerca dos portugueses e da sociedade portuguesa por parte das imigrantes, e também colocações sobre como estes agem e pensam com relação às

mulheres brasileiras, e, como consequência disto, a busca pela mudança comportamental com a finalidade de integração/adaptação.

Visto que a identidade do imigrante fica em constante processo de (re)construção no percurso migratório, e ganha formas de acordo com o contato adversativo com o “outro”, leva-se em consideração Goffman (2003), em sua obra *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*, que utiliza, para falar do comportamento humano em sociedade, a perspectiva de uma representação teatral.

Em seu estudo, considera:

(...) a maneira pela qual o indivíduo apresenta, em situações comuns de trabalho, a si mesmo e as suas atividades às outras pessoas, os meios pelos quais dirige e regula a impressão que formam a seu respeito e as coisas que pode ou não fazer, enquanto realiza seu desempenho diante delas. (2003, p. 9)

Logo, “quando um indivíduo se apresenta diante outros, tem muitos motivos para procurar controlar a impressão que estes recebem da situação, para isso, utiliza-se de técnicas” (2003, p. 23).

O autor chama essa apresentação, em modos gerais, de *interação representativa*. Os termos que utiliza para se referir a aqueles que estão a participar da situação são “platéia”, “observadores” ou “co-participantes”. Ainda concebe a expressão “fachada” para designar “o desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir sua situação para os que observam a representação”. Concluindo a definição, explica que “fachada é, portanto, o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconsciente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (2003, p. 29).

Na fachada, há alguns complementos que auxiliam na situação de representação do indivíduo. O primeiro complemento é o “cenário”, que é composto por itens como mobília, decoração, disposição física e demais elementos de pano de fundo. Outro tipo de ferramenta à representação é a “fachada pessoal”.

Inclui-se como partes da fachada pessoal “os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade, e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de

linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes” (2003, p. 31). É o que se chama de veículos de transmissão de sinais, os quais acompanham o ator onde quer que vá; diferente de outro tipo de veículo de sinais, que é a expressão facial, que pode variar de um momento a outro.

O autor apresenta outra variável da fachada, a “aparência”, e esclarece:

Pode-se chamar de “aparência” aqueles estímulos que funcionam no momento para nos revelar o status social do ator. Tais estímulos nos informam também sobre o estado ritual temporário do indivíduo, isto é, se ele está empenhado numa atividade social formal, trabalho, ou recreação informal, se está realizando, ou não, uma nova fase no ciclo das estações ou no seu ciclo de vida. (2003, p. 31)

Um outro tipo de desempenho, na representação do indivíduo, ocorrida no ato da interação com outro ou outros indivíduos, é a “idealização”, ou seja, “a tendência que os atores têm a oferecer a seus observadores uma impressão que é idealizada de várias maneiras diferentes” (2003, p.40).

Goffman (2003, p. 41) afirma que “uma das fontes mais ricas de dados sobre a representação de desempenhos idealizados é a literatura sobre mobilidade social”. E, na maioria das sociedades, aparece a idealização por pertencimento a estratos superiores. Com essa perspectiva, o indivíduo procura, através dos sinais, subir ou se manter no grupo, que idealiza como superior.

A respeito desse tipo de comunicação, desenvolve que “cada participante da interação geralmente se esforça em conhecer e manter seu lugar, sustentando qualquer equilíbrio de formalidades e informalidades, que tenha sido estabelecido para a interação” (2003, p. 156).

Como foi visto, conforme destaca Topa (2009, p. 21), citando Bledin (2003), o percurso migratório é um espaço privilegiado para se estudar os processos de (re)construção identitária, “pois migrar significa deixar para trás todo um mundo e uma história familiar, precisando para isso de um período de maturação e reajustamento”.

Neste período, a imigrante confronta o seu “eu” com “as imagens e os papéis que lhe são devolvidos pela sociedade de destino” (2009, p. 21), como elucida a autora:

Esta entende muitas vezes re-socializá-la, ou seja, impõe-lhe novos valores, crenças, que a invadem tanto a nível público, como privado. Para reconstruir o seu próprio espaço de vida, consciente ou inconscientemente, ela desenvolve novas estratégias identitárias, que contribuem para uma recomposição identitária necessária ao confronto que vivencia.

Topa (2009, p. 24), citando Abranches (2007), explica:

(...) a imigração confronta as mulheres com processos de categorização. A incompreensão continua a ser uma das facetas da abordagem da diferença na sociedade de acolhimento, onde a imigrante é integrada numa tipologia simbólica, sócio-económica e política, que é o campo de referência dos membros desta sociedade. As categorizações e os estereótipos multiplicam-se, interligam-se e confirmam-se mutuamente, abrangendo uma parte, se não a totalidade dos domínios da vida.

Enfim, para o presente estudo, num primeiro momento, serão evidenciadas as percepções que as entrevistadas possuem sobre os portugueses e o que eles pensam sobre os brasileiros, em especial sobre as brasileiras. Em contrapartida, num segundo momento, aborda-se-á como ocorreu o processo de (re)construção identitária para as imigrantes, e suas estratégias comportamentais, face às adversidades encontradas na sociedade de acolhimento.

1.2.1 Imagens: o que “nós” pensamos d’“eles” e o que pensamos que “eles” pensam de “nós”

As imagens que são desenhadas pelos brasileiros, em atribuição aos portugueses, e as imagens que são desenhadas pelos portugueses, em atribuição aos brasileiros, já são de longa data. Nas piadas e brincadeiras jocosas sobre uma cultura e outra, são muito comuns de serem vistas as falas e as formas de estar que são representadas por uma cultura a respeito da outra. Entretanto, é quando estão em situação de relacionamento que é possível de se perceber o que vem disto tudo a ser relevante para a existência de harmonia, ou não, entre elas.

Machado (2003, p. 87), destacando Vieira (1991), afirma que a fala é considerada variável de baixa civilidade do brasileiro, desde muito tempo, na imagem portuguesa para com este, e, em contrapartida, fazendo alusão a *Helena* (1853) de Garret, indica que a imagem do português em terras tropicais vem a ser a de “um ávido explorador que sugava e corrompia a terra e retornava ao país de origem sem deixar nada ao lugar que possibilitou o enriquecimento”, dessa forma, construindo-se um antilusitanismo.

O pesquisador explica como estas trocas foram sendo desenvolvidas:

Se considerarmos que a imagem do português formulada pela nação brasileira, foi por excelência a do “burro”, e se tomarmos ainda que esta foi uma resposta antilusitana ao monopólio do comércio por parte dos portugueses e às estratégias de enriquecimento lusitanas no Brasil, pode-se afirmar que, inicialmente, essa visão era uma forma *de ressentimento* por parte dos brasileiros, que lutavam com as armas que tinham à disposição, entre elas a desmoralização simbólica. Como memória do ressentimento, os estereótipos revelam mais sobre quem os fala do que sobre quem é descrito. Os estereótipos são uma forma de não-conhecimento sobre o objeto do estereótipo, não sobre quem perpetua as imagens agressivas e rudimentares. (2003, p.92)

E, continua:

Essa contraposição entre estereótipo esclarece algo sobre o lugar do qual falam quem os proferem (suas posicionalidades, segundo Hall 1996): o português, com seu inevitável ranço colonialista e o brasileiro, incormado com a continuação da dominação portuguesa do comércio. Esse é o ponto. Entretanto, as memórias populares, as tradições orais, têm vida própria enquanto manifestações da organização simbólica. O que era ressentimento num momento pode tornar-se vítima aleatória do humor popular, e o momento em que isso acontece é difícil de documentar. Mas é preciso entender que as atuais piadas sobre os portugueses têm uma origem política de resistência e revolta populares, e que esse processo, de certa forma, fechou as portas a um reconhecimento do que é Portugal no final do século XX. (2003, p.93)

Como a questão aqui são as mulheres brasileiras, procurou-se ressaltar como esta dinâmica é absorvida por elas: como são as imagens que possuem sobre os portugueses e como é que entendem que estes percebem-nas como grupo brasileiro e feminino.

As entrevistadas contaram que antes de chegar no país possuíam ideias estereotipadas sobre os portugueses com base nas piadas populares que são reproduzidas com frequência na mídia brasileira, onde ressalta-se o fator “burrice” com relação aos homens e “feiura” a respeito das mulheres, como bem discorreram *Carlota Joaquina* (1), *Anita Garibaldi* (2) e *Zuzu Angel* (3):

1. - “Escutava aquelas brincadeiras de muito mal gosto que dizem que os portugueses são burros. Na verdade eles não são nada burros. Há de fato uma cultura mais antiga nas Aldeias.”
2. - “Eu escutava muito, no Brasil, que toda a mulher portuguesa é feia, o que é uma mentira. Tem muita portuguesa muito bonita aqui. A gente escuta lá aquelas piadinhas de português que a gente ouve, mas que aqui eles fazem dos brasileiros também.”
3. - “Pensava antes que as mulheres não se arrumavam, e que eram porcas, mas penso que as mulheres estão mais diferentes, começaram a ter mais essa coisa da vaidade da brasileira, da necessidade de se cuidar, que elas nunca tiveram.”

É possível observar, na fala de *Zuzu Angel*, que a qualidade de “feiura” (na sua forma tratada como desleixo) ficou fortemente frisada em suas considerações sobre a imagem da mulher portuguesa, chegando, então, a evidenciar que agora “*as mulheres estão mais diferentes*”.

Como foi relatado, estas ideias não são confirmadas depois que estão aqui, embora apareçam outras situações que as façam recriar o ambiente de desqualificação sobre os portugueses. E, assim, as qualidades negativas “mal educados”, “estúpidos”, “frios”, “porcos”, “fechados” (difíceis de se conquistar e fazer amizades), “machistas”, e, até mesmo, “racistas” e “preconceituosos” tomam conta deste cenário de impressões. Todavia, ao mencionarem suas percepções, cabe aqui considerar a preocupação em ressaltar os lugares em que eram vistas - a aldeia, Lisboa e o Porto - pois, segundo as mesmas, há diferenças de intensidade acerca dessas qualificações atribuídas aos cidadãos portugueses pertencentes a um local ou outro do país.

Neste universo, também, a questão da sexualidade calcada na imagem da mulher brasileira, que vem sendo frisada, ganha destaque. Além de apontar as diferenças entre um lugar e outro, *Maria da Penha* chamou a atenção ao estereótipo da sensualidade que é visto de maneira depreciativa:

- “Na aldeia, os portugueses são muito grossos, mal educados, estúpidos, é uma sinceridade demais que eu acho que não é boa. Aqui no Porto, pra esses lados aqui da cidade mesmo já não tanto. Eles são preconceituosos. Eu, como sou nordestina, nasci na Bahia, e sei que os nordestinos são discriminados até no Brasil, em São Paulo. Eles pensam que as baianas são muito fofas. Eu já tinha assim uma noção, mas eu não sabia de que havia desumanidade por parte dos portugueses.”

Assim como *Maria da Penha*, *Ana Néri* (1) e *Olga Benário* (2) apontaram para esta mesma questão da imagem da mulher brasileira em Portugal:

1. - “Muito fechados, pessimistas, a forma de falar deles é fria, impessoal. E, a impressão que eu fico é que eles quando olham que a gente é brasileira eles já logo pensam “ih, mais uma aqui”, mas nos conhecendo, adquirem confiança, simpatia, e a coisa muda.”

2. - “Muito ignorantes, porcos, grossos, mal educados, analfabetos esses mais antigos, os homens machistas... isso me travou um bocado. Lá, em Lisboa, já escutei comentáriosinhos. Uma vez escutei de uma portuguesa “chegou mais uma”. Como se eu fosse uma... sabe?”

Cecília Meireles (1) e *Palmira Gobbi* (2) destacaram a dificuldade em conquistar os portugueses, em termos de amizade, pelo fato de não terem confiança nos brasileiros:

1. - “Na aldeia... pessoas frias, aqui já não digo tanto, mas quando cheguei eram pessoas frias, porque custa conquistá-los. Tem de passar confiança para eles, para eles terem confiança em nós, e, quando isso acontece, eles tornam-se pessoas espetaculares, fáceis de se conviver. Mas, realmente, no início, é difícil chegar até eles.”

2. - “Há uma certa distância. Com o passar do tempo tu vai vendo que tu constroi amigos que são bem difíceis. Lá, no Brasil, quando se faz amigos, é diferente... aqui, eles são estúpidos e são machistas, são muito tensos.”

Pagú complementou qualificando diferentemente Lisboa e o Porto, contudo, citando o termo “racista”:

- “Eles são extremamente fechados. Lá, em Lisboa, tive uma impressão diferente aos daqui. Vejo que os portuenses são muito mais educados que os lisboetas. Mas são fechados também. É muito difícil chegar aqui e conseguir se entrosar com eles. Uma vez que você percebe que eles são mais fechados, não são difíceis de lidar. Tem algumas questões culturais, até pelo fato de ter uma forte influência do catolicismo aqui, consegue-se ir percebendo como chegar neles. Os lisboetas, eu percebo porque eles não são muito chegados nos brasileiros, e nos estrangeiros em geral, eles são muito mais racistas que os portuenses. Lá, a criminalidade envolvendo imigrante é muito maior, e, aqui, praticamente não se escuta falar que um imigrante assaltou ou coisa do gênero, lá, é muito comum. Mas, no geral, eles são muito racistas mesmo.”

Rita Lee (1) e *Anita Malfatti* (2) fizeram questão de evidenciar as características positivas ao Porto:

1. - “Há uma diferença entre Lisboa e Porto. No Porto, há pessoas acessíveis, são mais bem dispostas, e prontas a te ajudar.”

2. - “São ásperos na maneira de falar, são brutos, mas vejo que é da cultura. Eu estranhava. Mas me acostumei, fui conhecendo... mas, os portuenses são mais alegres e simpáticos. Em Lisboa, já são mais brutos.”

Dorothy Stang fez também considerações sobre o que ela percebe dos portugueses e o que eles pensam sobre os brasileiros:

- “Em Lisboa, eu me assustei um bocado. Eu tenho um jeito muito... né, dinâmica, quando eu ia pedir uma informação de um endereço e eu chegava assim “olá! Bom dia! Tudo bem?”, as pessoas até tremiam! No Porto, não é assim. Eu percebi que o Norte é mais acolhedor. Eu já ouvi muitas pessoas dizerem assim: “Nossa! A menina é tão educada, nem parece que é brasileira”. E, eu digo: “você pensam que brasileiro não tem educação? O brasileiro tem educação!”. Eu acho super engraçado, e penso será que eles pensam que aquilo lá ainda é uma tribo de índios.”

Por vários momentos, as entrevistadas fizeram comparações entre os brasileiros e os portugueses:

1. - “Eles são frios mesmo. Os mais velhos se espantam com o amor! Eles são sofrido. Eles não são como nós, de se abraçarem quando chega.” (*Anita Garibaldi*)

2. - “Não são um povo alegre como é lá, no Brasil. Mas depende também da região, porque pra quem é do sul já vive como aqui, o povo do sul é como os europeus aqui. São mais fechados. Eu sou da terra da alegria, baiana, onde todo mundo é feliz e tem aquela alegria toda.” (*Ellen Gracie*)

Observa-se que esta dinâmica de trocas de imagens, para as brasileiras, começa antes mesmo de chegarem na cultura de destino, sabe-se de piadas e até mesmo recebem informações que, quando vindas através de redes, são transmitidas por outros brasileiros que já estão nessa sociedade. Logo, quando recém chegadas, já possuem ideias acerca desta “outra” cultura, sobretudo como as ideias sobre a sua própria ali se desenrolam. Muitas delas não se confirmam, contudo, são substituídas por novas, calcadas por experiências pessoais e reforçadas por compartilhamentos destas com seus conterrâneos. Descubrem também que os lugares de trocas possuem especificidades e graus qualitativos, embora o generalismo apareça inevitavelmente. Em meio aos ditames de uma cultura dominante, a preocupação com “o que vão pensar de mim” ganha força, e, assim, entra em jogo, as estratégias de socialização, que irão ser determinantes no processo de (re)construção de suas identidades.

1.2.2 Estratégias de socialização e (re)composição de identidades: o que mudou e o que não mudou?

Do universo total entrevistado, ao interrogar sobre a utilização de comportamentos fora do habitual ao se relacionar com os portugueses por temer algum tipo de discriminação/constrangimento por ser brasileira, 17 responderam que não utilizam e 13 que sim.

UTILIZAÇÃO DE COMPORTAMENTO FORA DO HABITUAL POR TEMER DISCRIMINAÇÃO/CONSTRANGIMENTO	
SIM	NÃO
13	17

Tabela 22 – Utilização de comportamento fora do habitual por temer discriminação/constrangimento

Nesse âmbito, o verbo “confundir” foi por vários momentos identificado, tendo como objetivo destacar o receio das entrevistadas em serem entendidas como “prostitutas”, ou “mulheres que não merecem respeito”:

- “Eu mudo totalmente quando vou falar com eles. Bom dia, boa tarde, sempre à distância, formalmente. No Brasil, eu até usava uma sainha ou um vestido, aqui, nem pensar. Uso muito calça, muita meia, claro que aqui é mais frio, mas eu já faço isso pra evitar que me confundam.” (Elis Regina)

- “Olha, por exemplo, eu, no Brasil, gostava de andar decotada, o clima favorecia, e, aqui, tive que me reeducar. Eu me guiei pela educação deles, e, pra você se impor, a forma de se vestir é o primeiro passo, principalmente, para as brasileiras, para ter o mínimo de respeito das pessoas. Eu procuro me recompor.” (Maria Quitéria)

- “Teve uma vez, num lugar que eu trabalhei, na época logo que cheguei a cá, eu não sabia que “durex” tinha outro nome, e perguntei onde havia. Todos riram e ficaram mais de mês falando disso. Então, comecei a perceber melhor os significados das coisas antes de falar, e a usar os termos daqui. Também, a veste. A brasileira, as pessoas falam que gostam de moldar o corpo, então logo veem quando é brasileira, mas com uma certa crítica. E eu acabei mudando. Eu tenho trauma, principalmente, dos homens. Até hoje eu sou assim, ninguém me vê sozinha, em barzinho. Com tanta coisa relacionada à discriminação eu fiquei com medo. Saio só com o meu marido. Eu achava melhor evitar esse tipo de coisa pra não ter atrito, eu não ía a café. Hoje é diferente, eu já vou. Mas me cuido.” (Cora Coralina)

- “Eu me modifiquei totalmente. Como eu já disse que no início logo já acham que você é prostituta. Eu era muito mais vaidosa, vivia nos saltos, cabelos arrumados. Saía, eu já nem sei mais o que é usar. Eu sou de praia, e aqui já me visto bem de outro jeito. Roupa decotada eu não uso.” (Olga Benário)

Vê-se que a alteração da fala também vem a ser um mecanismo estratégico, desde a forma de se expressar, a pronúncia das palavras, e a contenção das emoções através desta ação.

- “Mudei a fala completamente. O jeito de estar é mais direto e formal.” (Carmen Miranda)

- “No Brasil, eu me sinto mais eu, me sinto mais leve, e, aqui, quando você ri demais e é feliz, as pessoas levam pra outro lado. E, comecei então a ficar mais na minha... e é aquilo que tava dizendo, se eu tô de bermuda, ou decote, e falo... aí que é o problema.” (Leila Diniz)

- “Eu era muito mais sorridente, mais alegre, no sentido de demonstrar, porque eu continuo sendo, então, em casa, ou com as pessoas mais próximas, é o meu natural. Na rua, pouco falo. É o que eu disse, porque houve uma ou outra, quando a gente abre a boca, já é aquele *zunzunzun*. Eu já estou com muito sotaque. Falo mesmo o necessário.” (Maria Ester Bueno)

- “Ah, a fala. Até eu treino com o meu namorado. Falo como eles. Ele me ajuda com o modo de falar. E, aqui, nós mulheres brasileiras já não podemos usar umas roupas mais curtas, porque já olham pra nós a discriminar. Elas podem usar, nós não. Até usam umas roupas a mostrar as cuecas. Nós, se fizemos isso, já acham que somos putas. E, além de eu ser brasileira, sou preta.” (Chica da Silva)⁹

Já, para *Anita Garibaldi*, é necessário agir diferente em ocasiões específicas, como, por exemplo, a ida ao médico. Ela explica seus motivos:

- “Eu ajo normal. É só quando eu vou no médico que eu tenho que ser um pouquinho mais... ter uma postura diferente. Mas depende do médico. Da última vez que eu fui, que tive também que voltar a ser mais curta e grossa. Eu fui a um urologista, e ele fez uma piadinha... ele olhou pro colega, depois ao se levantar e sair, fez uma piadinha sexual sobre mim, achando que eu não tava entendendo o que ele falou. Eu fiquei muito chateada na hora. É que eu tava tão mal de saúde, mas devia ter feito um escândalo.” (Anita Garibaldi)

⁹ Ainda, com relação a *Chica da Silva*, destaca-se a sua preocupação também pelo fato de ser “preta” (como ela mesma se definiu). Fator que foi evidenciado nas entrevistas. Para as imigrantes, há uma diferença no tratamento dos portugueses para com as brasileiras em função da cor da pele, da região do Brasil onde é pertencente e do grau de instrução e da classe social, embora o fato de ser brasileira já seja um problema por si só.

Dito isto, constatou-se que a imagem que é reproduzida sobre as brasileiras no país, para estas imigrantes, é motivo de intraquilidade diária quando se está em espaços públicos e em contato com a sociedade portuguesa. As formas de se vestir, de falar e de estar são, muitas vezes, alteradas em função do receio de serem confundidas ou de serem tratadas com desrespeito, como é apontado nos discursos.

Utilizando os termos de Goffman (2003), ao regularem suas impressões para a platéia (sociedade nativa), desenvolvem comportamentos de fachada, com o objetivo de transmitirem sinais que irão auxiliar nas suas permanências ou ascensões com relação a este grupo observador. Neste processo, acabam por colocar o seu “eu” pessoal em evidência, dando lugar a um outro representado, no entanto, ambos acabam se confrontando, e convergindo na (re)construção de um novo (Topa, 2009).

2. A prostituição e a mulher imigrante brasileira: algumas considerações realizadas pelas mulheres do contexto associativista do Porto.

A prostituição é uma prática antiga na história da Humanidade. Como ritual aos Deuses, na Mesopotâmia e no Egito (3000 a.C.), teve significado sagrado (Alcoforado, 1999; Ribeiro et al., 2007). Na Grécia Antiga, socialmente, via-se de um lado a mulher prostituta responsável pelo prazer, e de outro a mulher responsável pela geração da espécie. Com o Cristianismo da Idade Média, havia uma forte censura com relação ao prazer carnal, e com isso a mulher prostituta desempenhara um exercício propriamente social ligado ao erotismo, que não era tido como um comportamento adequado às demais mulheres (Lopes, 2006; Ribeiro et al., 2007).

Na linha do tempo, as mulheres prostitutas tiveram suas posições julgadas como desviantes. Foram muitas vezes reprimidas, consentidas, perseguidas e até mesmo toleradas, mas sempre arrastaram consigo o significado de “*o mal da sociedade*” (Almeida & Daher, 2003).

Na visão moral, é possível perceber que a preocupação fica em torno das questões sobre a perda dos valores e dos costumes tradicionais e sobre a disseminação de doenças sexualmente transmissíveis, sendo assim, também chamada de “*vida fácil*” (Reis, 2006; Durigan & Nóia, 2007).

Em decorrência disto, estas mulheres tiveram suas imagens fortemente estigmatizadas pela sociedade, o que se vê ainda hoje (Oliveira, 2004; Reis, 2006; Ribeiro et al., 2007; Durigan et al., 2007).

Como já foi salientado anteriormente, a prostituição é um fenômeno associado à imigração feminina brasileira em Portugal, o que acaba por gerar um estereótipo inculcado à imagem das mulheres que compõem este grupo.

De acordo com Rocha (2009), a migração com objetivo de trabalho sexual não é um fenômeno novo, já sendo identificada na Antiguidade. Na Europa, em países como França, Inglaterra e nos Países Baixos, muitas mulheres imigrantes exerciam esta prática (Ribeiro,

2007). Em Portugal, registra-se em literaturas dos finais do século XIX “ a existência de várias trabalhadoras sexuais francesas e espanholas” (Rocha, 2009, p.14).

Rocha (2009) ainda explica que, em muitos casos, na prostituição, no universo das imigrações em Portugal, ocorre de as mulheres imigrantes acabarem no trabalho sexual por não encontrarem um outro tipo de função trabalhística que venha a atender às suas expectativas financeiras.

No país, não há registros quantitativos precisos com relação à esta população imigrante e o trabalho sexual (Rocha, 2009). Sendo assim, a irregularidade na estadia é um dos motivos principais para o impedimento da informatização destes dados. Com receio ao SEF e à fiscalização policial, buscam apartamentos e quartos de pensões clandestinos, dessa forma, limitando suas vidas públicas (Santos, 2007).

Ribeiro, Silva, Schouten, Ribeiro, & Sacramento (2007) definem que “o trabalho sexual consiste na prestação de um serviço que envolve a disponibilização do corpo para usufruto por parte de outros, a troco de qualquer tipo de remuneração ou compensação, geralmente de ordem monetária” (Rocha, 2009, p. 1).

Contudo, “o trabalho sexual é mais do que um simples fenómeno mercantil, é um fenómeno social”, visto que envolve muito mais do que uma dimensão financeira, e sim social, emocional, psicológica, jurídica e moral (2009, p.1).

Em função do estereótipo associado à imagem da mulher imigrante brasileira em Portugal, as entrevistadas mostraram-se preocupadas, por vários momentos da entrevista, em esclarecer suas posições e o que pensavam sobre as brasileiras que estão no país nestas condições. Para tanto, neste momento do estudo, deu-se o enfoque à dimensão moral e social, destacando os discursos produzidos acerca desta problemática.

Desta forma, verificou-se a existência de três tipos de posições:

- a) a primeira, com o medo de se “ser confundida”;
- b) a segunda, mais solidária para com as brasileiras que se encontram na situação de prostituição;
- c) a terceira, a de resistência em aceitar a condição de vida destas mulheres, com a manifestação de pré-julgamentos desmoralizantes e excludentes.

Na primeira, tem-se um exemplo utilizado por *Maria da Penha*, que contou:

- “Eu tenho uma amiga que não pode trabalhar até muito tarde da noite, numa região aí, senão, quando ela vai pegar a condução, já acham que ela tá se “virando”. Ela vive em função disso no trabalho dela, ela trabalha num café e tem que se cuidar pra não ser confundida”.

E, *Elis Regina*, que se explicou durante a entrevista:

- “(...) muitas são (...) mas meu dinheiro vem do fruto do meu trabalho.”

Na segunda, *Olga Benário* mostrou suas preocupações, e falou sobre a importância dos programas para orientar as mulheres imigrantes brasileiras:

- “(...) estas mulheres... que têm “facilidade de ganho” (...) não compensa, elas têm uma perda moral, uma perda social e de saúde, não compensa. Elas chegam aqui e começam a perder a identidade, tem muitas que vêm pra cá, e depois viram putas. Deveria ter algo para elas não caírem nessa vida.”

Por último, na terceira posição, de resistência, tem-se o discurso de *Maria Quitéria*, quando foi questionada sobre o papel das associações em prestar apoio através dos programas às brasileiras:

- “(...) depende pra qual mulher, né. É justo que tenha. Ah! Muitas chegam grávida já de um português que apanhou na noite, exigindo direitos e mais direitos, e se faz de vítima, mas a vítima é o homem isso sim, que se deixou cair nas mãos dela. A maioria tá na prostituição atrás de um homem rico, poucas são as dignas.”

Também, *Princesa Isabel* expôs a sua opinião:

- “Deveria dar um basta na prostituição, na prostituição dessas que atrapalham na imagem da mulher brasileira. Infelizmente, a imagem das mulheres do nosso país foi manchada, proveniente destas mulheres que vieram pra cá fazer estas coisas, e isso prejudica a gente.”

Maria Ester Bueno falou o que pensa acerca das imigrantes que depois que chegam no país entram para o universo do trabalho sexual:

- “Nunca me sujeitei. (...) nem lá no Brasil, muito menos aqui. Eu não entendo uma compatriota que me diz assim “eu não era assim no Brasil, e cheguei aqui e as circunstâncias me fez, e agora eu sou prostituta”. E eu digo “desculpa, então tu já eras lá, de uma forma declarada ou não declarada.”

E, *Chica da Silva* apresentou sua visão, falando sobre as consequências para o seu dia a dia em sociedade portuguesa em função do trabalho realizado por estas mulheres e a atitude discriminativa por parte de portugueses:

- “Em 2007, logo que me separei, eu tava procurando uma casa e ligava para as imobiliárias, e numa vez eu selecionei uma casa e fui ver como era, e havia um aviso na parede que dizia “não aceitamos mulheres brasileiras”, mas porque isso acontece? Porque há mulheres brasileiras que vêm pra aqui já com o intuito pra trabalhar em certos tipos de trabalho, enquanto que outras não, vêm pra trabalhar de verdade, e estas aí, ao invés de trabalharem num estabelecimento que é próprio para este tipo de coisa, elas arrendam estas casas para fazer o serviço lá mesmo. E, isso, depois, acarreta pra nós, que queremos alugar uma casa e viver dignamente, e não podemos porque generalizam.”

Vê-se que o universo do trabalho sexual feminino brasileiro é tratado com distanciamento pelas mulheres imigrantes do contexto associativista. Logo, se por um lado, há um sentimento mais solidário, por outro, há uma atitude de resistência. E, de maneira geral, ser confundida, entendida como uma trabalhadora do sexo, é ser apontada como moral e socialmente “inferior”, submetida a um universo de discriminações e restrições promovidas na sociedade portuguesa.

3. O Português Brasileiro e o Português de Portugal: que língua falar?

Assim como a religião, o idioma oficial de um país também é um fator crucial na atração e na adaptação de imigrantes, logo, Portugal atrair muitos brasileiros às suas terras. Contudo, o questionamento que aqui se faz é se de fato o português do Brasil e o português de Portugal são tidos como um mesmo idioma para os cidadãos portugueses e para os imigrantes brasileiros, e como estas diferenças podem exercer influências nas suas relações cotidianas.

Conforme Wittmann et al. (1995), o português de Portugal e o português do Brasil possuem diferenças tanto a nível fonológico como lexical, morfológico e sintático. Da mesma forma, é para Guimarães (2005), que também explica que o desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil possui diferença espacial e temporal com relação à língua portuguesa em Portugal.

Este último autor aponta para a existência de quatro momentos na história brasileira que caracterizam as diferenças entre um idioma e outro: 1. No ano de 1532, com o estabelecimento da colonização portuguesa e o encontro do português com as línguas nativas indígenas (o *tupi*, principalmente) e com a cultura holandesa até 1654; 2. Daí, com a chegada da família real no Rio de Janeiro em 1808, e o recebimento de influências da língua africana dos escravos (*ioruba* e *banto*), e com o aumento da chegada de portugueses de diferentes regiões de Portugal; 3. Depois, com a formulação da língua nacional em parlamento brasileiro, a criação da imprensa e a fundação da Biblioteca Nacional por Dom João VI para a disseminação da língua portuguesa no país; 4. E, por último, com início em 1826, quando em meios oficiais foram propostas ideias de se redigir documentações em “língua brasileira”, acabando isto por causar uma série de discussões a respeito da língua portuguesa. Neste quarto momento ainda (1880-1930), vem a se destacar a fase de imigração, com a chegada de cidadãos europeus principalmente da Itália, Alemanha, Holanda, Inglaterra, cidadãos orientais coreanos e japoneses, e, no sul, espanhóis.

Para o pesquisador, o fato de a língua portuguesa ter se relacionado com um outro espaço e com influências de outros idiomas, como “as línguas indígenas, língua geral, línguas africanas, modificou-se de modo específico (...)” (Guimarães, 2005, pp. 24-25).

E, em função destas especificidades, para autores, como Bagno (2001; 2002; 2005), Couto (1986) e Silva (2008), a língua falada no Brasil é uma língua *Brasileira*, com muitas variantes, de acordo com as distintas regiões geográficas do país, nas quais, ao longo dos séculos, foram-se instalando as diferentes vagas de povos colonizadores que exibiam idiomas distintos, os quais se mesclaram com as línguas nativas, dando origem ao português do Brasil.

Por se tratar de algo disfuncional entre brasileiros e portugueses no espaço imigratório, nas Entrevistas realizadas no âmbito deste trabalho, elaborou-se algumas questões sobre as dificuldades iniciais e cotidianas relacionadas à comunicação entre as brasileiras e portugueses. E, neste sentido, 25 entrevistadas apontaram dificuldades na comunicação com os portugueses (15 definiram com o grau de intensidade MUITO, e 11 com o grau de intensidade POUCO), e apenas 4 disseram NADA, justificando com o fato de já terem tido contato com portugueses antes de migrarem.

DIFICULDADE NA COMUNICAÇÃO COM OS PORTUGUESES		
NADA	POUCO	MUITO
4	11	15

Tabela 23 – Dificuldade na comunicação com os portugueses

Percebeu-se, com as respostas qualificadas, que a dificuldade na comunicação com os portugueses foi significativa no momento de chegada das imigrantes, principalmente no uso das palavras que possuem sentidos diferentes para uma cultura e outra, na sonoridade, na construção das frases e na forma como ela é estabelecida.

As palavras “sítio”, “comboio”, “fita-cola”, “rapariga”, assim como os vocábulos utilizados no espaço de restauração, foram os mais elucidados pelas entrevistadas para exemplificar situações de conflito.

A imigrante *Anita Malfatti*, até chegar ao país, achava que o que se falava em Portugal era igual ao que se falava no Brasil:

- “Achei que a língua era igual a nossa. Mas depois vi que não... “comboio”, “sítio”. Fui decifrando aos poucos. Quando falavam em sítio, eu achava que era como o nosso. Um senhor falou “tem um sítio logo ali”, e eu pensei deve ser legal visitar esse sítio, deve ter água de coco. E cheguei lá, não era. Era um Jardim. Depois que percebi que era “local”.”

Com relação às palavras que possuem sentido pejorativo, principalmente, ligadas à sexualidade, como “rapariga” (no Brasil, significado de “prostituta” popularmente) e “durex” (em Portugal, significado de “camisinha/preservativo sexual”), houve a narração de diferentes espaços de conflito e constrangimento pelos seus usos, como foi com *Elis Regina*:

- “Logo quando cheguei pra cá, aconteceu-me um fato na rua, e fiquei muito chateada. Saí do metro e chegou um rapaz do meu lado e disse “oh rapariga muito gira”, e foi falando, eu tava sem a companhia do meu marido, e ainda não conhecia muito bem as palavras que eles usam, e comecei a dar bolsada nele, dizendo que eu não havia dado liberdade pra ele me chamar de rapariga. Rapariga, no Brasil, é mulher da vida, né! E, eu já sabia que eles logo associam brasileira à prostituta.”

Também *Chica da Silva*:

- “Eu precisava de uma “fita-cola”, e, no Brasil, toda gente diz “Durex”, eu pedi alto no escritório para alcançarem-me um durex, e uma colega disse meio acanhada “Aqui em Portugal nós não dizemos durex, nós dizemos fita-cola, porque isso que falaste é outra coisa”.”

O espaço de trabalho, em especial nos setores de restauração e aqueles que comportam atendimento ao público, foi lembrado por *Chiquinha Gonzaga*:

- “Eu lembro uma vez que um senhor me chamou e disse que queria um “wisky novo”, sabe o que eu entendi? Que ele queria um whisky com ovo! Eu só entendia o ovo no final, mas eu vi que tinha alguma coisa errada. Achei estranho o pedido e ficava enrolando, me perguntando se era isso mesmo. Aí fui com a menina na cozinha, portuguesa, e disse pra ela (...) Voltei lá e perguntei de novo. (...) realmente você chegar aqui e ir trabalhar no atendimento ao público não é fácil.”

A mesma entrevistada ainda falou sobre o espaço de intimidade:

- “(...) a primeira vez que namorei um português aqui, ele me convidou para ir a um sítio, e eu olhei no relógio, cinco horas da tarde e tempo chuvoso, e o que que eu pensei, que era uma fazenda, né! Que tinha galinha, vaca, porco, boi, e achei estranho. Eu não sabia se perguntava, e comecei a pensar besteira, e perguntei... “sítio é um motel aqui em Portugal?”. Ele caiu na risada! E disse que sítio é um lugar qualquer, um shopping, uma praça... e falei o que é sítio pra nós.”

Nos espaços de circulação cotidiana, as imigrantes *Fernanda Montenegro* e *Cecília Meireles* narraram suas experiências:

1. – “Não entendia nada! E eu brincava com as pessoas e dizia “olha que eu não sou surda”... achava que por eu não entender eles, eles íam falar mal de mim. Eu tinha que pedir para eles repetirem. Eu entrei numa drogaria (farmácia) e corri para comprar os remédios, quando abro a porta me deparo com tintas e vassouras, fiquei meio atônita. Tinha umas coisas assim engraçadas. Na Aldeia, nos primeiros três ou quatro dias, eu queria “Cândida”, líquido alvejante para pôr na roupa, né! Nós lá chamamos pelo nome da marca, e não pelo produto. Era difícil de se entender nos mercados.”

2. - “Eles falavam chinês ou russo, falavam qualquer coisa, eu não entendia nada. Uma vez, queria uns selos para enviar postais, e uma mulher falou assim “tem que comprar no quiosque”, e eu saí na rua procurando um, e na minha ideia quiosque é aquela coisa de palha, depois que vi que a banca de jornal que era um quiosque.”

Carlota Joaquina destaca a questão da formalidade:

- “(...) eles são muito formais com a língua. Levam muito a peito. Se falar o tu, eles entendem como muita intimidade. O você é mais sério. São muito rigorosos com isso... eles dizem que eles é que falam certo, que o brasileiro fala tudo errado.”

Dito isto, percebe-se que as diferenças linguísticas são relevantes nos primeiros momentos de inserção destas mulheres. Estão presentes em diferentes esferas, como a pública, a do trabalho e até mesmo na da intimidade. Além dessa constatação, a hierarquia da língua também é verificada nas relações sociais com os nativos, que por muitas vezes é introjetada, desencadeando numa alteração de fala para as imigrantes, que chegam a tomar notas e pedir aulas de como se falar o português de Portugal, inclusive, se o objetivo for a conquista por um espaço significativo no mercado de trabalho.

4. Os filhos das imigrantes e suas integrações/adaptações em sociedade portuguesa: o espaço escolar e a família

A integração/adaptação das mulheres imigrantes ainda pode depender da integração/adaptação dos filhos em sociedade de destino. Num primeiro momento, estes jovens ficarão restritos ao espaço familiar e ao espaço escolar, e quando este último não se torna um fator chave na sua inclusão social, a sua vivência poderá ser marcada negativamente, influenciando consecutivamente à vivência de seus pais.

Campos (2009) diz que é de suma importância, por parte dos estudos atuais no campo das migrações, dar-se o enfoque sobre as vivências de crianças e de jovens filhos de imigrantes, em especial no que diz respeito aos fatores que vêm influenciar nas suas integrações e dinâmicas de (re)construção identitária em sociedade de acolhimento.

De acordo com a pesquisadora, ao citar Vieira (1999), é necessário que, portanto, neste processo de (re)construção, haja um equilíbrio com a comunidade e um *feedback* por parte desta, já que a identidade buscará basear-se à alteridade. “A identidade e a alteridade constroem-se neste processo de interação, onde o indivíduo percorre o caminho entre o “nós” e o outro que vai descobrindo” (Campos, 2009, p. 15).

Os filhos de imigrantes chegam em sociedade de acolhimento por finalidade de uma decisão de percurso de vida dos pais, os quais fazem parte de um processo migratório laboral, na busca por melhores condições financeiras, passando assim o trabalho a ocupar uma posição central em suas vidas (Machado & Matias, 2006).

Campos (2009, p. 5) expõe:

Os jovens filhos/as de imigrantes não são objectivamente imigrantes, nem se pensam como tal. Nasceram ou chegaram em crianças ao país de “acolhimento” dos seus pais, cresceram aí, frequentaram ou frequentam as suas escolas e têm o objectivo de alcançar um mercado de trabalho mais amplo e diversificado do que aquele que lhes é oferecido. Interiorizam referências culturais que são as das suas famílias, mas também as da sociedade de “acolhimento”, e têm estilos de vida que, em muitos aspectos, e para uma condição social idêntica são os mesmos que se observam na juventude nativa.

No contexto de seu estudo (*Escola Secundária D. Sancho I, no Concelho de Vila Nova de Famalicão*), a autora destaca o papel relevante dos agentes educativos na integração destes jovens nas escolas portuguesas e dos programas políticos. Justifica que, baseando-se em Guedes (s/d), os princípios de educação sustentados na interculturalidade são protetores, que combatem a ocorrência de discriminação sob os alunos imigrantes e suas famílias (Peixoto, 2004).

Para Possidónio (2006), a trajetória do imigrante e de seus descendentes vai depender do perfil individual destes, sendo assim, suas características pessoais, econômicas e profissionais determinantes no (in)sucesso de suas adaptações junto à nova cultura. Logo, há a necessidade de desempenho dos agentes da educação na vida dos imigrantes, principalmente, na vida de seus descendentes.

Machado et al. (2005) evidencia a constância no aumento do fluxo de jovens imigrantes no contexto escolar português, devido, não só ao crescimento do fluxo de imigrantes e o reagrupamento familiar, mas, também, ao nascimento de descendentes de imigrantes neste solo. Com base nos dados do Ministério da Educação de Portugal, de 2000 a 2004, o número de matrículas de alunos imigrantes aumentou, porém se evidencia que o número de conclusões é reduzido.

Conforme Machado, Matias & Leal (s/d), grande parte dos jovens imigrantes possuem trajetórias sem sucesso, e acabam por abandonar o ensino. A instituição escolar vem a ser o mecanismo por excelência de integração/adaptação; caso esta instituição falhe como tal, poderá acarretar contrariamente na vida destes jovens, e, por consequência, na vida dos pais (Carneiro, 2006). Portanto, como ressalta Eurydice (2004), há uma grande necessidade de se realizar um trabalho que concilie o espaço da escola e o espaço familiar, principalmente por parte de “políticas de integração e acolhimento, para promover uma melhor adaptação ao contexto escolar, sem descurar todos os outros contextos onde os jovens se inserem” (Campos, 2009, p. 15).

Para a presente pesquisa, elaborou-se uma pergunta referente aos filhos das imigrantes e suas relações com os portugueses, e como estas relações influenciam nas suas integrações/adaptações em sociedade portuguesa.

Como é possível observar na tabela seguinte, os números indicam que 11 mulheres não possuem filho(s), assim como 19 possuem.

FILHOS				
0	1	2	3	4
11	3	9	5	2

Tabela 24 – Filhos

A respeito das brasileiras com filhos no país, encontraram-se três situações de resposta:

1. A adaptação positiva dos filhos pela descendência portuguesa;
2. A adaptação positiva dos filhos, ao esforçarem-se para se inserir no espaço escolar, ou por possuírem características consideradas positivas para os portugueses (na visão das imigrantes), ou até mesmo a restrição de suas sociabilidades com portugueses;
3. A adaptação dificultosa dos filhos com ênfase no espaço escolar.

Sobre a adaptação positiva, há o exemplo de dois casos seguidos de justificativas com relação à descendência portuguesa, ou até mesmo nascimento já no país.

- “Eles aceitaram bem. Eles são netos de português. O mais velho é muito brasileiro. A do meio não quer ir para o Brasil. Só pra visitar se nós formos junto. Mas ela não quer ir. O mais novo nasceu aqui, é português.” (Tarsila do Amaral)

- “Meus filhos são filho de português. Eles vieram pequenos para cá. O mais novo casou com uma portuguesa. O mais velho casou com uma brasileira que mora aqui também, têm filhos aqui. O meu neto mais velho está namorando uma portuguesa. Já tenho dois netos português. Eles se dão muito bem com isso também.” (Fernanda Montenegro)

Outros exemplos de adaptação positiva seguem com justificativas sobre determinado esforço, característica considerada positiva para tal feito, e restrição à sociabilidade:

- “Os meus dois tão se adaptando bem, tem essa coisa da língua, do jeito deles falarem. Talvez por eles serem brancos, alemães, tão aceitando eles bem na escola. Não reclamam de nada.” (Rachel de Queiroz)

- “Ela tá gostando. Tá se habituando ainda. Tem as crianças de amigos brasileiros que ela se dá mais.” (Maria da Penha)

- “Estão bem, e eles são pacientes... não se metem muito pra não chamarem a atenção.” (Cora Coralina)

A respeito da adaptação dificultosa, percebe-se o espaço escolar como principal universo de conflito:

- “Na escola, como eu falei, há uma certa discriminação. Ele teve um bocado mais de dificuldade que eu, com os miúdos na escola, eles são muito mais fechados, é diferente, não têm nada a ver com ele. O meu trato com as pessoas daqui é profissional. E ele na escola estranhou um bocado. Teve uma série de dificuldades na escola, mas depois veio vindo a adaptação. O que que a gente fez foi dizer pra ele se ligar em quem se ligava nele. Existe entre os mais novos principalmente uma certa discriminação, foi o que eu senti. E a escola recebeu ele como “O BRASILEIRO”. Mas quando eles viram que ele era uma criança educada e que era um bom menino, aquilo mudou completamente. Mas de início, ele foi recebido com “um brasileiro”, como uma coisa negativa.” (Dorothy Stang)

- “No começo, ele sofreu um pouquinho por causa da língua, da comida e daquela coisa toda porque a gente é muito carinhoso no falar, e, na escola, ele se assustou com a fala deles mais direta. Com os colegas ainda tem um pouco de problemas. Eu acho que a criança aqui é um pouco mais maldosa. Esse caso de *bullying* tem muito aqui. Eles são mais frios, são iguais aos pais. Meu filho chegava em casa várias vezes roxo. Apanhava dos coleguinhas, eles diziam “oh pai, esse aqui que é o brasileiro”, como quem diz “é esse que eu bato”. Ele era muito focado. Excluído muitas vezes por ser BRASILEIRO. Mas agora já vem melhorando porque ele adaptou toda a linguagem dele pro português, não fala mais brasileiro. A professora fez ele falar o português. Aí com isso, como posso dizer, ele já não é tão discriminado. Ele se igualou. E até ele reagir... porque a professora dizia que ele tava apanhando das crianças, e que ele não sabia “dar o troco”, reagir, se defender. E foi aí que a professora incentivou ele a se defender. Aqui tem que ser assim: “bateu, levou”.” (Anita Garibaldi)

- “Meu filho tem saído bem na escola, mas no início foi difícil. Tinha um menino muito insuportável lá, que pegava no pé dele, e ele sentiu muito a diferença do falar deles, da friesa. No início, foi complicado. Ele chegou com 11 anos. Ele acabava fazendo sabe o que, ele dizia que ia pra escola, mas não ia, aí nos chamaram pra dizer que ele tava com muitas faltas, a gente falou com ele, aí que a gente ficou sabendo que ele tava com dificuldades de se adaptar... é complicado... a gente trabalha muito, e não tem tempo de saber direito o que acontece.” (Bertha Lutz)

Nesse sentido, o espaço da escola vem a ser de grande importância para as integrações destes jovens. Os pais possuem uma rotina de trabalho que ocupam a maior parte dos seus tempos, chegando muitas vezes a utilizarem os períodos de folga para complementar suas

rendas com outras prestações de serviços, enquanto que a vida social dos filhos, que por ser delimitada, fica distante do seus conhecimentos; e, quando isso não acontece, as mulheres são as que vêm a buscar soluções, levando para as suas trajetórias de trabalho, os entraves que os seus filhos passam no dia a dia no ensino escolar. Embora as adaptações dos filhos apareçam positivamente para os pais, a restrição e os cuidados nas relações com o pessoal da escola ganham espaço; de outra forma, o parecer ou o conter características aceites pela população autóctone também vem a servir como um cartão verde para estes jovens.

5. As relações de intimidade das imigrantes com os portugueses: as diferenças culturais nos casamentos, “uniões de fato” e namoros

As definições sobre o amor, nas relações de intimidade, são essenciais para as dinâmicas culturais e sociais, sendo assim, historicamente, concebidas de maneira distinta pelos homens e pelas mulheres de diferentes lugares (Sternberg, 1998, *cit in* Silva 2009).

Silva (2009), citando Neves (2003), explica que a maneira como cada pessoa assimila o conceito vem a influenciar no estabelecimento de suas relações, assim como às suas mobilidades sociais. Referenciando Girona (2007), ainda elucida que as migrações por amor são bastante comuns nos dias de hoje, sendo muitas vezes auxiliadas pelos componentes das novas Tecnologias da Informação e Comunicação, “onde a busca de um companheiro fora das fronteiras transnacionalizou a intimidade e o processo migratório” (2009, p.12)

Com relação às mulheres do Sul da América, regra geral, elas vêm a ser vítimas em vários momentos do percurso migratório, em especial, no espaço de intimidade. Referente a isto, o fato de estarem na sua maioria em condições de dependência dos maridos e do seu papel familiar, faz com que fiquem em situação de subordinação e vulnerabilidade (Hondagneu-Sotelo, 2000, *cit in* Silva 2009).

Não é, no entanto, o que acontece com estas brasileiras, já que, na maior parte dos casos, a partir da decisão de emigrar e de todo o processo até à instalação e depois desta, elas agem por sua conta e risco. O perfil de dependência nas decisões do casal não se aplica aqui, até porque muitas vêm sós.

Para tanto, as relações de intimidade podem ter sucesso com a migração, e vir a tornar-se uma experiência positiva, contribuindo, assim, para as suas integrações/adaptações em sociedade de destino (Silva, 2009).

O questionamento que aqui se faz diz respeito de como é que se desenrolam as diferenças culturais no espaço migratório feminino brasileiro em Portugal, visto que a maioria das entrevistadas é casada, ou possui união de fato, ou até mesmo referencia a respeito de namoros com cidadãos de nacionalidade portuguesa.

Das 30 brasileiras, 19 possuem união estável e casamento, sendo 12 com cidadãos portugueses; das 8 solteiras, 2 evidenciaram suas relações com os namorados.¹⁰

SITUAÇÃO CIVIL		
CASADA		14
UNIÃO DE FATO		5
SOLTEIRA		8
DIVORCIADA		3
VIÚVA		0
<u>NACIONALIDADE DO CÔNJUGE/COMPANHEIRO</u>		
BRASILEIRA	PORTUGUESA	OUTRA
7	12	0

Tabela 25 – Situação civil/nacionalidade do cônjuge

Neste sentido, destacou-se três situações:

1. A família do cônjuge português como responsável por determinados conflitos na relação do casal;
2. A negação à cultura brasileira e à comunidade por parte do cônjuge;
3. A união positiva com base na aceitação e negociação dos hábitos de uma cultura e de outra.

Na primeira, a família do cônjuge português como responsável por determinados conflitos na relação do casal, vê-se o exemplo de *Elis Regina*:

- “O relacionamento com a família dele sim que tivemos muitos conflitos por eu ser do Brasil, mas mais pelo fato de eu ser BRASILEIRA. Por causa de bens, mesada, por eu ser “interesseira”, “estar de olho” nas coisas da família, eles têm esse pensamento. Acham que por eu ser brasileira casei com ele por interesse. Que ele não ganha nada estando comigo.”

¹⁰ Como em outras partes do trabalho, foram selecionados os depoimentos que ilustram as questões aqui desenvolvidas, já que os demais também apresentam os mesmos teores que estes.

A negação à cultura brasileira por parte do cônjuge, também foi destacada, como contaram *Fernanda Montenegro* (1), *Chica da Silva* (2) e *Pagú* (3):

1. - “Tem algumas pontualidades, porque com ele é que eu vejo o que é ser casada com uma pessoa de nacionalidade diferente. Ele aceita quando eu me reúno em festas com os brasileiros, mas ele não participa. Ele não gosta das músicas, do jeito, das festas. Mas eu vou sozinha então. E ele respeita isso.”

2. - “O namorado é português. Ele é uma pessoa muito boa, mas é rígido. Sério. O brasileiro não, ele é ele onde estiver, não muda conforme o local. Meu namorado já age diferente, ele põe o trabalho como um lugar de disciplina, fica sério. Parece outra pessoa. Com relação ao futebol, à seleção brasileira, às telenovelas, ele não gosta. Ele também fala que nós brasileiros temos o coração muito bom, mas que acreditamos em todas as pessoas, e que isso é ruim. Eu concordo com ele. Eu gosto de ter amigos, mas ele gosta de tá no canto dele.”

3. - “Namorar com um português é muito diferente do que namorar com um brasileiro. Os brasileiros têm uma atitude completamente diferente dos portugueses. Pra namorar com ele, ele fez muitas concessões ao fato de que eu sou brasileira e que eu não percebo as coisas como ele. E eu tive que também fazer várias concessões pelo fato de ele ser português e não pensar igual a mim. Por exemplo, no Brasil, pelo menos onde eu fui criada, no Nordeste, quando se começa a namorar, a primeira coisa é apresentar o namorado pra família, é a coisa mais normal, e aqui é quase uma prova de que você tá noiva apresentar o namorado para os pais. A nossa primeira briga foi justamente essa, porque eu não conseguia aceitar que ele namorasse comigo e não me apresentasse pra família dele. E ele não podia, porque era como provar pros pais dele que ele tava noivo com uma semana de namoro. Fora isso, tem outros tantos problemas de comportamento, comunicação... seria muito mais simples arranjar um namorado brasileiro aqui, mas, quando se gosta, vale a pena.”

A união positiva, com base na aceitação e negociação dos hábitos de uma cultura e de outra, foi referenciada, nas entrevistas, para ilustrar as relações de intimidade que as brasileiras têm com os seus cônjuges de nacionalidade portuguesa.

- “Eu sou uma pessoa bastante maleável, e ele também é, então, a gente vai conversando e se acertando. Eu tenho muita facilidade de me adaptar, meu marido adora o Brasil. E cheguei aqui e aprendi a cozinhar as comidas portuguesas, e também ele gosta da comida brasileira.” (Ellen Gracie)

- “Ele é uma pessoa excelente, que fez eu alterar a forma que eu via os portugueses. Ele gosta muito do Brasil. Conhecemo-nos lá quando estávamos estudando, na graduação. Sabe como é, ele é formado, tem uma cabeça mais aberta.” (Marília Pera)

- “Ele é meu professor. Me explica tudo sobre aqui. O que dá algum tipo de diferença é a língua, a maneira de eu falar. Ele fala que há muito erros no português brasileiro. E eu aceito que ele me ajude a enxergar os erros da minha fala, da nossa fala. Ele quer ir pro Brasil morar um tempo, conhecer minha terra.” (Cora Coralina)

- “Ele é português, mas com mentalidade totalmente diferente a dos portugueses. Em tudo. Ele sempre teve uma vontade enorme de conhecer o Brasil, e agora estamos indo morar lá. Acho que ele vive mais a cultura brasileira. Ele condena muito a sociedade portuguesa, ele já teve muitos problemas na vida dele aqui. E vê o Brasil como uma salvação, eu acho. Nunca tivemos um problema. Nos damos muito bem.” (Olga Benário)

Sabe-se também que, dentre este universo de estudo, há cinco casos de migração por amor, ilustrando-se, então, as entrevistadas *Ellen Gracie* e *Cora Coralina*, cujos primeiros contatos com os seus atuais maridos ocorreram por *internet* e telefone. Estas personagens reais atravessaram o oceano, deixando para trás as suas vidas estáveis, na busca de uma história de amor no desconhecido (Silva, 2009).

Conforme o que foi visto, embora muitas vezes a família do parceiro venha a ser um fator de conflito, a admiração e o respeito pela cultura brasileira vem a ser um ponto crucial na intimidade do casal. Se de um lado existe a negação à cultura brasileira por parte do cônjuge, de outro, a negociação é tomada como princípio de harmonia. Contudo, verificou-se que, frente aos dilemas enfrentados nos seus percursos de migração, as relações de intimidade, para estas mulheres, mostraram-se-se substancialmente positivas nas suas vivências em sociedade de destino (Silva, 2009).

6. A Igreja Evangélica como espaço de fé e sociabilidade

O meio religioso, em sociedade de acolhimento, é considerado um espaço propício para a manutenção da cidadania e da identidade cultural e para a integração/adaptação de um imigrante.

Para Gomes & Catalão (2006), no processo migratório, a imensa maioria dos imigrantes mantém a sua religião, e ainda vê nela uma oportunidade para se inserir na nova sociedade. Já, para Almeida (2004), este processo pode influenciar contrariamente, sobretudo, se esta sociedade possuir uma cultura com diferenciações religiosas significativas.

Miranda (2009) expõe, em seu estudo sobre as trajetórias de imigrantes brasileiras em Portugal, que a religião majoritária entre esta população é a católica, aparecendo em seguida a evangélica. Para a autora, pelo fato de o catolicismo ser predominante, tanto no Brasil, como em Portugal, os brasileiros possuem maiores facilidades de adaptação com relação à religião neste país.

De forma diferente, a respeito dos dados levantados por Miranda, nesta pesquisa, aparece a religião evangélica como sendo a religião majoritária, e, em segunda posição, é que se encontra a católica. No entanto, as brasileiras católicas entrevistadas não apresentaram o espaço religioso como um meio de sociabilidade, assim, dizendo-se católicas não-praticantes. Já as brasileiras evangélicas ressaltaram, por diversos momentos de suas entrevistas, a importância que a “igreja” possui em suas vidas, em especial, nas suas integrações em sociedade portuense.

Conforme dados censitários brasileiros, do ano de 2000, há um aumento evidente da diversidade religiosa no país, mesmo que ainda a religião predominante seja a católica (IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2003). Porém, foi só a partir do ano de 1980 é que se começou a registrar as diferentes religiões nas estatísticas do Censo, e, desde então, é que se constatou o crescimento de evangélicos, e, atualmente, vem a ser a segunda maior religião entre os brasileiros (Deccol, 2001).

Assim foi também em Portugal, que só a partir da década de 80 é que se realizou o registro de indicadores religiosos não-católicos. Como pode ser visto no quadro abaixo:

Censos	Total	Católicos	Outras Religiões	Sem Religião	Não Sabe/Não Responde
1900	5.423.132	5.416.204	5.012	1.454	462
1940	7.722.152	7.191.913	63.060	347.284	119.895
1950	8.510.240	8.167.457	--	342.783	--
1960	8.889.392	8.701.898	39.747	147.774	--
1981	7.836.504	6.352.705	115.398	253.786	1.114.615
1991	8.376.840	6.524.908	149.850	225.334	1.476.748
2001	8.699.515	7.353.548	265.248	342.987	786.822

Tabela 26 – Inexistência de registro de indicadores religiosos não-católicos em Portugal no último século/CENSOS

Fonte (http://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%A3o_em_Portugal)

Já na tabela a seguir, com os levantamentos das décadas de 80 ao início dos anos 2000, pode-se observar outros indicadores não-católicos:

Censos	Total Outras Religiões	Ortodoxa	Protestante	Outra Cristã	Judaica	Muçulmana	Outra Não Cristã
1981	115.398	2.564	39.122	59.985	5.493	4.335	3.899
1991	149.850	11.319	36.932	79.491	3.519	9.134	9.455
2001	265.248	17.443	48.301	122.745	1.773	12.014	13.882

Tabela 27 – Existência de registro de indicadores religiosos não-católicos em Portugal nas últimas décadas

Fonte (http://pt.wikipedia.org/wiki/Religi%C3%A3o_em_Portugal)

Como é possível ver na última tabela, o número de evangélicos (ou protestantes) também é significativo neste universo, embora as segmentações existentes nesta religião ainda não sejam registradas, como no caso das Históricas - Prebisteriana, Metodista, Batista, Lusitanas – das Pentecostais – Assembléia de Deus –, das Neopentecostais – Igreja de Maná –, e das Conservadoras.

De acordo com Baganha & Marques (2001), a pluralidade religiosa está intimamente ligada aos processos migratórios, pois é através dos fluxos que é possível segmentar e alimentar as variadas correntes de religião existentes nos dias de hoje.

A diversidade de religiões, em sociedades receptoras de imigrantes, propicia a esta população o exercício da cidadania, pois, ao encontrarem estes espaços de identificação, podem, através das redes sociais, obter respostas jurídicas, sociais e culturais (Machado, 2002).

No que concerne as igrejas evangélicas, as redes sociais vêm atuando principalmente em espaços de vulnerabilidade (incluindo, portanto, o espaço migratório), “como circuitos de trocas que envolvem dinheiro, comida, utensílios, informações e recomendações de trabalho, entre outros” (Almeida, 2005, p. 16).

Com isso, neste estudo, percebeu-se de que forma o espaço religioso evangélico vem a influenciar nas vivências das imigrantes brasileiras entrevistadas, que são fiéis a esta religião, o que significa a “igreja” nas suas vidas, e como esta auxilia nas suas integrações.

RELIGIÃO				
SEM RELIGIÃO	EVANGÉLICA	CATÓLICA	ESPÍRITA	MÓRMON
2	16	9	2	1

Tabela 28 – Religião

Para *Anita Malfatti*, não houve dificuldade em estabelecer novos vínculos sociais, pois, assim que chegou, procurou uma igreja da sua religião, e lá pode fazer amizades com mais brasileiros e também portugueses.

- “Quando eles são amigos, são amigos mesmo, verdadeiros, são fiéis, da igreja, lá me relaciono tanto com portugueses como com brasileiros. Nos meus dias de folga, saio nos sábados, passeio, venho no shopping, na igreja, tomá café. Em festa, à noite, é mais com os brasileiros, normalmente, em festa assim é com brasileiro. Os portugueses cada um tem a sua casa.”

Já, para *Elis Regina*, foi difícil construir vínculos de amizades em Portugal.

- “Na realidade, até hoje, eu ainda posso contar nos dedos dois ou três pessoas com quem eu posso realmente contar, e que frequenta a minha casa são duas pessoas da igreja que são brasileiros. Não fiz amizades com portugueses. (...) Na igreja, é onde eu tenho duas três amizades mesmo, temos a mesma fé, a mesma linguagem, e Deus no coração.”

Quando *Fernanda Montenegro* fala sobre as amizades, aponta suas restrições, dizendo que há tipos de relacionamentos:

- “um grupo muito coeso, mas pequeno de brasileiros com que eu me dou muito, mas que tem duas características, são brasileiros e que pertencem a minha igreja.”

Segundo *Rachel de Queiroz* (1), *Anita Garibaldi* (2) e *Leila Diniz* (3), pelas dificuldades encontradas no espaço social português, a igreja tornou-se um meio propício para o convívio.

1. - “A dificuldade foi que aqui nós temos um tratamento diferente por ser brasileiro. Mas um ponto a favor é que nós somos da igreja, e lá há outros brasileiros também, e nos acolheram bem. Através da igreja fazemos muitas amizades, mas o pessoal de fora já nos olha meio atravessado. Mas com eles também é assim, depois que eles te conhecem e veem que você tem boas intenções já muda um pouco pra melhor o tratamento, principalmente, com mulher. Depois que eles sabem que é casada e que leva a vida certinha eles já começam a olhar com outros olhos. Na igreja, apenas temos convívio. Eles são muito fechados aqui.”

2. - “No final de semana, no sábado, eu trabalho. Meu marido que fica com nosso filho. Leva ele em parque, na família, e no domingo vamos à igreja, lá com o pessoal.”

3. - “Tinha uma vida ativa na igreja que eu tinha. Eu cheguei aqui e não tinha nada pra fazer. Meu marido trabalhava o dia inteiro e final de semana, ficava sozinha em casa, não entendia muito bem o português daqui. Isso foi difícil. Eu me sentia muito só e inútil. Mas assim, vínculos só quando a gente conheceu a igreja uns quatro três meses depois. Antes era complicado porque as pessoas aqui praticamente não conversam muito quando não te conhecem. São diferentes de nós, então a gente foi na lista telefônica pra procurar uma igreja pra gente ir, e achamos essa que estamos hoje. Tem alguns poucos brasileiros. De cara eu amei Portugal. Eu não quero mais voltar. A gente veio pra fazer dinheiro e voltar pro Brasil, mas vamos acabar ficando. Sei que há preconceito com os brasileiros, mas eu e meu marido fomos bem recebidos. Eu gosto de me comunicar, não sou de ver problema em tudo. Só que com o passar do tempo eu fui percebendo que tem algumas coisas que eu não concordo, mas eu aprendi uma coisa com o meu pai “em casa de sapo a gente tem que andar abaixadinho que nem ele”. Eu estou na casa deles, e tenho que saber quais são suas regras. Há uma certa distância. Com o passar do tempo tu vai vendo que tu constroí amigos que são bem mais difíceis. Lá, no Brasil, quando se faz amig é diferente. Aqui parece que eles não criam um vínculo de amizade realmente. Não sei se é porque eles não confiam nos brasileiros, ou se eles realmente são assim. Brasileiro te conhece e daqui a pouco já é teu amigo, já gosta de ti, já convida pra ir na casa dele, já tão convivendo. Aqui não. Não vão na tua casa ou não te convidam pra ir na casa deles. Meu marido tem (...) colegas portuguesas, se falam bastante, fazem coisas de trabalho juntos, se dão bem, mas só, não tem um vínculo maior, não tem um convívio. Na igreja, sim, aí a gente tem mais contato e convívio. Amigos portugueses são um ou outro.”

Maria Ester Bueno e Bertha Lutz relataram que o trabalho e a igreja são dois locais onde possuem relações sociais, mas que apenas na igreja as amizades vieram a ser significativas.

- “Além das amizades em família, impossível. Tive muito pouco convívio social. Os únicos espaços sociais que tive foi com a igreja, porque, onde eu chego, eu procuro onde há a casa de Deus pra buscar a presença de Deus. Depois as relações consoantes que se formaram nos lugares que eu passei trabalhando.”

- “Eu me relaciono com os meus patrões, é pouco fora do trabalho, sou uma pessoa muito caseira. Mas amizade mesmo com eles eu não tenho. Na igreja sim, que me relaciono, tenho amigos.”

Visto a dificuldade encontrada no estabelecimento de laços de amizade e vínculos sociais em sociedade portuguesa, entende-se que o espaço religioso, neste caso, evangélico, vem a servir não como uma alternativa, mas uma base prioritária à sociabilidade e à consolidação de relações amigáveis.

7. Os outros brasileiros? Aliados ou inimigos?

Os brasileiros compõem a maior comunidade estrangeira no país. Ativos em fundar associações, e unidos foram atrás dos seus direitos quanto imigrantes. Entretanto, nas pesquisas sociais, encontram-se verificações acerca da desconfiança existente nas relações uns com os outros.

Machado (2003, p. 188) já fala em seu estudo sobre as relações conturbadas entre os próprios brasileiros, e ressalta as expressões de sua pesquisa - “a comunidade brasileira só quer prejudicar a si mesma (...) é uma guerra de todos contra todos, o que implica numa desunião muito grande” – onde foi comum o apontamento de adjetivos negativos, realizadas pelos próprios brasileiros a outros brasileiros.

Ao questionar as imigrantes sobre estas relações, foi possível perceber uma situação comum: a restrição quanto às amizades, seja em função da insegurança e da desconfiança para com os conterrâneos, seja pela não afinidade religiosa, no caso das evangélicas, ou pelo compartilhamento de valores e hábitos culturais por causa da região de naturalidade.

A respeito da desconfiança, as respostas eram, em maior parte, acompanhadas por elucidacões acerca de experiências negativas que já haviam ocorrido em suas relações com outros brasileiros em território português.

- “Os brasileiros não são unidos. Há uma rivalidade entre eles. Eu acho que no Brasil eles são mais unidos, mas aqui já começam a competir para ver quem está melhor. Um quer puxar o tapete do outro.” (Cecília Meireles)

- “Aqui o povo é muito complicado. Brasileiro não gosta de se relacionar com brasileiro. É mais fácil você se relacionar com o português do que com o brasileiro... o que também é difícil.” (Zilda Arns)

- “Olha, eu só dou confiança ao brasileiro estudante e que vem trabalhar honestamente.” (Maria Quitéria)

- “Tenho poucos amigos brasileiros, mas somos como irmãos, é como se tivéssemos em casa quando nos reunimos, mas são bem poucos porque não faço questão de me misturar com brasileiro aqui.” (Marta Vieira)

As afinidades religiosas também serviram como critério de escolha e de manutenção das amizades, como falaram *Elis Regina* (1), *Rachel de Queiroz* (2), *Leila Diniz* (3) e *Maria Ester Bueno* (4):

1. - “Não gosto de me misturar muito com brasileiro aqui não, porque aqui é mais fácil um brasileiro furar um o olho do outro do que um português fazer isto com a gente. O português ele é muito frontal, o que ele quer falar... e diz na sua cara, e se doeu doeu, se não doeu não doeu. O brasileiro aqui é um pouco complicado, porque quando ele vê que o trabalho dele não tá indo certo, o do outro também não tem que dar certo, e atrapalha se puder atrapalhar. (...) Na igreja, é onde eu tenho duas, três, amizades mesmo, temos a mesma fé, a mesma linguagem, e Deus no coração.”

2. - “São boas, com o pessoal da igreja só que tenho contato.”

3. - “São poucas. Só aqui os da igreja. Conhecemos bastante pessoas, mas amigos são bem poucos.”

4. - “Eu convivo muito pouco com os brasileiros. Eu convivo com brasileiro é na igreja, e mais nada. E são boas.”

Além das afinidades religiosas, o compartilhamento de valores e hábitos culturais, por causa da região brasileira de naturalidade, também, foi mostrado como uma justificativa para as restrições e uma forma de selecionar as relações. Como foi apresentado por *Maria da Penha*, que disse: “eu acho os brasileiros aqui muito desanimados, desunidos. Tenho uma amizade só com uma brasileira da mesma cidade que eu lá da Bahia”.

Já para *Dorothy Stang* (1), *Marília Pera* (2) e *Chica da Silva* (3), relacionar-se com brasileiros é um problema para as suas integrações em sociedade portuguesa, pois, como as mesmas afirmaram, muitos unem-se para “falar mal da sociedade portuguesa e dos portugueses, manifestando um comportamento de resistência à adaptação”, e que isto seria um empecilho para os seus objetivos:

1. - “(...) Tem muito brasileiro que vem pra ficar falando mal de Portugal. Quando eu vejo um brasileiro falando mal de Portugal, eu brinco com ele “volte pro seu país então”. Eu acho assim porque nós estamos aqui, então é a gente que tem que se dar bem com eles, não é eles que têm que se dar bem com a gente. Eu penso assim, se está aqui a trabalhar, a ganhar a vida, e tá achando ruim, então volta pra sua terra. É a mesma coisa que você cuspir no prato que você tá comendo.”

2. - “Acontece uma coisa estranhíssima, que é apenas eu ter uma amiga mesmo que é brasileira, ela é daqui da universidade. Me dou bem com os outros brasileiros, mas também encontro uma dificuldade quando percebo que, por parte deles, há uma grande resistência de aceitarem onde estão. Eles se comportam como se ainda estivessem no Brasil. Eles se juntam e reclamam muito dos portugueses, ficam apontando. Se fecham demais, e não pensam sobre si também. E, é assim, nós não estamos em casa. Tem que haver alguma flexibilidade para não chocarmos também a sociedade que nos acolhe. Então, os brasileiros têm uma dificuldade em se moldar, eles querem ser eles próprios, e isso não é bom.”

3. - “(...) Infelizmente, alguns brasileiros que estão em Portugal há alguns anos acham que são melhores que os outros, ou então os brasileiros que chegam e estão há pouco tempo acham que estão no Brasil, e não fazem questão de conhecer a cultura portuguesa, e eles vêm com aquela liberdade que trazemos junto lá do Brasil, de não saber estar nos ambientes, e aqui nós aprendemos a estar nos ambientes diferentes. Isso afasta-me dos brasileiros nesse sentido.”

Cora Coralina faz referência à falta de confiança, à preocupação com a adaptação e a não identificação com valores e hábitos de outros brasileiros:

- “Tenho que sempre me cuidar. Tem pessoas que me perguntam, quando eu falo que viajo, e que já viajei por toda essa Europa com meu marido, como é que eu consegui. Sabe, como se eu não tivesse condições financeiras. Ficam com inveja. E, eu nem falo pro meu marido, porque ele já nem deixa eu me aproximar. É muito delicado! Eu prefiro não ter uma relação diretamente. Muito poucos amigos brasileiros. Mais são conhecidos. Amigo são poucos. Sabe, eles não aceitam, não se colocam no lugar de ser imigrante. Eles não aceitam ser imigrante. Pra eles, eles tão no país deles. Sabe, colocam 20 pessoas num apartamento T1, por exemplo, e ficar com som alto e os vizinhos que se danem. Ou as mulheres que andam toda pelada, e eu não sou assim. Eu não tenho esse tipo de amizade. Eu não gosto disso. Amizade que eu tenho com outros brasileiros é com a minha família.”

Observa-se que a insegurança em estabelecer relações com os próprios conterrâneos toma conta do cenário de imigração brasileira em Portugal, e a “inveja” torna-se questão central nesta problemática. Conforme Machado (2003, pp. 188-189):

É comum a idéia do “brasileiro contra brasileiro”, na qual a inveja, um tema sempre aludido, tem papel crucial. A inveja opera como um tipo de bruxaria moderna, algo que pode causar a derrocada de alguém, inclusive física. A inveja, através do “olho gordo”, denuncia entretanto a existência de uma vida comum entre os brasileiros, já que a feitiçaria, como diria Levi-Strauss, é eminentemente social.

No entanto, continua:

A inveja, por mais contraditório que pareça, é um dos elementos de construção da “comunidade”, pois cria uma linguagem comum de defesa, uma forma de sociabilidade marcada pela competição simbólica por brasilidade e pela competição econômica acirrada nos mercados reduzidos. Mesmo sendo, na opinião das pessoas, impedimento duma comunidade brasileira, pois criaria, entre os brasileiros, o receio de se relacionarem, é um elemento de controle social dos mais “centrais” que obriga, de certa forma, a movimentação da prestação, sejam de bens materiais, de bens simbólicos, ou privilégios.

E, por último, nesse sentido, destaca-se a resposta dada por *Fernanda Montenegro*, a qual realiza um panorama, citando três tipos de relacionamento que existem entre brasileiros em Portugal:

- “No geral, são boas. Já foram mais intensas. Hoje em dia, há um relacionamento que fica dividido em compartimentos. Há um relacionamento por causa das Associações, que não envolve amizades muita intensas. Esse relacionamento é de procurar ajuda. E, depois, há um grupo muito coeso, mas pequeno de brasileiros com que eu me dou muito, mas que tem duas características, são brasileiros e que pertencem à minha igreja. Com os outros, já não há, assim, não há uma relação muito próxima, a gente se encontra e conhece e diz “ai que bom, é brasileiro!”, mas eu já não os procuro tanto. Com o tempo eu acho que isso é natural, né, vai acontecendo. Eu sinto essa diferença, porque antigamente bastava uma pessoa falar e a gente ouvia a voz e tudo já identificava, conversava. Hoje em dia, já não acontece tanto.”

Nota-se que, mesmo as relações com brasileiros das associações não envolvendo amizades mais intensas, e que há uma outra em que não se permite proximidade maior, estes laços ainda vêm a ser mantidos, pois, baseando-se no que a grande maioria das associadas falou, “possuir algumas ligações sociais é uma garantia, uma segurança, para quando for necessário”.

8. Qualidade de vida e regresso: sonhos e planos para o futuro?

Sobre o regresso ao Brasil, 13 responderam que não pretendem voltar para morar, 12 ainda não sabem, e apenas 5 pretendem regressar.

REGRESSO		
SIM	NÃO	NÃO SABE
5	13	12

Tabela 29 – Regresso

Nas justificativas apresentadas, destacaram-se as satisfações e as insatisfações com relação à qualidade de vida que possuem no país, a que possuíam no Brasil, e a que elas poderão não ter ao retornar.

Nos fatores que indicam o retorno, o esgotamento pela alta carga horária de trabalho e a saudade da família foram as justificativas apresentadas pelas entrevistadas:

- “Aqui, eu só trabalho. Aqui, tem muitos lugares bonitos pra visitar, mas, pro imigrante, eu acho muito difícil. Primeiro, folga de trabalho não se tem, como é o meu caso, rotatividade de trabalho é intensa, trabalha conforme os horários que nos dão. Aham que porque é imigrante tem que trabalhar o dia todo. Lá, no Brasil, eu conseguia trabalhar e estudar, e também ter sossego muitas vezes. Tinha os sábados e domingos pra poder ir à praia, pra poder conviver com o pessoal da igreja. Fazer alguma atividade esportiva. Aqui, por causa da minha família que lá está, a saudade está muito grande, o acesso à escola, eu sou louca por voltar a estudar, fazer meu curso superior. Aqui, eu só trabalho, já não tenho mais vida. Vou abrir minha clínica geriátrica no Brasil. Aqui eu sei que eu não conseguiria porque é uma coisa muito burocrática.” (Elis Regina)

- "Estou querendo voltar. Eu saí do restaurante. Eu tava trabalhando demais, e comecei a ficar muito estressada, e isso me afetou a saúde. Sobrecarga de trabalho. Eu envelheci nesses últimos anos demais. Tem coisas muito boas aqui, mas, na minha situação, já está a me afetar a saúde. Eu tinha uma vida muito boa lá no Brasil. Tenho as minhas coisas lá. Mas pronto, vim e fiquei porque eu quis, mas já chegou a hora de voltar. Esta crise vem afetando muito Portugal. Falta qualidade no trabalho. Aqui não tenho vida social, os portugueses não dão abertura pra gente fazer uma amizade, é sempre mais complicado, tem que investir muito pra conquistá-los. E, com os brasileiros, eles são muito de festa, e eu sou de ficar na minha casa, gosto de coisas mais sossegadas. Eu sinto falta de chegar no final de semana e reunir a família, ter esse convívio. As pessoas que eu fiz amizade já não estão mais aqui, já voltaram pro Brasil ou estão em outro país daqui. Eu quero abrir um restaurante... não sei onde e nem quando." (Olga Benário)

"É onde tá a minha casa, é onde tá minha família, a família do meu marido." (Ana Néri)

A respeito da decisão de permanência, foi a qualidade de vida que teve relevância.

- "Em relação à saúde, eu acho melhor que o Brasil. Tá boa, apesar de tudo. Trabalho tenho, apesar de não ser na minha área, mas vou conseguir. Um lugar calmo, gosto daqui. Aqui eu vejo mais possibilidade. Fazer mestrado, conhecer mais a cultura. Talvez, voltar daqui a muitos anos para o Brasil. Talvez, chega o momento de voltar. Estou sozinha aqui. Às vezes, tem essa questão da baixa auto-estima. Mas tudo dará certo". (Anita Malfatti)

- "Apesar da minha saúde estar mal, agradeço a tudo. Estou bem. Estou usufruindo do meu seguro desemprego. A insatisfação com a violência de lá. O trânsito de lá é horrível, nem consigo dirigir lá. Lá, eu não consigo ter paz. Muito calor também. Gosto da minha moradia aqui. Tenho segurança. Em Portugal, tenho uma vida tranquila, segurança. Tá na mão de Deus. Pretendo, ainda, trabalhar até os 65 anos na minha área pra ter meu direito de reforma. Apesar de tudo, eu sou uma imigrante brasileira feliz!" (Maria Quitéria)

- "É assim, eu não tinha má qualidade no Brasil, o que me fez vir foi o desconhecido, porque adoro o desconhecido. Aqui, eu trabalho em casa, porque eu adoro receber pessoas. Tenho tranquilidade em casa, aqui, em Portugal, no geral. Eu morava em São Paulo, e aquilo é uma loucura, muito estresse. Aqui, faço o meu trabalho quando eu quero, posso não ter tudo do melhor, porque eu não tenho necessidade disto. Aqui, os serviços de saúde são ótimos, e, como eu sou doadora, faço os exames tudo de graça. Não tenho vontade de voltar. Eu, aqui, já estou em formação de curso. Tem viagens aqui que eu ainda quero fazer. "O futuro a Deus pertence". Quero fazer estas viagens, falar línguas. Mas, vivo um dia de cada vez." (Maria Ester Bueno)

- "Eu tenho uma boa qualidade de vida aqui no Porto. Eu trabalho cerca de 15 minutos da minha casa. Pela manhã, vou de carro. Almoço em casa, e vou a pé pela tarde. Pratico desporto. Na saúde, na alimentação, bem melhor. Aqui, é melhor, é superior. Aqui, a moeda é mais forte, em termos de valor da alimentação, conseguimos comprar coisas que, no Brasil, não dava-se conta. O que me falta é a parte afetiva dos familiares, mas no restante é bem superior. Vou ao Brasil uma vez ao ano. Emocionalmente, eu tenho tudo aqui que eu conquistei, meu emprego, meu namorado, tenho uma irmã aqui também. "O futuro a Deus pertence". Quero comprar uma casa, casar ter filhos, fazer meu curso de mestrado. Abrir meu escritório de contabilidade." (Chica da Silva)

Na situação das imigrantes com filhos, identificou-se a segurança e a educação como os dois fatores que influenciam nas suas tomadas de decisão para ficar no país.

- "Não é que tamos melhor. Lá, no Brasil, vivíamos mais, tinha mais convívio. Mas, aqui, a gente tem qualidade de vida, trabalho. Nas férias vamos pra hotel. Lá, não, a gente tinha que juntar toda a família para dividir uma casa grande nas férias. Com relação à saúde, não tem comparação com o Brasil. A saúde já é tão boa, tem médica de família. A gente sempre tem a raiz no Brasil, mas não tenho vontade nenhuma de volta. Aqui temos o trabalho, e as crianças já não mostram vontade de ir, só se for para férias. A educação pra elas, aqui, é bem melhor. A gente olha muita violência que tá lá, na televisão. Tentar dar sempre o melhor para as crianças." (Tarsila do Amaral)

- "A saúde eu acho bem melhor aqui. De acordo com os problemas que eu tenho, eu tenho um atendimento médico fabuloso, e eu tenho certeza que se eu estivesse no Brasil eu taria dependendo do SUS, e isso iria ser péssimo. Eu, aqui, apesar de morar num bairro social, eu estou muito próxima de tudo, e vivo num T4, portanto, pra mim, eu consigo abstrair dessa ideia de morar nesse lugar. É um bom lugar. Eu consegui muita coisa aqui. Eu tenho muito orgulho nisso. Aqui, foi sofrido, mas foi uma conquista pessoal. Infelizmente, eu tenho consciência que não tenho o que fazer no Brasil, não tenho condições para morar lá. Tenho uma herança lá, mas não conto com ela. Trabalho, eu não conseguiria nesta altura do campeonato, meus filhos estão radicado aqui, meus netos." (Fernanda Montenegro)

- "Com relação à qualidade de vida daqui, é tudo bom. Eu tinha uma vida lá. Tinha tudo, mas, aqui, tem uma vida melhor, pros meus filhos, é primeiro mundo a educação. Aqui a gente tem vida de pobre, classe média baixa, mas tem tudo. Na minha cidade, eu era assaltada sempre. Quero ainda conseguir a equivalência aqui, do meu diploma, e poder trabalhar como contabilista aqui." (Maria da Penha)

- "É uma outra vida, completamente diferente. Foi uma opção de vida ficar aqui. Quando meu contrato acabou, com a empresa aqui, eu fui lá no Brasil e pedi demissão da empresa lá, voltei de novo, vim trabalhar em um salão daqui, trabalhei com eles três anos, e resolvi abrir o meu. Hoje, eu tenho meu próprio negócio, a educação pros filhos, a saúde, a moradia, eu gosto daqui. Muito boa! Sei que teria mais dificuldade no Brasil. Vou abrir a minha rede do salão." (Dorothy Stang)

- "Eu não pretendo voltar, porque agora tenho meu filho aqui. Estou bem segura. O pai dele nos dá todas as condições de vida boa. Tenho um apartamento ótimo. Não pago aluguel, tenho minha mesada, tenho carro. No Brasil, também. Era outra situação, porque eu morava com meu pai, tinha um bom emprego, era funcionária pública, tinha os meus amigos, aqui também tenho alguns, mas, o que eu coloco Portugal em primeiro lugar são estas coisas de moradia, saúde, segurança. Fiquei grávida, e fui super bem atendida. Agora que ganhei o neném, sei que ele vai ter uma ótima educação. Tenho o meu filho, e o pai dele, aqui. Eu vivo à cada dia. Cada dia bem vivido." (Zilda Arns)

- "É melhor, por exemplo, assim, minha situação, no Brasil, era bem melhor que aqui, mas aqui a gente tem uma educação melhor, a gente consegue as coisas mais fácil. Aqui, eu posso não ganhar muito, mas eu consigo me sustentar bem, atender à minha família. Tem coisas, aqui, que lá, no Brasil, é caríssimo, e, aqui, se consegue fácil. Pra montar uma casa, aqui, é muito acessível. Lá, no Brasil, não. Lá, no Brasil, é terrível. Pro meu filho, eu acho melhor aqui, eu acho que estou aqui mais por ele. Porque, pro filho, a educação é bem melhor. Tô ainda na luta aqui. É boa. Não é ótima. Tá dando pra levar. Continuarei na minha área e vou me aperfeiçoar na estética. Quem sabe futuramente ter o meu próprio estabelecimento." (Anita Garibaldi)

- "Na saúde, na educação. Fui ao Brasil, um ano que eu estava aqui, e peguei todos os documentos que tinha, e voltei pra aqui. E, depois que me casei, fui buscar os meus filhos. Não tem coisa melhor, a qualidade de vida em relação à educação, e a ter médicos de família, tem tudo, os meus filhos e eu. Lá, eu não tinha. A um ano atrás, eu tive um problema muito sério de saúde, e se eu tivesse no Brasil, acho que eu não teria suportado. Acho que eu teria perdido a vida. Eu adoro aqui. A violência de lá faz com que eu não queira voltar. Quero fazer Assistência Social. Saúde para os meus filhos." (Cora Coralina)

- "A gente não quer mais voltar. Lá, eu tinha as minhas coisas: casa, trabalho, carro. Dei duro. Mas, aqui, a gente vai no mercado e compra-se tudo num mês. Aqui, é melhor em termos de segurança, financeiro, saúde, compro brinquedos ótimos pro meu filho. E, se voltar pro Brasil, pra morar, "só se Deus quiser" mesmo. Quero comprar um imóvel aqui, conseguir o visto, e ir pra frente na Europa." (Leila Diniz)

No que concerne a dúvida, de um lado, o fator trabalho constante, insatisfação com a atividade remunerativa exercida e a saudade da família vêm a influenciar na ideia de retorno, e, de outro, o fator qualidade de vida superior a do Brasil, também pensando nos filhos, vem a ser fator de permanência.

- "Tá um bucadinho difícil. Tenho que trabalhar muito. A minha qualidade de vida era muito melhor no Brasil. Hoje, eu tô aqui porque aprendi a gostar de Portugal. Então, eu tenho uma boa qualidade de vida, mas sempre vai depender do meu trabalho. Mas, com relação à saúde, segurança, essas coisas, tá tudo bem, eu não tô mal aqui." (Marta Vieira)

- "Isso aqui tá tão mal. Às vezes, me dá vontade de sair daqui, não pro Brasil, mais pra frente, pra outro país. Vou esperar mais um pouquinho, mais um ano, se isso aqui não melhorar, eu vou pra outro lugar. Mas, gosto muito de Portugal, não gostaria de ir embora daqui. Quando vou pro Brasil, eu já fico doida pra voltar pra cá. Me sinto melhor aqui. Tenho um excelente médico de família. O problema é quanto à expectativa de trabalho. Se aparecesse um bom trabalho. Aqui mesmo com pouco dinheiro, a pessoa vive melhor. O meu trabalho, lá, era melhor. Eu ganhava bem. Eu tinha o meu carro. Eu vivia, assim, melhor financeiramente, lá, mas, agora, que já estou aqui, não posso voltar. Mas, assim, qualidade de vida, aqui, é melhor. A questão da segurança muda tudo. Quando eu volto ao Brasil de visita, eu me sinto muito insegura. Ando na rua com medo. A última vez que eu fui, fui assaltada dentro dum ônibus. Aqui, eu ando tranquila de dia e de noite. Então, não adianta lá ter bom emprego, ganhar bem, mas viver com medo, já tenho minha vida aqui." (Chiquinha Gonzaga)

- "Ainda tenho problemas para conseguir um contrato de trabalho, e além disso estou fazendo um trabalho muito abaixo do que eu fazia no Brasil. Com relação à saúde, é muito boa. Pro meu marido, que está doente, pros meus filhos. A educação deles. A moradia também é boa. Embora, essa a questão do emprego que deixa a desejar um pouco." (Rachel de Queiroz)

- "Sempre sou atendida muito bem quando vou recorrer aos serviços de saúde. Vejo melhorias na minha alimentação. Pratico mais desporto. Lá no Brasil era uma vida mais estressante. A minha percepção de qualidade de vida aqui é boa. E eu já gosto de Portugal, já gosto de estar aqui. E, essa questão da segurança conta muito, pegar um autocarro sem aquele medo de entrar um assaltante. Mas, se eu conseguir um emprego lá, no Brasil, em uma universidade, acho que é uma questão a ser pensada." (Marília Pera)

- "É uma boa qualidade de vida. Eu tinha uma boa qualidade de vida lá. Eu tinha minha profissão, minha casa própria. E, aqui, também. Aqui, tenho meu plano de saúde por conta de que meu marido é bancário, mas, lá, eu também tinha. Eu vim pelo casamento e tudo. Enquanto der tudo certo aqui, eu vou ficando. Depois, vamos ver, se eu conseguir alguma outra nova profissão aqui, eu sou capaz de pedir a exoneração de lá pra ficar aqui. Eu gostei daqui, é onde meu marido mora, meu filho mais novo nasceu aqui, e eu trago os outros pra cá. Mas, se eu não conseguir... porque o que me falta aqui é o profissional. No resto, tá tudo ótimo. Vamos ver o que vai acontecer, mas uma coisa é certeza, "sempre há uma solução". Eu quero é ficar por aqui, conseguir um bom emprego." (Ellen Gracie)

- "É melhor que no Brasil. Tenho um emprego, tenho um carro, pago a minha renda, me sustento, mas queria mais. No sistema de saúde, sou bem atendida. Melhor, lá não conseguia emprego. A vida estabilizada, tenho tranquilidade, segurança, saúde, tenho médico de família. Meu sonho era fazer faculdade. Mas, as condições para isso ainda não dá. Tinha que ter um outro rendimento. Queria ter uma casa própria no Brasil um dia. Mas tô bem aqui. Tenho já a minha vida aqui. Fiz alguns amigos. Ganho muita coisa dos vizinhos amigos, essa família me dá ovos, frango, fruta, verdura. Já me adaptei. No Brasil, o custo de vida é muito caro." (Cecília Meireles)

- “Aqui, você tem uma situação de vida bem melhor do que no Brasil. Em termos de habitação, educação, saúde, aqui se proporciona muito mais. No Brasil, a gente vê que é tudo muito caro pra ter acesso às coisas de qualidade, na alimentação, principalmente. O custo de vida, aqui, é muito mais barato. Assim, claro que, lá, eu tinha uma situação melhor. Aqui, sei que tenho que trabalhar mais, mas consigo dar pros meus filhos, pra minha família, algo muito bom também, mas é ruim ter que ficar trabalhando de empregada doméstica. Lá, eu tinha o meu próprio negócio. Eu tenho família lá, tenho meus pais, sou muito apegada à família, tenho vontade de voltar por isso. Agora, só tem eu da família aqui que tá distante. Meu sonho é ter estabilidade no Brasil, uma casa boa para morar, dar conforto pra mim e pra minha família. Aqui é só uma passagem mesmo.” (Bertha Lutz)

- “Eu morava num lugar onde a qualidade de vida é horrível, São Paulo. Tinha acesso à qualquer coisa, mas tudo era complicado. Aqui, é tudo muito mais simples. Se eu ficar doente, eu vou pro posto de saúde, que fica a dez metros da minha casa. Apesar de ser pago, o posto de saúde, aqui, é diferente do Brasil. O serviço é muito melhor, e é um preço pequeno. O serviço de saúde público, em Portugal, é muito melhor. O serviço de polícia é muito mais eficaz. Os serviços públicos, em geral, são muito mais organizados. Já me custa muito ficar aqui, apesar de eu gostar muito do país. Minha única possibilidade de ficar em Portugal é conseguir um bom emprego, senão eu volto para o Brasil.” (Pagú)

Diante deste panorama acerca do questionamento de permanência e retorno, as imigrantes brasileiras realizaram uma reflexão de como suas vidas encontram-se em sociedade de acolhimento. A insatisfação com o espaço laboral, com a alta carga horária de trabalho e com a desadequação profissional, assim como, a saudade da família, foram apresentadas como fatores decisivos para retornarem ao país de origem. Contudo, a consideração com relação os fatores de qualidade de vida, que foram indicados como superiores aos do Brasil, como saúde, segurança, transporte, educação, principalmente no caso das que possuem filhos, teve peso na decisão de permanência em Portugal.

PARTE III

1. Contexto Associativista Brasileiro em Portugal

O associativismo, para o imigrante, é uma forma de continuidade do exercício da cidadania, mesmo estando distante do seu território de origem (Tomás, 2008a; Albuquerque, 2002). Além disso, vem a ser um mecanismo para a manutenção da identidade nacional e cultural, tendo como base o sentimento de coletividade política, e, portanto, participação pública (Tocqueville, 1977).

Em Portugal, verifica-se a existência de associações de brasileiros que contemplam diferentes características. Há aquelas que desenvolvem seus trabalhos a partir de uma vertente religiosa, e há aquelas que são de cunho social, político e cultural.

Neste cenário, identifica-se duas grandes associações, que realizam suas tarefas, já há mais tempo, que são a Casa do Brasil de Lisboa (1992) e a Associação Mais Brasil (oficializada em 2004), no Porto.

Em contrapartida, há associações mais recentes: Associação Brasileira do Algarve, a Associação Casa Grande, a Associação Lusofonia Cultura e Cidadania (2007), a Associação ComuniDária (2008).

Há, também, as associações de estudantes, como a Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros (2004) (em Coimbra, Porto e Lisboa), as associações vinculadas a partidos políticos (Núcleo do Partido dos Trabalhadores) e as associações de profissionais brasileiros (Coelho, 2009).

O contexto associativista imigrante, em Portugal, possui duas bases. A primeira é composta pelas redes e pela cooperação social; e a segunda, pela confiança social, implicando ambas na integração social, na consciência cívica, e na economia, objetivando, numa esfera micro, auxiliar os imigrantes de maneira mais específica, e, numa esfera macro, erradicar as suas exclusões (Tomás, 2008b).

Numa ideia mais atual, de sociedade civil, no quadro das novas políticas sociais, calcada em Habbermas (1996), sobre o associativismo, o seu centro vem a ser encontrado nas associações não governamentais e sem fins lucrativos que, mesmo assim, procuram estar conectadas ao poder público.

Dito isto, o espaço das associações é o meio de os indivíduos coletivizarem-se afim de serem feitos ouvidos de forma legalizada, e, logo, de maneira legítima, perante ao Estado, e, com uma articulação organizada através de protocolos de cooperação e parceria, à sociedade e ao âmbito privado (Santos, 1999; Tomás, 2008b).

Tomás (2008b, pp.12-13) destaca as características e o funcionamento destas entidades em Portugal, primeiramente, chamando a atenção para a duplicidade de objetivos, e, em seguida, para a ação mutativa de funções, “a duplicidade de áreas de intervenção geográfica, a intervenção política e a intervenção ao nível da regularização de imigrantes”.

Primeiro, verifica-se uma duplicidade de objetivos no movimento associativo imigrante, isto é, por um lado, existem associações com objetivos de carácter cultural e identitário e por outro, existem associações com finalidades de carácter social e educacional. Segundo, o associativismo imigrante tem como principal característica a mutabilidade das suas funções. Esta característica está intimamente relacionada com as circunstâncias que influenciam e estruturam o percurso migratório, bem como a permanência dos imigrantes no país de destino.

Baseando-se em Albuquerque et al. (2000), a autora explica:

Porém, estes dois tipos de funções vão-se mantendo, ainda que a sua importância se altere ao longo do tempo. Trata-se por um lado, da conservação, difusão e afirmação dos padrões de cultura de que os migrantes são portadores; e, por outro lado, da promoção de estratégias de actuação visando a sua integração e inserção na sociedade receptora (2008b, p. 13).

O terceiro ponto conduz a ideia de que “as associações de imigrantes constituem uma forma de contra-poder pois exercem pressão junto da classe política com o intuito de lutar pelos direitos fundamentais ao exercício da cidadania” (2008b, p.13). A quarta característica ressalta o papel ativo das associações nas regularizações, e, por último, o papel de interventores comunitários, principalmente, concretizando ações em bairros onde há concentração considerada de imigrantes em situação de degradação social. E, por estes fatores, a autora conclui que o universo associativista imigrante no país possui carácter pluralista, buscando a integração destes, e promovendo o diálogo intercultural.

Nesse sentido, é possível perceber a importância das associações de imigrantes nas suas integrações/adaptações em sociedade de destino, sejam através das redes formais ou informais (Saint-Maurice, 1997), sejam através dos espaços de manutenção cultural, sejam através da consciência cívica.

Com base nisto, faz-se, então, relevante às associações, a questão da identidade coletiva, como “um factor agregador a nível sociocultural e político, na medida em que a reificação de certas características da comunidade étnica ou nacional de origem pode ajudar na integração dos migrantes nos lugares da sua vivência” (Grassi & Melo, 2007, p. 2).

As associações vêm a servir como intermediadoras às duas dimensões - à cultura de origem e à cultura de destino. De um lado, perspectivando a manutenção do sentimento de pertença ao universo original, e, de outro, buscando promover a integração/adaptação do imigrante através de programas que auxiliem o acesso a elementos essenciais à sua vida em sociedade de chegada (Cabral, 2000; 2005).

Com relação ao movimento das associações de brasileiros, constata-se que, desde o aparecimento das primeiras associações, na década de 90, vem aumentando o número destas entidades em Portugal. Das comunidades imigrantes, a brasileira foi a primeira a se abrir ao espaço social, como um todo, a fim de harmonizar aquelas duas dimensões citadas anteriormente (Viegas, 1998).

Este fenômeno desenvolveu-se, primeiramente, devido a peculiares características que comportam a cultura brasileira como nação – uma população agregadora, com resistência ao isolamento, que demanda intensamente a convivência em grupo, e que proclama com paixão por sua pátria e região nacional – levando, assim, à iniciativa dinâmica para a concretização destas organizações (Cabral & Ferreira, 2009; Cabral, 2007; Cabral e Vargas, 2008a, 2008b; Cabral & Ferreira, 2009; Viegas, 1998).

Conquanto, atualmente, foi verificada a baixa participação cívica dos brasileiros em associações de imigrantes em Portugal (Maria Jesus & Menezes, 2010). Nesse sentido, nesta parte do trabalho, serão expostas algumas questões sobre como são as relações que as entrevistadas possuem com as associações.

1.1 Associações Brasileiras no Concelho do Porto

Para a realização deste estudo selecionou-se dois espaços de associativismo brasileiro no Concelho do Porto: a Associação Mais Brasil/AMB e a Associação de Apoio a Cidadania Lusófona/AACILUS.

a. A Associação Mais Brasil/AMB

A Associação Mais Brasil (AMB) é uma entidade sem fins lucrativos e que foi oficializada no ano de 2004 através da ideia de um pequeno grupo de amigos em atender imigrantes brasileiros residentes na região norte. Nesta época, teve reconhecimento do ACIME (Alto Comissariado para Imigração e Minorias Étnicas), hoje ACIDI (Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural). A Associação presta apoio psicossocial, jurídico, fiscal e social, e também organiza eventos de convívio entre os brasileiros e demais cidadãos de outras etnias, objetivando a integração dos mesmos em sociedade de acolhimento.

b. A Associação de Apoio a Cidadania Lusófona/AACILUS

A Associação de Apoio a Cidadania Lusófona (AACILUS) teve sua fundação no ano de 2004, com reconhecimento pelo ACIDI, e possui assento no Conselho das Comunidades Estrangeiras da Câmara Municipal do Porto desde o ano de 2005. Presta apoio aos imigrantes das comunidades sul-americanas e africanas de língua portuguesa, abrangendo as áreas social, jurídica, laboral, cultural e acadêmica, com o objetivo de integração dos mesmos em Portugal.¹¹

¹¹ Estas associações apresentam em seus estatutos a abrangência no atendimento às comunidades imigrantes em geral, porém seus corpos diretivos e administrativos são formados por cidadãos brasileiros.

2. As imigrantes brasileiras e as associações no Concelho do Porto

Verificando-se, teoricamente, a amplitude das funções de uma associação de imigrantes, e sua significância como principal agente de cidadania ativa (Teixeira e Albuquerque, 2005), sabe-se que, atualmente, no contexto português, “a participação cívica e política dos imigrantes brasileiros é baixa” (Maria Jesus & Menezes, 2010, p.837).

E, a problemática, que aqui se faz, diz respeito a compreensão do porquê da ocorrência desta situação, já que, mesmo Brasil e Portugal possuindo ligações na História, que poderiam favorecer numa relação e composição de imagens positivas uma a outra (Padilla, 2007), vê-se muitos obstáculos referentes à integração/adaptação devido a fatores de preconceito e discriminação, principalmente, sobre a imagem da mulher brasileira em Portugal (Lages & Policarpo, 2004).

Maria Jesus & Menezes (2010, p. 840), citando Hopenhayn (2004), afirmam que, com a participação, os imigrantes vêm a ganhar mecanismos que os irão auxiliar em diferentes universos de suas vidas em sociedade de destino, como:

(...) ganhar controlo sobre situações pessoais e intervir em decisões que causem impacto directo no contexto; aceder aos serviços oferecidos pela sociedade; estar integrado nos processos e movimentos sociais; e aumentar a auto-estima e auto-eficácia através do reconhecimento de direitos e capacidades.

Sendo assim, a associação vem a ser responsável por organizar programas que visem as suas inclusões, colaborando com a manutenção do sentimento de pertença, nacional e cultural, e com o diálogo com as demais comunidades imigrantes e nativa (Sonn, 2002).

Logo, considerando os entraves com a comunidade imigrante feminina brasileira no país, as mulheres têm vindo a destacarem-se no espaço associativista, principalmente nos corpos diretivos destas entidades, que, em muitos casos, vêm a ser maioria, encontrando mecanismos de resistência frente aos dilemas de discriminação ligados ao gênero, à classe social e à etnia (Albuquerque, 2005, *cit in*. Guimarães, 2009).

2.1 Dados quantitativos

Com o universo de análise da pesquisa, houve a possibilidade de realização de quadros temáticos que comparassem a relação entre a população selecionada e as associações AACILUS e a AMB.

Os quadros temáticos apresentam os seguintes questionamentos:

1. Motivo pelo qual procurou a(s) associação(ões);
2. Como soube da existência da(s) associação(ões)?;
3. Satisfação com o desempenho da(s) associação(ões);
4. Influência da(s) associação(ões) na estadia em Portugal?;
5. Recebimento de cópia do Estatuto;
6. Necessidade de programas voltados à integração de mulheres brasileiras;
7. Participação, e frequência, em algum evento promovido pela(s) associação(ões).

No primeiro quadro - *Motivo para a procura pela(s) associação(ões)* -, verificou-se que a imensa maioria das entrevistas procurou a(s) associação(ões) com os objetivos de, primeiro, conhecer a instituição e participar em eventos culturais e de convívio, e, em segundo, para obter auxílio com esclarecimentos jurídicos acerca dos vistos de residência. Depois, uma parcela menor, aparece com a intenção de realizar atividades de voluntariado e formação junto do local. E, apenas uma entrevistada respondeu que procurou a AACILUS para o auxílio com a busca por emprego, enquanto que, na AMB, não houve nenhuma que indicasse esta variável. Observa-se no quadro a seguir:

MOTIVO PELO QUAL PROCUROU A(S) ASSOCIAÇÃO(ÕES)?	AACILUS	MAIS BRASIL
ESCLARECIMENTO JURÍDICO	7	5
AUXÍLIO NA PROCURA POR EMPREGO	1	0
PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS CULTURAIS/CONVÍVIO E CONHECIMENTO SOBRE A ASSOCIAÇÃO	6	7
VOLUNTARIADO/FORMAÇÃO	3	4
SITUAÇÃO DE EXTREMA CARÊNCIA¹²	0	1

Quadro 1 – Motivo para a procura pela(s) associação(ões)

¹² A imigrante foi expulsa da casa da sogra, onde estava a morar junto com seu marido e filhos, e não tinha qualquer meio de resolver a sua premente situação.

No segundo quadro – *Informação sobre a existência da(s) associação(ões)* –, as informações sobre as existências das associações foram bastante segmentadas, entretanto, destaca-se que, sobre a AACILUS, o espaço religioso teve predominância, enquanto que, na AMB, as amizades.

COMO SOUBE DA EXISTÊNCIA DA(S) ASSOCIAÇÃO(ÕES)?	AACILUS	MAIS BRASIL
AMIGO	3	6
PARENTE	2	1
CÍRCULO DE TRABALHO		
PANFLETO	2	3
INTERNET	0	1
CONSULADO	0	1
CNAI	1	1
EVENTO CULTURAL	1	2
CÍRCULO RELIGIOSO	6	
CÍRCULO DE ESTUDO	2	2

Quadro 2 – Informação sobre a existência da(s) associação(ões)

No terceiro quadro - *Grau de satisfação com o desempenho da(s) associação(ões)* –, nota-se que a imensa maioria das associadas da primeira instituição respondeu não estar nada satisfeita com o desempenho da associação. Já, no caso da segunda, percebe-se que há uma maior fragmentação nas respostas, entretanto, comparando as intensidades NADA e MUITO, entre as duas instituições, verifica-se que as brasileiras da AMB mostraram-se mais satisfeitas.

SATISFAÇÃO COM O DESEMPENHO DA(S) ASSOCIAÇÃO(ÕES)				
<u>AACILUS</u>				
NADA	POUCO	RAZOAVELMENTE	MUITO	SEM OPINIÃO
10	0	2	3	2
<u>MAIS BRASIL</u>				
NADA	POUCO	RAZOAVELMENTE	MUITO	SEM OPINIÃO
5	3	3	6	0

Quadro 3 – Grau de satisfação com o desempenho da(s) associação(ões)

No quarto quadro - *Influência da(s) associação(ões) na estadia em Portugal* -, com relação a AACILUS, a maioria (9) respondeu NADA; já, com relação à AMB, MUITO (8).

INFLUÊNCIA DA(S) ASSOCIAÇÃO(ÕES) NA ESTADIA EM PORTUGAL		
<u>AACILUS</u>		
NADA	POUCA	MUITA
9	4	4
<u>MAIS BRASIL</u>		
NADA	POUCA	MUITO
4	5	8

Quadro 4 – Influência da(s) associação(ões) na estadia em Portugal

No quinto quadro - *Recebimento de cópia de estatuto* -, constatou-se que a imensa maioria das entrevistadas, de ambas as instituições, não havia recebido cópia do estatuto da associação.

RECEBIMENTO DE CÓPIA DE ESTATUTO		
<u>AACILUS</u>		
SIM	NÃO	NÃO LEMBRA
1	14	2
<u>MAIS BRASIL</u>		
SIM	NÃO	NÃO LEMBRA
1	13	3

Quadro 5 – Recebimento de cópia de estatuto

No sexto quadro - *Necessidade de programas voltados à integração de mulheres brasileiras* -, a imensa maioria respondeu positivamente, e apenas uma entrevistada responde TALVEZ, justificando que, para ela, nem todas as mulheres deveriam de ser atendidas, fazendo referência às brasileiras trabalhadoras do sexo.

NECESSIDADE DE PROGRAMAS VOLTADOS À INTEGRAÇÃO DE MULHERES BRASILEIRAS			
SIM	NÃO	TALVEZ	SEM OPINIÃO
29	0	1	0

Quadro 6 – Necessidade de programas voltados à integração de mulheres brasileiras

No sétimo, e último, quadro - *Participação, e frequência, em evento promovido pela(s) associação(ões)* -, evidencia-se que a imensa maioria das brasileiras da AACILUS compõe os blocos NENHUMA VEZ, UMA VEZ, DUAS VEZES, e apenas uma entrevistada respondeu ter participada MAIS VEZES. No caso das associadas da outra instituição, nota-se que a maioria disse ter participado MAIS VEZES.

PARTICIPAÇÃO, E FREQUÊNCIA, EM EVENTO PROMOVIDO PELA(S)				
ASSOCIAÇÃO(ÕES)				
<u>AACILUS</u>				
NENHUMA VEZ	UMA VEZ	DUAS VEZES	TRÊS VEZES	MAIS
5	5	6	0	1
<u>MAIS BRASIL</u>				
NENHUMA VEZ	UMA VEZ	DUAS VEZES	TRÊS VEZES	MAIS
2	1	3	3	8

Quadro 7 – Participação, e frequência, em evento promovido pela(s) associação(ões)

No geral, é possível destacar que as associadas da AMB possuem mais envolvimento e estão mais satisfeitas com o desempenho da instituição, do que as associadas da AACILUS. Os motivos para procura pelas associações têm predominância em auxílio jurídico e participação junto à comunidade brasileira. E, os círculos de amizade e religioso são fundamentais na indicação destas instituições. Contudo, a imensa maioria de ambas as associações respondeu não ter recebido cópia do estatuto.

2.2 Dados qualitativos

Com as questões elaboradas na entrevista, também obteve-se informações qualitativas sobre as relações existentes entre as imigrantes brasileiras e as associações, bem como suas opiniões acerca deste universo e suas necessidades demandadas.

Os pontos de análise foram:

1. Significado que a associação possui em sua trajetória de imigração em Portugal;
2. Satisfação com relação ao desempenho da associação;
3. Necessidade de programas específicos às imigrantes brasileiras;
4. Participação em eventos e atividades promovidos pela associação.

a. Discursos produzidos pelas entrevistadas da AACILUS

Nos discursos produzidos pelas entrevistadas da AACILUS, houve a predominância de uma perspectiva mais negativista com relação à referida instituição. A questão da falta de divulgação sobre os programas que são desenvolvidos pela mesma, da falta de profissionalismo por parte do pessoal atendente, da inexistência de programas voltados para as mulheres brasileiras, foram fortemente frisadas.

Para as associadas, a carência de informações faz com que os brasileiros não saibam o que é oferecido, acabando por não procurarem mais a instituição, apenas quando surgem os problemas com a renovação de visto.

- “Conhecemos algumas pessoas, no evento lá, que tinha várias pessoas de outras nacionalidades. Trocamos alguma convivência. Mas foi só. Nada de mais. Não tenho procurado muito a Associação, mas procurarei quando tiver que renovar o meu visto apenas. Eu não sei se é correto eu falar isso, mas veja só, indiquei um colega pra ir na Associação resolver lá o problema dele, e, pra ele ter o apoio, ele tinha que pagar 12 euros, e ele não aceitou. Eu acho que se você tá pedindo ajuda, eles deveriam cativar de outra maneira. Mostrar mais trabalho, mostrar que esse dinheiro vai ter retorno. Que vale a pena pagar. Se houvesse um apoio pras mulheres, era muito melhor. Mas, eu nunca sei a fundo o que a associação tá fazendo. Tem mulher que vem pra cá e que vive aqui sozinha. Tive colegas de trabalho que eram sozinhas aqui.” (Tarsila do Amaral)

Já, para *Chica da Silva*, além dos problemas com a divulgação, a AACILUS deveria promover mais eventos de convívio entre os brasileiros.

- “Essa associação poderia ser mais divulgada aqui no Porto, ter um papel mais abrangente em relação aos brasileiros. Eu vejo que as Associações de outros imigrantes têm mais convívio, acolhimento, se juntam, fazem viagens com o pessoal da própria nacionalidade, e com as nossas eu não vejo isso. Eles não avisam. Nós fomos, e sempre estava fechada. É praticamente inadmissível que tenha lá um horário de expediente e estar fechado nestes horários. Eles deveriam fazer um acompanhamento processual com o brasileiro. Deveria ser um lugar como se fosse uma parte do Brasil, mas que nos orientasse a nos adequar também. Como se fosse um lugar pra matar a saudade. Eu sinto falta da parte de comunidade que é do brasileiro. Por exemplo, eu gostaria de aprender artesanato e vou a associação onde deveria ter um espaço onde as pessoas possam estar lá ensinando, ajudando, trocando com outras pessoas, um sítio onde pudessemos aprender sobre outras profissões, culinária, costura, essas coisas voltadas para a mulher. Tem muita mulher brasileira aqui, um ambiente social com estas coisas básicas.” (Chica da Silva)

A associada *Elis Regina* também acrescentou a questão dos cursos. Para ela, seria interessante que a associação possuísse cursos para oferecer aos brasileiros, em especial no caso das mulheres que, por não terem apoio, acabam por tomar atitudes de desespero com o objetivo de conseguirem as suas legalizações.

- “Uma associação deveria ter cursos, chamar os associados, mantê-los informados, ter atividades diversas, incorporar um grupo de pessoas. Não vejo panfletos, não me ligam, nem e-mails eles me mandam. Não vejo nada sobre ela. As pessoas, que cá estão, trabalham excessivamente, não têm tempo muitas das vezes, de tá indo lá, e eu acho que é por parte da associação também que deveria chamar. Muitas mulheres, eu conheço duas pelo menos, que engravidaram só pra poder se legalizar. Elas não têm assim uma estrutura, por falta de conhecimento. Elas acabam fazendo coisas pra conseguir se legalizar aqui, até coisas muito ruins, por falta de informação. Elas cometem devaneios. E, as Associações, sei que eles ganham do governo, mas ganham pra eles, porque não vejo fazerem nada pros imigrante.” (Elis Regina)

Bertha Lutz destaca a necessidade dos programas para as brasileiras, principalmente, no que diz respeito à imagem que se tem sobre elas e as consequências que isto acarreta em suas vivências em Portugal.

- “Ultimamente, eu não tenho acompanhado nada mesmo, então não sei (sobre os programas). Não tenho participado, nem eles me contactado. As mulheres brasileiras são vistas com maus olhos, são vistas de forma ruim, até tem mulheres que são “da vida”, e nem todas somos, tinha que ter coisas nesse sentido, pra mostrar que nem todas são assim.” (Bertha Lutz)

Ellen Gracie contribuiu com a sua percepção sobre o auxílio na procura por trabalho e a discriminação que ocorre por parte dos empregadores.

- “Eu estava super interessada, mas depois não entraram mais em contato. Eu gostaria que houvesse uma associação que ajudasse as brasileiras, independente do grau do instrução, a se integrar, a conseguir emprego e tudo. Acredito que há um pouco de discriminação por conta dos empregadores daqui, porque eles perguntam “você já trabalhou aonde?”. Uma pessoa, que é recém chegada, que nunca trabalhou aqui, é muito mais difícil pra conseguir emprego. Eles falam assim “ah, é estrangeiro, mas a gente tá procurando uma pessoa que tenha experiência aqui”. Eles reclamam do sotaque. Então, se você não tiver uma pessoa que te oriente, ou que te indique, pode ficar cada vez mais difícil. Sabe, uma associação que pudesse indicar as pessoas, fazer referência delas. Eu quero muito uma coisa que eu esteja acostumada a trabalhar, e, ficar trabalhando nestes trabalhos que eu estou, não é pra mim. Eu sou uma pessoa qualificada. Deveria também ter um lugar pra convívio entre as pessoas, pras pessoas se conhecer. Acho que, pela visão geral que eu tenho, acho que deveria ter alguma coisa que pudesse tratar da questão da imagem da mulher brasileira. Apoio profissional, pra integrar estas mulheres que podem estar nestas situações... sabe?. Orientar.” (Ellen Gracie)

Outro discurso bastante comum entre as entrevistadas desta instituição foi o de que as associações brasileiras não servem ao seu real propósito, sendo utilizado assim, na maior parte dos casos para referenciar esta situação, o termo “fachada”.

- “A mim ela não faz nada. A gente tem que ser verdadeiro, não é? Pra mim, é só “fachada”, pra tirar dinheiro do governo português. Deveria ter mais divulgação, mais informação ao imigrante, que, pra mim, nem eles não sabem nada nas Associações. Já que é uma Associação, é exatamente pra poder ajudar as pessoas, não é? Uma associação deveria ser pra poder mostrar a cultura do país. Tem pessoas, que estão aqui, e já têm filhos aqui, então, pra eles não esquecerem a cultura e conhecer a brasileira. E não existe nada. Tem muita mulher aqui, e sei de umas que estão cá sozinhas, e que querem também se profissionalizarem e não conseguem. Também acontece de ter gente que contrata um advogado particular pra fazer coisas que se fosse numa associação teria o esclarecimento sobre essas coisas de visto. A associação teria que tá pré-disposta a divulgar isto, demonstrar o trabalho. Esse tipo de coisa a gente tem que vestir a camisa, e sentar lá dentro e dar o melhor de você.” (Dorothy Stang)

- “Prometeram visto pro meu marido e depois ficaram fugindo. Não conheço as outras. Mas, dessa, eu não estou satisfeita. Eu acho que o que tá acontecendo é que tem muita gente que abre uma associação pra mover uma grana. Inventam uma “feira”, uma “palestra”, e, na feira põem uma paninho com meia dúzia de coisa, e dizem que é feira, e que a associação tá fazendo e acontecendo, aí ganham uma grana do governo. A primeira coisa, é que se tenha uma pessoa honesta à frente. Um verdadeiro atendimento pra esclarecer realmente sobre essas coisas de visto. Mesmo que a associação não consiga te resolver tudo, mas que fale o que realmente ela pode, e não ficar prometendo o que não pode. E, tem que matar essa ideia de nós brasileiras como algo negativo, que vem só pra fazer programas, que vem só pra arrumar marido, que vem aqui só pra sugar do país, como se fosse uma... E, o lado que você presta serviço já não é visto...” (Leila Diniz)

Além desta constatação, houve uma reclamação generalizada a respeito do funcionamento da associação, que foi a desorganização nos horários de atendimento, pois, conforme o que foi dito, na maior parte dos dias da semana, encontra-se fechada, e também sobre a falta de qualificação das pessoas que prestam atendimento.

- “Eu acho que é uma associação que não se vê nada. Praticamente se vê mais fechada do que aberta. O cara (o presidente) tá mais no Brasil do que aqui. Eu acho que poderia fazer mais. São muito desunidas. É péssimo isso. Eu acho que deveria ter uma união maior. Também não vejo nada a ser falado das associação nossas, nenhum panfleto, nada. Eu acho, na verdade, que os brasileiros aqui são muito desunidos. Eles poderiam ser mais unidos e não são. Acho que é muito importante quando o imigrante vem, e não tem informação nenhuma. Ele chega aqui e tem que descobrir as coisas, tem que levar na cara pra aprender. Que tem leis pra nós tem, mas a maioria nem sabe. Já cheguei, muitas vezes, na associação, e o dono (o presidente) não sabia das leis. Também, não tinha alguém lá que me ajudasse. Fui pedir apoio, pra saber como ficaria minha situação de emprego, pra saber se tava tudo certo, e não sabia me dizer. Eu tive que correr atrás. Pra homem, muitas vezes, é mais fácil de arranjar emprego. Ele pode fazer obra, na pintura, então, eu acho que, se as mulheres fossem mais unidas... , por exemplo, se tivesse um grupo de costureiras, um grupo de manicurepedicure, de cabeleireira, estas coisas de mulher, uma poderia ensinar a outra. Se tivesse na associação um espaço pra reunir estas pessoas... aqui a mão de obra na costura é pouca, e a maioria brasileira sabe costurar.” (Anita Garibaldi)

- “Procurei para o meu sobrinho uma vez, e a Associação não sabia informar como é que estava a lei recente para o caso dele, e disseram para ir ao SEF, mas as pessoas que estão ilegais têm medo de ir até lá. Aí, na associação, é sempre pra depois, “ah eu vou ver isto”, é sempre no “vou... e depois te digo”... e nunca retornam. Você entra lá nu, e sai despido. Às vezes, é até atrapalhado, fica mais perdido, não sabe a quem recorrer. Não me inspira confiança. Se fazem alguma coisa, é na teoria. Sei que, pra essas coisas, há fundos, há subsídios, e há quanto tempo se diz lá que vai haver um cursinho de Espanhol, de línguas, e nada acontece... deveria ter um acompanhamento mais direto. É o que eu vejo dos lugares que eu conheço, eles mandam por e-mail publicidades, divulgação... deveria se ter o interesse de cativar o seu cliente. Deixa muito a desejar essa AACILUS. Não me ajudou em nada. As associações não fazem nada demais para os brasileiros. O problema não é só você ir lá e dar seu nome e fazer uma ficha de cadastro, o problema é você ter o acompanhamento que você necessita. É o seu problema ser resolvido.” (Maria Ester Bueno)

Portanto, com os discursos, foi possível perceber que, de acordo com as associadas, a AACILUS não contempla de forma geral às necessidades demandadas por elas. No entanto, por mais que este fato seja evidente, a ligação com a instituição ocorre quando surgem problemas com o visto, fazendo com que retornem o contato com a finalidade de apoio jurídico.

b. Discursos produzidos pelas entrevistadas da Associação Mais Brasil

Nos discursos produzidos pelas entrevistadas da Associação Mais Brasil, evidenciou-se uma relação mais positiva entre as mesmas e a instituição. E, o fato de a AMB propiciar um espaço onde possa ocorrer a sociabilização entre os brasileiros foi bastante salientado pelas entrevistadas.

- “Mudou muita coisa, passei a conhecer pessoas através da associação. Conheci pessoas importantes e que podem ajudar. Nem todas se empenham, são de “fachada”, parecem um negócio de família. Toda associação tem de ter informação pras pessoas que ainda tão querendo vir, das dificuldades que elas vão encontrar aqui. Mostrar que não é fácil. Não é como eles pensam. Através da *internet, e-mail, site*. Pra elas, as mulheres, poderem compreenderem melhor essa questão da imagem da mulher brasileira aqui, as dificuldades.” (Chiquinha Gonzaga)

Embora exista uma descredibilidade sobre a união entre os cidadãos brasileiros, conforme afirma *Cecília Meireles*, a associação vem a promover de alguma forma a convivência entre estes.

- “Conviver com mais brasileiros, eu quase não convivo. (na associação) Pude conhecer mais brasileiros, conhecer mais cultura, lugares, com a Mais Brasil. Os brasileiros não são tão unidos. Há uma rivalidade entre eles. Eu acho que, no Brasil, eles são mais unidos, mas aqui já começam a competir para ver quem está melhor, um quer puxar o tapete do outro. Deveria ter um apoio para valorizar a imagem do brasileiro.” (Cecília Meireles)

No entanto, segundo *Olga Benário*, a associação deve ir além dos eventos de convívio, que, para ela, acabam sendo sempre as mesmas pessoas a promover, e chama a atenção para os programas de saúde direcionados às mulheres.

- “Eu acho que a associação devia com mais uma finalidade de ajudar os imigrantes que aqui logo chegam, não só com informação, mas ajudas mesmo de integrá-los. Moradia, emprego, essas coisas. Uma associação tem que ter muito mais. Tem que ter convívios, mas não estes que são pra nada, ah de forró, de feijoada, fica tudo num mesmo grupinho, e coisas que não nos trazem novidades. Informação na área da saúde. Ajudar a empregar, e criar formas alternativas dessas pessoas conseguirem até tirarem um dinheiro. Porque essas mulheres saem de seu lugar, onde têm conhecimento das coisas do Brasil, mas chega aqui e tudo é diferente. Acho que uma coisa muito importante é de esclarecer elas sobre os direitos de saúde que elas têm aqui. Tem muitas que, depois que tão aqui, passam a não mais fazer as análises básicas, estas de mulher, porque não sabem que têm direito a isso. Outra coisa, estas mulheres... que têm “facilidade de ganho”. Elas ganham dinheiro rápido, mas sei que é complicado, não compensa, elas têm uma perda moral, uma perda social e de saúde, não compensa. Elas chegam aqui e começam a perder a identidade, tem muitas que vêm pra cá, e depois viram putas. Deveria ter algo para elas não caírem nessa vida.” (Olga Benário)

Para *Zilda Arns* e *Maria da Penha*, o envolvimento com a Associação foi significativamente positivo com relação às suas auto-estimas.

- “Eu gosto muito, eu me senti uma pessoa útil. E, a partir da associação, fiz estas amizades que tenho hoje. É tão difícil eu acho reunir estas mulheres. Os brasileiros nem vão atrás das Associações. Aqui o povo é muito complicado. Brasileiro não gosta de se relacionar com brasileiro (...)” (Zilda Arns)

- “Me influenciou a ponto de fazer eu conhecer a minha força interior, porque eu me senti muito frágil. Então, eu descobri que eu podia num outro país juntar as minhas forças e me sentir segura com esse apoio todo da Associação que me encaminhou pra esses órgãos que tão agora me ajudando na busca pelos meus direitos. Achei que eu ia ser deportada. Fiquei perdida, e a Associação me salvou. Só eu acho que deveria ter uma ala reservada pra fazer os atendimentos. Eu, quando fui lá tinha gente, e eu não queria expor a história. E ficam ouvindo a conversa. Outra coisa, sobre os programas pras mulheres... Tem mulher que tem vergonha de ser brasileira aqui, ser brasileira autêntica, com medo de ser confundida.” (Maria da Penha)

Observando este último discurso, outro aspecto quanto às associações foi levantado, o espaço de atendimento que é limitado, pois, no caso de ambas, há apenas uma sala de dimensões pequenas onde fica o pessoal do atendimento, os materiais da instituição e a recepção do público imigrante. Nesse sentido, as entrevistadas apontaram que não se sentem à vontade no local, já que, ao exporem suas situações, há, na maioria das vezes, outras pessoas.

Contudo, verifica-se que as associadas desta instituição sentem-se mais satisfeitas quanto aos serviços prestados, principalmente, no que diz respeito aos eventos de convívio, embora careça de outros programas como no caso dos cursos, das formações e sessões de esclarecimentos. Também, a questão dos programas específicos às mulheres brasileiras

contemplou diferentes dimensões de demanda: saúde, trabalho, auto-estima, desmistificação sobre a imagem da mulher brasileira, família, lazer.

c. Discursos produzidos pelas entrevistadas de ambas associações

As associadas em ambas as instituições puderam expor suas opiniões acerca de uma e de outra, sendo possível, assim, a verificação dos pontos diferenciais existentes nos discursos.

- “Na Mais Brasil, eu conheci mais pessoas. Conheci pessoas diferentes do Brasil. É uma maneira de ter o Brasil aqui, e de conviver com tantas pessoas de diferentes regiões de lá. Porque somos todos brasileiros, mas não nos conhecemos bem, somos diferentes. É ótima a Mais Brasil! Que eu vi, nessa outra, que sou associada, é uma associação de “fachada”. Isso é complicado. Deveria ter uma ligação entre nós, mas com outros também imigrantes. Com intercâmbio. Convívio entre todos. É muito importante, pras mulheres brasileiras, os programas. Pra mostrar a Portugal que nós temos mulheres brasileiras guerreiras. Pra tirar essa visão que se tem de nós. Porque não têm respeito por nós mulheres. É muito triste, de um povo tão bom e tão grande mas cheio de preconceitos. A associação deveria fazer um intercâmbio pra mostrar isso.” (Cora Coralina)

Destaca-se no relato acima a preocupação com o convívio entre os brasileiros, destacando a AMB, e a problemática em torno do preconceito com as brasileiras, que, para *Cora Coralina*, a associação deveria realizar programas que possam intervir junto desta população.

Para *Fernanda Montenegro*, as duas associações influenciaram na sua estadia em Portugal, no entanto, a satisfação quanto o desempenho destas instituições vem a ser distinta.

- “Ambas me influenciaram bastante. Sabe, pra mim, é importante que a imagem do meu país seja preservada, é importante mostrar que nós temos coisas más, mas muito mais importante mostrar que nós temos coisas boas. Eu tenho muito orgulho de ser brasileira, com defeitos, com qualidades. Tenho uma tristeza muito grande em viver fora do meu país. Tive a sorte de nascer num lugar bom, privilegiado, tenho muito orgulho do povo que luta (...). Eu voltei a criar um envolvimento maior com a comunidade que estava um pouco afastada... É uma maneira de entregar o meu tempo. Até a vontade de estudar venho um pouco disto. De querer fazer mais. Sobre a AACILUS, não estou de modo algum satisfeita. Há muitas falhas! Há coisas que podem e devem ser corrigidas, ter uma maior interação entre as Associações em que as pessoas deveriam entender que estão lutando em prol de um elemento comum, que seria o bem-estar do imigrante. Há muita coisa a ser feita. Daquilo que eu tenho visto nas Associações... com a MAIS BRASIL eu tenho mais confiança... é que é muito difícil unir as pessoas. As pessoas aparecem quando precisam, mas depois não se pode contar muito com elas. Elas vão em busca de receber, agora dar, não de material, é o dar-se como pessoa. Alguma coisa tá falhando, mas eu não sei o que é. E para as mulheres brasileiras, isso não é um dado que eu possa comprovar, mas eu creio que tudo aponta para que o número de mulheres imigrantes seja maior que o número de homens. Elas precisam ser apoiadas até porque ainda as mulheres são tratadas diferentes em muitas sociedades. E daquilo que eu conheço também aquela parte sofrida, a mulher vem sozinha, deixa a família, vem abrir caminho, então, eu acho que ela precisava de ser mais apoiada. Eu não sei dizer que tipo de programa pode ser feito. Mas alguém tem de se debruçar sobre isto.” (Fernanda Montenegro)

Assim como *Fernanda Montenegro*, *Maria Quitéria* expressou de maneira breve a diferença que existe com o grau de satisfação entre uma associação e a outra.

- “A Associação Mais Brasil pra mim foi uma escola! Passei a conhecer um mundo que eu não conhecia. A Outra não. Muito fraca! (Maria Quitéria)

Marília Pera destacou que, em ambas as associações, a divulgação é limitada, assim como o retorno ao imigrante depois que ocorre sua filiação. Com relação às mulheres, cita os programas de prevenção e saúde.

- “O contato foi muito pouco, tanto com uma quanto com a outra. E, acabou por influenciar pouco na minha estadia aqui. Eu gostaria que fosse melhor, que tivesse mais coisa que chamassem os imigrantes. Deveria ter um trabalho de divulgação maior. Pro imigrante saber que estas associações existem. Como eu não tenho uma participação efetiva dentro delas, eu não sei dizer também o que fazem. Mas a impressão que eu tenho é que elas não fazem grande coisa. Nunca chegou nenhuma cartinha na minha casa me chamando pra eventos. Deveria ter eventos, só que mais divulgados, porque eu participei destes eventos que citei, mas só tinha o próprio pessoal da associação, não tava lá o povo. Pras mulheres, penso nas questões de prevenção, de saúde... pras mulheres é muito importante. Lá, no Brasil, há muitas campanhas cancer da mama, colo do útero, estas coisas de mulher, e, quando elas chegam aqui, não sabem muito bem por onde recorrer, não sabem se tem ou não direito a isso. Então, se tivesse nas Associações um maior esclarecimento destas questões da saúde pras mulheres brasileiras que estão a viver aqui, ía ser muito bom. Lá, no Brasil, até pode ser que tinham uma rotina regular. Pras mulheres, isso é fundamental, pra evitar uma série de consequencias.” (Marília Pera)

Enfim, com estes depoimentos, identificou-se qualitativamente determinados pontos que se diferem ou que se assemelham quanto às satisfações e insatisfações acerca do desempenho de trabalho realizado pela AACILUS e pela AMB. Se por um lado, a AACILUS não corresponde às exigências sobre os eventos de convívio, por outro, a AMB vem dando conta deste quesito, porém, a reclamação se faz na limitação de pessoal e de propostas temáticas, que, segundo as entrevistadas, acabam sendo repetitivos. Contudo, ambas não atenderam as expectativas com relação aos programas de esclarecimento, cursos, orientação na busca por trabalho, sobretudo no que concerne o universo feminino brasileiro e suas especificidades.

CONCLUSÃO

É possível destacar que, ao longo dos séculos passados, o processo migratório era possuidor de um significado essencialmente masculino, no qual as mulheres acabavam por ter seus papéis invisibilizados, sendo identificadas apenas como acompanhantes. Os estudos sobre a autonomia feminina tiveram início, nas Ciências Humanas e Sociais, com as perspectivas feministas do final da década de 70, do século XX. Desde então, as mulheres passaram a serem vistas como uma comunidade que também sai de seu território de origem, seja por razões econômicas, seja por razões sociais ou políticas, assim como por razões de outras ordens, deixando assim de serem relevantes apenas num quadro de estudos familiares.

Em fundamentações teóricas atuais, foi percebido que esta autonomia possui a necessidade de ser estudada através de uma posição mais ampla, a qual possa dar conta tanto das questões de gênero, como das questões de classe e de pertença étnica, pois, neste esquema, evidenciou-se que as três variáveis podem acionarem-se umas às outras. E, como foi visto anteriormente, as mulheres, que ao percorrerem seus percursos de migração, depararam-se com diversificados dilemas cujos teores vêm a ser pertencentes a esta teia dimensional.

No que diz respeito às imigrantes de nacionalidade brasileira, no presente trabalho, pode-se verificar que esta situação não foi apresentada de diferente forma. Foram enfatizados os fatores de sexualização, de exotização e de mercado de trabalho. A problemática sobre a imagem da mulher brasileira, em Portugal, solicitou os variados espaços de estudo, e corroborou a teoria de que há uma estigmatização que atravessa gênero e nacionalidade, pois ambos encontraram-se presentes nas representações acerca destas mulheres, as quais veem, por causa disto, suas relações sociais com os portugueses serem influenciadas, em grande parte, negativamente, assim como as suas integrações/adaptações em sociedade portuguesa.

Para tanto, constatou-se que a grande maioria já sofreu algum tipo de discriminação ou constrangimento por parte de portugueses, e que o espaço laboral, o espaço familiar do cônjuge (de nacionalidade portuguesa), e os espaços públicos foram os cenários utilizados como pano de fundo para estas situações.

Destarte, as dificuldades nas suas integrações/adaptações não ficam estritas a esta conjuntura. As dificuldades com a língua e com a comunicação com os portugueses foram relevantes no momento de suas inserções. Contudo, a desadequação profissional foi o fator que mais teve significância de insatisfação com relação à qualidade de vida laboral destas mulheres.

No decorrer das entrevistas, houve uma constância considerável no uso de afirmações sobre os portugueses e sobre a sociedade portuguesa. As entrevistadas apontaram como elas pensam acerca do modo como os portugueses agem e pensam com relação às mulheres brasileiras, e, em decorrência disto, falaram como alteram seus comportamentos, quando estão na presença destes, com o objetivo de serem aceitas e, logo, de se inserirem em sociedade.

Antes mesmo de chegarem, trazem consigo ideias de como são as pessoas deste país. No Brasil, escutam piadas de cunho pejorativo, e assistem, nos programas de televisão, as representações estereotipadas sobre os homens portugueses e as mulheres portuguesas. Entretanto, depois de estarem inseridas, estas ideias não vêm a ser confirmadas, só que outras novas, calcadas em experiências pessoais, e compartilhadas com conterrâneos, são construídas em um cenário de trocas de desqualificações.

Escutou-se as expressões “mal educados”, “estúpidos”, “frios”, “porcos”, “fechados” (difíceis de se conquistar e fazer amizades), “machistas”, e, até mesmo, “racistas” e “preconceituosos”, para adjetivar os portugueses, porém, foram apontadas diferenças existentes entre os que são da aldeia, Lisboa e Porto – já que, de acordo com as entrevistadas, a intensidade acerca dessas qualificações atribuídas é distinta de acordo com cada localidade.

Ainda nessa dinâmica das imagens, o estereótipo da prostituição e da sexualidade também vem a ser um fator de preocupação para as imigrantes que irão servir de base de uma rede migratória feminina, pois, ao saberem que outra brasileira migrará, enfatizam os problemas que esta poderá encontrar quando aqui já estiver, assim, tornando-se transmissoras da ideia “o que vão pensar de mim”.

O verbo “confundir” foi utilizado em várias passagens das entrevistas. As brasileiras destacaram o receio de serem entendidas como “prostitutas”, ou “mulheres que não merecem

respeito”. E, esta ideia, quando reforçada, ganha como complemento uma outra dinâmica: as estratégias de socialização, que vão desde mudar o vestuário, a alterar a forma de falar (chegando a demandar aulas de como se falar o português de Portugal) e de estar, até a restringir o âmbito social com os demais brasileiros. Sendo assim, as imagens associadas às brasileiras vêm a significar uma espécie de prisão para estas mulheres, as quais dedicam parte dos seus dias a manipular as suas próprias e reais imagens, ou até mesmo escondê-las.

Estas mulheres acabam por passar por um processo de (re)construção identitária, regulando impressões, e utilizando-se de comportamentos de fachada, com o objetivo de transmitirem sinais que irão auxiliar nas suas permanências ou ascensões em sociedade de acolhimento, em essencial, no mercado de trabalho. Colocam o seu “eu” pessoal em evidência, dando lugar a um outro representado, no entanto, ambos acabam se confrontando, e convergindo na (re)construção de um novo.

Em função da prostituição feminina brasileira, as entrevistadas apresentaram três tipos de posições: a) a primeira, com o medo de “ser confundida” com uma mulher que vende o seu corpo, ou simplesmente, com uma mulher “fácil”; b) a segunda, mais solidária para com as brasileiras profissionais do sexo; c) a terceira, a de resistência em aceitar a condição de vida destas, com a manifestação de pré-julgamentos desmoralizantes e excludentes.

Em suma, percebeu-se que o universo do trabalho sexual feminino brasileiro foi tratado com distanciamento pelas mulheres imigrantes do contexto associativista. Se por um lado, houve um sentimento mais solidário, por outro, houve uma atitude de resistência. E, de maneira geral, ser confundida, entendida como uma trabalhadora do sexo, é ser apontada como moral e socialmente “inferior”, submetida a um universo de discriminações e restrições promovidas em sociedade portuguesa.

Quando possuem filhos, os dilemas e as preocupações podem se estender a eles, tanto como os deles a elas. As entrevistadas mostraram que dedicam maior parte de seus tempos ao espaço laboral, enquanto que seus filhos ficam restritos, principalmente, ao espaço escolar, e, quando estes encontram um ambiente hostil, suas integrações/adaptações poderão vir a ser dificultadas.

Outros fatores que exercem influências nas suas adaptações, são as relações de intimidade e as famílias dos cônjuges, neste caso, de nacionalidade portuguesa. Como foi visto, 5 brasileiras vieram para Portugal pelo motivo de terem casado com cidadãos deste país, e viu-se que 12 possuem união estável ou casamento com portugueses. Neste sentido, destacou-se três situações: a) A família do cônjuge português como responsável por determinados conflitos na relação do casal; b) A negação à cultura brasileira e à comunidade brasileira por parte do cônjuge; c) A união positiva com base na aceitação e negociação dos hábitos de uma cultura e de outra.

A família do parceiro foi apontada como sendo uma variável de conflito, e a admiração e o respeito pela cultura brasileira como um fator importante na intimidade do casal. Se por um lado identificou-se a negação à cultura brasileira por parte do parceiro, de outro, destacou-se a negociação que é tida como princípio de harmonia. E, mesmo com isso, conclui-se que, diante dos problemas enfrentados nos seus percursos migratórios, estas relações vieram a ser significativamente positivas para as suas vivências neste território.

Com relação às imigrantes evangélicas, o espaço da igreja foi referenciado como relevante nas suas integrações/adaptações, é onde elas sentem-se seguras para poder trocar impressões tanto com portugueses quanto com brasileiros.

Ao questionar as imigrantes sobre as suas relações com os brasileiros, foi possível perceber uma situação comum: a restrição quanto às amizades em função da insegurança e da desconfiança.

Nos fatores que indicam o retorno para o Brasil, a alta carga horária de trabalho foi a justificativa apresentada. A respeito da decisão de permanência, foi a qualidade de vida que teve relevância. Na situação das imigrantes com filhos, identificou-se a segurança e a educação como os dois fatores que influenciam nas suas tomadas de decisão para ficar no país. E, logo, no que concerne a dúvida, de um lado, o fator trabalho constante, insatisfação com a atividade remunerativa exercida e saudade da família vêm a influenciar na ideia de retorno, e, de outro, o fator qualidade de vida superior a do Brasil, também pensando nos filhos, vem a ser fator de permanência.

Diante dos dados referentes às vivências destas mulheres em sociedade portuguesa, viu-se a relevância que as associações de imigrantes possuem como promotoras de integração/adaptação e, até mesmo, como intermediadoras entre a comunidade nativa e a comunidade estrangeira.

Como foi verificado, o associativismo contempla o objetivo de oferecer ao imigrante um espaço onde este possa dar continuidade ao exercício de cidadania mesmo estando longe de seu país de origem, também, objetivando a manutenção da sua identidade nacional e cultural.

Além disso, identificou-se que, em Portugal, há associações de brasileiros que contemplam diferentes objetivos, valores e públicos específicos. Há aquelas com uma vertente religiosa, há outras com um segmento político, assim como, há associações de estudantes acadêmicos e associações de profissionais.

O associativismo brasileiro foi o primeiro a se estabelecer no país, e, desde a década de 90, vem expandindo seus trabalhos para diferentes regiões. Desde então, a comunidade brasileira, por meio destas instituições, faz-se presente, de forma legítima, perante ao Estado e à sociedade portuguesa afim de fazer valer o seus direitos quanto comunidade imigrante.

Entretanto, foi evidenciado que os brasileiros vêm possuindo uma participação cívica bastante reduzida nas associações nos últimos anos embora o número de mulheres tenha sido expressivo com relação ao de homens, muitas delas ocupando cargos diretivos com o objetivo de se fazerem ouvidas diante dos dilemas vivenciados.

No que diz respeito aos âmbitos associativistas deste estudo, pode-se identificar uma relação de diferentes contornos entre as brasileiras da AACILUS e esta instituição, e as brasileiras da AMB e esta instituição.

Verificou-se que a imensa maioria das entrevistas procurou as associações com os objetivos de, primeiro, conhecer a instituição e participar em eventos culturais e de convívio, e, em segundo, para obter auxílio com esclarecimentos jurídicos acerca dos vistos de residência. Depois, uma parcela menor, apareceu com a intenção de realizar atividades de

voluntariado e formação junto destes locais. E, apenas uma entrevistada respondeu que procurou a AACILUS para o auxílio com a busca por emprego, enquanto que, na AMB, não houve nenhuma que indicasse esta variável.

A imensa maioria das associadas da AACILUS respondeu não estar nada satisfeita com o desempenho da associação. Já, no caso da AMB, percebeu-se que há uma maior fragmentação nas respostas, entretanto, comparando as intensidades NADA e MUITO, entre as duas instituições, verificou-se que as brasileiras da AMB mostraram-se mais satisfeitas.

Sobre a *Influência da(s) associação(ões) na estadia em Portugal*, com relação a AACILUS, a maioria respondeu NADA; já, com relação à AMB, MUITO.

Quanto à *Participação, e frequência, em evento promovido pela(s) associação(ões)*, evidenciou-se que a imensa maioria das brasileiras da AACILUS compõe os blocos NENHUMA VEZ, UMA VEZ, DUAS VEZES, e apenas uma entrevistada respondeu ter participada MAIS VEZES. No caso das associadas da outra instituição, a maioria disse ter participado MAIS VEZES.

No geral, foi possível destacar que as associadas da AMB possuem mais envolvimento e estão mais satisfeitas com o desempenho da instituição, do que as associadas da AACILUS. Os motivos para procura pelas associações têm predominância em auxílio jurídico e participação junto à comunidade brasileira. E, os círculos de amizade e religioso são fundamentais na indicação destas instituições. Contudo, a imensa maioria de ambas as associações respondeu não ter recebido cópia do estatuto.

Com os depoimentos, identificou-se determinados pontos que se diferem ou que se assemelham quanto às satisfações e insatisfações acerca do desempenho de trabalho realizado pela AACILUS e pela AMB. Se por um lado, a AACILUS não corresponde às exigências sobre os eventos de convívio, por outro, a AMB vem dando conta deste quesito, porém, a reclamação se faz na limitação de pessoal e de propostas temáticas, que, segundo as entrevistadas, acabam sendo repetitivos. Contudo, ambas não atenderam as expectativas com relação aos programas de esclarecimento, cursos, orientação na busca por trabalho, sobretudo no que concerne o universo feminino brasileiro e suas especificidades.

Neste estudo, portanto, foi possível identificar as características que compõem o universo imigrante feminino brasileiro do Porto, bem como as vivências e trajetórias de sucesso ou discriminação, dilemas e recomposição, isolamento, restrições e estratégias de socialização, bem como as necessidades demandadas frente ao contexto associativista local, sejam elas apenas de convívio, ou sejam elas de orientação jurídica, apoio trabalhístico, social, familiar, psicológico, saúde, profissional.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Abranches, M. (2007). *Pertenças Fechadas em Espaços Abertos – Estratégias e (Re) construção Identitária de Mulheres Muçulmanas em Portugal*. Lisboa, ACIDI.

Albuquerque, R. (2005). Um olhar sobre a participação das mulheres em associações de imigrantes. *In: Imigração e Etnicidade: vivências e trajetórias de mulheres em Portugal*. Lisboa, SOS RACISMO, pp. 105-116.

Albuquerque, R. (2005). Para uma análise multidimensional da situação das mulheres: As relações entre género, classe e etnicidade. *In: Imigração e Etnicidade: vivências e trajetórias de mulheres em Portugal*. Lisboa, SOS RACISMO, pp. 37-49.

Albuquerque, R. (2002). Dinâmicas Associativas e Comunidades Imigrantes. *In: A Imigração em Portugal. Os movimentos Humanos e Culturais em Portugal*. Lisboa, SOS RACISMO, pp. 366-381.

Albuquerque, R. (1996). *A identidade Pessoal de Jovens Luso- Africanos: contributo para o seu estudo*. Lisboa, Universidade Aberta.

Albuquerque, R. et al. (2000). *O Fenómeno Associativo em Contexto Migratório. Duas Décadas de Associativismo de Imigrantes em Portugal*. Oeiras, Celta Editora.

Alcoforado, E. (1999). *O anjo bom e o anjo mau (Um estudo sobre identidade(s) prostitucional(ais) no Recife)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

Almeida, M. C. B., & Daher, F. (2003). *As características da prostituição feminina na Rua Augusta, São Paulo – SP, e sua implicação no turismo*. Brasil, PUC/Campinas.

Almeida, R. de (2004). Religião na Metrópole Paulistana. *In: Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Out. 2004, vl. 19, n.56, pp.15-27. São Paulo, ANPOCS.

Amaral, A., et al. (1998). *Guia dos direitos e deveres dos cidadãos estrangeiros*. Lisboa, SOS RACISMO.

Anthias, F. (2000). *Metaphors of Home: Gendering New Migrations in Southern Europe*. In: Anthias, F. & Lazaridis, G. *Gender and Migration in Southern Europe*. Oxford, New York: Berg. pp. 17-47.

Assis, G. de O. (2007). Mulheres imigrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. In: *Estudos Feministas*, 15(3): 745-772, setembro-dezembro, Florianópolis.

Azevedo, L.; Duarte, S.; Cruz, A. (2005). Inquérito às Câmaras Municipais sobre as mulheres imigrantes pertencentes a minorias étnicas. In: *Imigração e Etnicidade: vivências e trajetórias de mulheres em Portugal*. Lisboa, SOS RACISMO, pp. 11-28.

Baganha, M. Z.; Marques, J. C. (2001). *Imigração e Política – O Caso Português*. Ed. Fundação Luso – Lisboa, Americana.

Bagno, M. (2002). *Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz*. 18ª ed. Edições Loyola, São Paulo.

Bagno, M. (2005). Português ou Brasileiro? In: *Um convite à pesquisa*. 5ª ed. Série Linguagem. São Paulo, Parábola,.

Barata, Ó. S. (2002). *Introdução às Ciências Sociais*. v.1/10.ª edição. Chiado, Bertrand Editora.

Baudrillard, J. (1990). *As estratégias fatais*. Lisboa, Estampa.

Baudrillard, J. (1991). *Simulacros e simulações*. Lisboa, Relógio d'Água.

Bledin, K. (2003). Migration, Identity and Group Analysis. In: *Group Analysis*, nº. 36, p.97-110. Disponível em: <http://gap.sagepub.com/cgi/content/abstract/36/1/97>

Bourdieu, P. (1979). *La Distinction, Critique Sociale du Jugement*. Paris, Ed. Minuit.

Bourdieu, P. (1992). *Pierre Bourdieu avec Löic Wacquant; Réponses: Pour une anthropologie réflexive*. Paris, Éditions du Seuil.

Boyd, M. & Grieco, E. (2003). *Women and Migration: Incorporating gender into international migration theory*. Washington, Migration Policy Institute.

Cabral, A. (2000). De “Portugais à St.-Denis” à “Portugais de St. Denis”: un parcours de 25 ans. In: *De la Révolution des oeillets au 3ème millénaire*. Vincennes / Saint-Denis, Université Paris.

Cabral, A. (2005). As associações de imigrantes brasileiros em Portugal. In: *VI Reunión de Antropología del MERCOSUR “Identidad, Fragmentación y Diversidad”*. Montevideo, Uruguai.

Cabral, A.(2007). As associações de imigrantes brasileiros em Portugal como meio de aquisição de direitos. In: Toldy, T. et al. (Eds.), *Cidadania(s): Discursos e Práticas*. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, pp.283-292..

Cabral, A. & Ferreira, M. (2009). As Associações de imigrantes brasileiros. Espaços de e para a cidadania. In: *ANTROPOlógicas*, nº 11, Porto, UFP, pp.81-92.

Cabral, A. & Vargas Llovera, M.D. (2008a). Associativismo dos imigrantes brasileiros em Portugal. In: *II Congresso Latinoamericano de Antropologia*, Costa Rica.

Cabral, A. & Vargas Llovera, M.D. (2008b). Associativismo dos imigrantes brasileiros em Portugal como estratégia de superação da sua condição de imigrantes. In: *26ª Reunião Brasileira de Antropologia*, Porto Seguro.

Campos, P. (2009). *Vivências de integração/adaptação de jovens imigrantes da Escola Secundária D. Sancho I, no Concelho de Vila Nova de Famalicão*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica da Saúde/Orient. Professora Doutora Sofia Neves – ISMAI, Maia.

Carneiro, R. (2006). *A Mobilidade Ocupacional do Trabalhador Imigrante em Portugal*. Lisboa, DEEP, Ministério do Trabalho e da Solidariedade.

Cashmore, E. (2000). *Dicionário de relações étnicas e raciais*. Trad. Dinah Kleve. São Paulo, Editora SELO NEGRO.

Catalão, I. & Gomes, M. (2006). Migração, Religião e a Dinâmica Urbana: um enfoque sobre o Pentecostalismo no Distrito Federal. In.: *XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais*. Minas Gerais, ABEP.

Cuche, D. (1999). *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Lisboa, Fim de Século Edições.

Coelho, C. (2009). Associativismo transnacional: as formas de organização da comunidade brasileira no exterior como boa prática. In: Padilla, B. & Xavier, M. (org.), *Revista Migrações - Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina*, Outubro 2009, n.º 5, Lisboa: ACIDI, pp. 269-272.

Couto, H. (1986). *O que é português brasileiro*. São Paulo, Coleção Primeiros passos, 4ª ed. Brasiliense.

Cruz, A. (2005). Quantificação da população imigrante, em particular das mulheres – uma abordagem inicial. In: *Imigração e Etnicidade: vivências e trajetórias de mulheres em Portugal*. Lisboa, SOS RACISMO, pp. 29-36.

Deccol, R. (2001). *Imigração internacional e mudança religiosa no Brasil*. São Paulo, IUSSP.

Diniz, É. C. (2005). A Mulher Brasileira na Imigração em Portugal. *In: Imigração e Etnicidade: vivências e trajetórias de mulheres em Portugal*. Lisboa, SOS RACISMO, pp. 199-203.

Durigan, M. & Nóia, S.R. (2007). Sujeito, identidade e representação: Entre o discurso oficial e a voz de profissionais do sexo e travestis. *In: RGL*, nº. 4, p. 57-56.

Durkheim, É. (1951) [1898]. Représentations individuelles et représentations collectives. *In: Sociologie et Philosophie*. Paris, PUF, pp-1-48.

Esternberg, R. J. (1998). *Cupids Arrow. The Course of Love through time*. Cambridge, University Press.

Eurydice (2004). *Integrating children into schools in Europe: Portugal*. National Description 2003/2004 (DGEC).

Filho, W. S. (2008). *Imagem do imigrante brasileiro no jornalismo televisivo português 2004-2006*. Lisboa, ACIDI.

Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Tradução Pereira, A.. Lisboa: Monitor.

Freyre, G. (2003). *Casa Grande e Senzala*. São Paulo, Global.

Geertz, C. (1989). *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, LTC Editora.

Giddens, A. (2009). *SOCIOLOGIA* 7.^a Edição. Tradução do original SOCIOLOGY. 4.^a Edição. Lisboa, Editora Fundação Calouste Gulbenkian.

Gil, A. C. (1989). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo, Editora Atlas S.A..

Girona, J. (2007). *Amor importado, migrantes por amor: la constitucion de parejas entre españoles y mujeres de América Latina y Europa del Este en el marco de la transformación actual del sistema de género en España*. Proyectos de Investigación Científica y Desarrollo Tecnológico.

Goffman, E. (1975). *Frame Analysis*. Harmonsworth, Penguin.

Goffman, E. (2003). *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*. Petrópolis, Ed. Vozes, 11ª edição.

Grassi, M. & Melo, D. (2007). Portugal na Europa e a questão migratória: associativismo, identidades e políticas públicas de integração. In: *Working Papers, publicações-Dez./2007*. Instituto de Ciências Sociais- Universidade de Lisboa. Disponível em: http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2007/wp2007_4.pdf

Guedes, M. (s/d). *Conceitos de Aprendizagem Intercultural. Mochila Pedagógica sobre Aprendizagem Intercultural*. (Cidade): Humana Global: Associação para a promoção dos direitos humanos, da cultura e do desenvolvimento.

Guimarães, C. S.M. (2009). *Mulheres, Imigrantes, Líderes – O fenómeno da Liderança num grupo de mulheres imigrantes em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça. Orient. Professora Doutora Sofia Neves – ISMAI, Maia.

Guimarães, E. (2005). A Língua Portuguesa no Brasil. In: *Revista Ciência e Cultura*, v.57; n.2 - *Línguas do Brasil/Artigos*. Jun/2005. São Paulo, Publicação Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

Habermas, J. (1996). *New Social Movement*. Michael Redclift, Graham Woodgate.

Hall, S. (1996). Identidade cultural na diáspora. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº. 24.

Hondagneu-Sotelo, P. (2000). "Feminism and Migration". In: *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, nº. 571, pp. 107-120.

Hopenhayn, M. (2004). *La juventud en Ibero América. Tendencias y urgências*. Chili, CEPAL.

Houstoun, M. F.; Kramer, R. G.; Barret, J. M. (1984). *Female Predominance of Immigration to the United States since 1930: A First Look*. *International Migration Review*, v. 18, n. 4. pp. 908-963.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2003). *Migração e Deslocamento: Resultados da Amostra*. Rio de Janeiro, IBGE.

Jackson, J.A. (1986). *Migration*. Londres, Longman.

Jacques, M. J. C. (1998). Identidade. In: M. N. STREY et al. *Psicologia Social Contemporânea*, pp.159-167. Petrópoles, EditoraVozes.

Katz, D. & K. W. B. (1933). Racial stereotypes of onde hundred college students. In: *Journal of Abnormal and Social Psychology*, nº 28, pp-280-290.

Lages, M. F. (1997). Pós-modernidade e identidade. In: *Colóquio/Educação e Sociedade*, n.s., 1 (Out.), pp-45-61.

Lages, M. F. & Policarpo, V. (2003). *Atitudes e Valores Perante a Imigração*. Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.

Lages, M.F. et al. (2006). *Os imigrantes e a população portuguesa. Imagens recíprocas. Análise de duas sondagens*. (Observatório da Imigração 21). Lisboa, ACIME.

Laraia, R. (1986). *Cultura um conceito Antropológico*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editora.

Lopes, A. (2006). *Trabalhadores do sexo, uni-vos!*. Lisboa, Dom Quixote.

Maalouf, A. (1989). *Identidades Asesinas*. Madrid, Alianza Editorial/S.A.

Machado, F. L. (2002). *Contrastes e Continuidades – Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*. Oeiras, Celta Editora.

Machado, Matias & Leal (s/d). Jovens descendentes de imigrantes africanos: Transição para a exclusão ou para a integração social?. *In: Actas dos ateliers do V Congresso Português de Sociologia. Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção Atelier: Migrações e Etnicidades*.

Machado, Matias & Leal (2005). Desigualdades sociais e diferenças culturais: os resultados escolares dos filhos de imigrantes africanos. *In: Análise Social*, vol. XL (176), pp. 695-714.

Machado, F.; Matias, R. (2006). *Jovens descendentes de imigrantes nas sociedades de acolhimento: linhas de identificação sociológica*. CIES e-Working Papers (ISSN 1647-0893).

Machado, I. J. R. (2003). *CÁRCERE PÚBLICO: processo de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto, Portugal*. Tese de Doutoramento da UNICAMP. Campinas, Brasil.

Machado, I. J. R. (2007). Reflexões sobre a imigração brasileira em Portugal. *In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. Debates-Jun/2007. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index5889.html>

Maisonneuve, J. (1997). “Opiniões e estereótipos”. *In: Introdução à psicossociologia*, pp. 110-125. São Paulo, Edusp.

Manzini, E. J. (1990). *A entrevista na pesquisa social*. São Paulo, Didática.

Maria Jesus, I. & Menezes, I. (2010). Contextos de Inclusão e Participação de Imigrantes Brasileiros: o Papel dos Movimentos Associativistas. *In: Nogueira, C. et al. (Ed.). Actas do*

VII *Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 836-849). Disponível em <http://www.actassnip2010.com>

Miranda, J. (2009). *Mulheres imigrantes em Portugal: memórias, dificuldades de Integração e projectos de vida*. Lisboa, ACIDI.

Morokvasic, M. (1984). Birds of Passage are also Women. *In: International Migration Review*, v. 18, nº 4. pp. 886-907.

Morokvasic, M. (1993). 'In and out' of the labour market: immigrant and minority women in Europe. *In: New Community*, vol. 19, nº 3, pp. 459-483.

Morin, E. (1987). *L'identité Humaine*. Paris, Éditions du Seuil.

Moskowitz, G. (2006). *Social Cognition*. New York, Guilford Press.

Munanga, K. (2003). *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ. Nov/03. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/09abordagem.pdf>

Neves, S. (2003). Amor, Poder e Violência(s) Contra as Mulheres: A Importância do Género nas Relações íntima. *In: Psicologia: Teoria, Investigação e Prática 1*, pp. 133-144.

Oliveira, A. & Manita, C. (2002). *Estudo de caracterização da prostituição de rua no Porto e em Matosinhos*. Porto, CIDM.

Ortiz, J.M.C. (1998). Prejuicio, estereotipo y racismo. *In: Ortiz, J. M. C. (ed.). Psicologia de los grupos, Estructura y procesos*. Málaga, Ediciones Aljibe, pp. 219-240.

Padilla, B. (2007). A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise. *In: A imigração brasileira em Portugal*. Junho. pp.113-134. Lisboa, ACIDI.

Padilla, B. (2006). *Integração dos 'imigrantes brasileiros recém chegados' na Sociedade Portuguesa : Problemas e Possibilidades*. In: Machado, I. (org.) *Um Mar de Identidades: Imigração brasileira em Portugal*. São Carlos, Edufscar.

Paganotti, I. (2007). *Imagens e estereótipos do Brasil em reportagens de correspondentes internacionais*. Artigo baseado no Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social “*Uma certa Libertinagem, muito carnaval e um pouco de pecado – O Brasil dos correspondentes internacionais*”, do ano de 2007 (CJE-ECA-USP). Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/rumores/article/view/6474/5882>

Peixoto, J. et al. (2006). *Mulheres Imigrantes: Percursos Laborais e Modos de Inserção Socioeconómica das Imigrantes em Portugal*. Relatório Final. Lisboa: Instituto Superior de Economia e Gestão – Universidade Técnica de Lisboa.

Peixoto, J. (2004). *País de emigração ou país de imigração? Mudança e continuidade no regime migratório em Portugal*. Lisboa: ISEG, Universidade Técnica de Lisboa.

Pereira, M. E. (2008). *Cognição, categorização, estereótipos e vida urbana*. In: *Ciência e Cognição*, v.13(3)/2008, pp.280-287. Universidade Federal da Bahia, Bahia. Disponível em: http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v13_3/cec_vol_13_3_m318280.pdf

Pimentel, P. C. T. (2006). *Imigração e Identidade: processos que se cruzam*. Universidade Aberta, Porto. Disponível em: <http://repositorioaberto.univ-ab.pt/bitstream/10400.2/622/1/LC372.pdf> .

Pontes, L. (2006). *Mulheres Imigrantes Brasileiras em Lisboa, Portugal*. In: Machado, I. J. De R. (org.) *Um Mar de Identidades: Imigração brasileira em Portugal*. São Carlos, Edufscar.

Pontes, L. (2004). *Mulheres brasileiras na mídia portuguesa*. In: *Cadernos Pagu* (23), Julho-Dezembro de 2004.

Possidónio, D. (2006). *Descendentes de Angolanos e de Luso-Angolanos na Área Metropolitana de Lisboa: Inserção Geográfica e Social*. Lisboa, ACIME.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Trad.: João Minhoto Marques et al. Lisboa, Ed. Gradiva, 5ª edição.

Reis, T. (2006). Prostituição feminina: Interação entre sexualidade, corpo, cor e desejo. In: *Gênero, Corpo e Diversidade Sexual (Sexualidades)*, nº. 51, pp.1-7.

Ribeiro, M. et al. (2007). *Vidas na raia – Prostituição feminina em regiões da fronteira*. Porto, Edições Afrontamento.

Rocha, J. (2009). *Prostituição e Trajectórias de (Re)Construção da Identidade em Trabalhadoras do Sexo Imigrantes*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde. Orient. Professora Doutora Sofia Neves – ISMAI, Maia.

Rocha-Trindade, M. B. (1995). *Sociologia das Migrações*. Lisboa, Universidade Aberta.

Rubio, S. P. (2003). *Mujer, inmigrante y trabajadora: la triple discriminación*. Rubí, Anthropos Editorial.

Saint-Maurice, A. (1997). *Identidades Reconstruídas. Cabo-Verdianos em Portugal*. Oeiras, Celta Editora.

Santos, B. S. (1999). A Construção Multicultural da Igualdade e da Diferença. In: *Cadernos Oficina do CES*, 135. Universidade de Coimbra.

Santos, E. (2003). *Combate ao racismo. Sistema Jurídico*. Lisboa, Edição ACIME.

Santos, J. C. (2007). *Pelas ruas da cidade: A prostituição na Baixa-Lisboeta*. Lisboa, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia.

Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) (2007). *Relatório de atividades: imigração, fronteiras e asilo*.

Silva, P. V.M. (2008). Do Latim ao Brasileiro: panorama evolutivo da língua portuguesa. In: *Revista Philologus*/Ano 14, n.40, Abril. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/40/DO%20LATIM%20AO%20BRASILEIRO.pdf>

Silva, E. G. (2009). *Vivências de Amor e de Intimidade em Mulheres Imigrantes*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde. Orient. Professora Doutora Sofia Neves – ISMAI, Maia.

Sonn, C.C. (2002). Immigration Adaptation. Understanding the Process Through Sense of Community. In: A. T. Fisher, C.C. Sonn & B.J. Bishop (Eds.) *Psychological Sense of Community. Research, Applications, and Implications*. New York, Kluwer Academic.

Teixeira, A. & Albuquerque, R. (2005). *Active Civic Participation of Immigrants in Portugal*. Report prepared for the European research project POLITIS, Oldenburg.

Tocqueville, A. (1977). *A democracia na América*. Tradução Neil Ribeiro da Silva. 2ª.ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/205.pdf>

Tomás, I. (2008a). Religião – Um Espaço de Integração e Participação Pública. In: *VI Congresso Português de Sociologia*. Mundos Sociais: saberes e práticas. Jun/2008. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.

Tomás, I. (2008b). Imigração na sociedade portuguesa – estudo de caso. In: *e-cadernos CES. Novos mapas para as Ciências Sociais e Humanas: artigos pré-colóquio*, v.2/2008. Coimbra, Universidade de Coimbra. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/e-cadernos/media/documentos/ecadernos2/Maria%20Isabel%20Tomas.pdf>

Topa, J. B. (2009). *Ser Mulher, Ser Imigrante: Emergência de Novas Identificações Femininas*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde. Orient. Professora Doutora Sofia Neves – ISMAI, Maia.

Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo, Atlas.

Vala, J. (1999). *Novos Racismos. Perspectivas Comparativas*. Oeiras, Celta Editora.

Valderrama, M. C. B. (1993). *La Integración de los inmigrantes en las sociedades receptoras*. Tesis Doctoral Universidad de Deusto.

Viegas, T. M. C. (1998). *Migrações e Associativismo de Migrantes: Estudo do Caso Timorense*. Lisboa, Fundação Oriente, Universidade Aberta.

Vieira, N. H. (1991). *Brasil e Portugal: a imagem recíproca: o mito e a realidade na expressão literária*. Ministério da Educação – Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa.

Vieira, R. (1999). Identidade Pessoal: a terceira dimensão do ser: 1 e 1=3. In: *Jornal “a Página”*, ano 8, nº 76, pp.21.

Xavier, M. (2007). *Redescobrimo o Brasil: processos identitários de brasileiros em Portugal*. Lisboa, ACIDI.

Wall, K.; Nunes, C.; Matias, A. R. (2008). Trajectórias de Mulheres Imigrantes em Portugal. In: *VI Congresso Português de Sociologia. Mundos Sociais: saberes e práticas*. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Wall, K.; Nunes, C.; Matias, A. R. (2005). *Immigrant Women In Portugal: migration trajectories, main problems and policies*. Institute of Social Sciences, University of Lisbon.

Imigrantes brasileiras e o contexto associativista do Concelho do Porto: vivências, discriminação, imagens, estratégias de socialização e (re)construção de identidades

Wittmann, L. H.; Pêgo, T. R.; Santos, D. (1995). Português Brasileiro e Português de Portugal: algumas observações. *In: XI Encontro Nacional da APL*; Lisboa. Disponível em: <http://www.linguateca.pt/Diana/download/WittmannPegoSantosAPL95.pdf> .

ANEXO

Anexo 1 – Guião de Entrevista

Guião de Entrevista

A presente entrevista tem o objetivo de obter informações referentes às vivências de imigrantes brasileiras de associações do Concelho do Porto.

1. Perfil da Entrevistada

Idade:	Filho(s):
Naturalidade:	Religião:
Grau de Escolaridade:	Como se define em relação a sua cor de pele?
Profissão:	Município:
Situação Profissional:	Associação(ões):
Situação Civil:	

2. Percurso Migratório

2.1 Intenção de Partir

- Quais os motivos que trouxeram você a Portugal?

2.2 Preparativos de Partida

- Teve dificuldades para a obtenção da documentação e do visto?
- O que foi mais difícil no momento de preparativo de partida?

2.3 A Viagem

- Como foi a viagem?
- Teve algum tipo de transtorno na chegada? Se sim, qual?

2.4 A Primeira Instalação

- Há quanto tempo está em Portugal?
- Quando chegou em Portugal, havia alguém lhe esperando?
- Já possuía lugar para morar ou ficar?
- Já possuía garantias de emprego? Se sim, em quê? Se não, como foi a procura?
- Inicialmente, teve dificuldades em se estabelecer em Portugal? Quais foram as dificuldades?
- Como foi o estabelecimento de novos vínculos sociais?
- Como ocorreram as primeiras impressões a respeito dos portugueses e da sociedade portuguesa?
- Como foram as primeiras relações com os portugueses?

- Com relação à língua, teve dificuldades na comunicação com os portugueses?
- O que foi mais fácil?
- O que foi difícil?

2.5 A Inserção e a Fixação

- Está tendo suas expectativas de qualidade de vida atendidas aqui em Portugal?
- Em comparação com a qualidade de vida que possuía no Brasil, como define sua qualidade de vida agora (Saúde, Moradia, Emprego, etc.)?

2.5.1 O Relacionamento com a sociedade portuguesa – portuense

- Quando chegou em Portugal, possuía ideias a respeito dos portugueses?
- Como são essas ideias hoje?
- Como se dá, hoje, o seu relacionamento com os portugueses? (AMIZADES)
- Se possui filhos, como é o relacionamento deles com os portugueses?
- Se a nacionalidade do cônjuge for portuguesa, como se dá seu relacionamento com ele em termos de diferenças culturais?
- Como se dá o seu relacionamento com os colegas de trabalho?
- Como são as suas relações com outros brasileiros?
- O que faz durante os finais de semana ou em dias de lazer?
- Já sofreu ou sofre algum tipo de discriminação negativa por ser brasileira em Portugal?
Se sim, poderia relatar como foi/está sendo?
- Você já se utilizou ou se utiliza de algum tipo de comportamento fora do habitual ao se relacionar com portugueses temendo algum tipo de discriminação? Se sim, como foi/está sendo?
- Você acredita que mulheres de diferentes cores de pele e de diferentes regiões do Brasil recebem tratamentos diferenciados por portugueses, especificamente, no Porto?
Se sim, porquê?

2.5.2 A Relação com a Associação

- Quando e como teve conhecimento da Associação?
- Por que procurou a Associação?
- Que tipos de auxílios tem/teve da associação?
- Você participa/participou de atividades promovidas pela Associação (Jantas, encontros recreativos, atividades educacionais, de sociabilidade, integração, palestras, etc.) ? Se sim, quais?
- Estes auxílios até que ponto influenciam/influenciaram na sua vida aqui no Porto?

- O que mudou na sua estada em Portugal depois do acompanhamento da Associação?
- Está satisfeita com o desempenho da Associação?
- Como você vê a situação das Associações de Imigrantes brasileiros aqui no Porto?
- Quando você associou-se recebeu alguma cópia do estatuto da Associação?
- Que tipo de apoio prestado pelas Associações acredita ser necessário e que ainda não tem? E, se já tem, acredita que deve ter alguma melhora quanto à execução de algum programa?
- Acredita ser necessária a implementação de programas específicos voltados à integração de mulheres brasileiras em sociedade portuguesa, em especial, portuense? Por quê? Se sim, quais?

2.6 O Regresso

- Como está a sua situação de autorização e visto no país?
- Pretende voltar para o Brasil? Porquê?
- Quais fatores que influenciam na sua tomada de decisão?
- Quais planos possui para o futuro?